FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

CLEDENICE BLACKMAN

DO MAR DO CARIBE À BEIRA DO MADEIRA: A comunidade antilhana de Porto Velho

Porto Velho

2015

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

CLEDENICE BLACKMAN

DO MAR DO CARIBE À BEIRA DO MADEIRA: A comunidade antilhana de Porto Velho

Dissertação apresentada ao Mestrado em História e Estudos Culturais para obtenção do título de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Historicidades Amazônicas (HA).

Orientadora: Profª. Drª Odete Burgeile

Porto Velho

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

B629d

Blackman, Cledenice.

Do Mar do Caribe à Beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho / Cledenice Blackman, Porto Velho / RO, 2015.

121 f : il.

Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, 2015.

Orientadora: Profª. Drª Odete Burgeile.

1. Antilhanos/as 2. Barbadianos 3. Estrada de Ferro Madeira Mamoré 4. Porto Velho I. Burgeile, Odete . II. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR III. Título.

CDU: 930(811.1)

Bibliotecária Responsável: Cledenice Blackman CRB11/907

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Núcleo de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais

ATA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Identificação da pós-graduanda

Programa de Pós-Graduação	Mestrado em História e Estudos Culturais	
Pós-Graduanda	Cledenice Blackman	Ano de Ingresso: 2013
Título da dissertação	DO MAR DO CARIBE À BEIRA DO MADEIRA: A comunidade antilhana de Porto Velho	Nível: Mestrado
Orientadora Profa. Dra.	Odete Burgeile	

Indicação da Defesa de Dissertação de Mestrado

Dia: 13/8/15	Hora: 9 horas
Local: Auditório do Prédio de Desenvolvimento Regional	

Composição da Comissão Julgadora

Comissão Julgadora		
Titulação	Nome Completo das Docentes	Nome (sigla) e Local de Instituição
Presidente: Profa. Dra.	Odete Burgeile	UNIR
Examinadora Externa: Profa. Dra.	Cláudia Maria Fernandes Corrêa	Mestrado em Letras-UNIR
Examinadora Interna: Profa. Dra.	Lilian Moser	UNIR

Abertura dos Trabalhos: às 9h, a presidente da banca apresentou a pós-graduanda, o título da respectiva **Dissertação de Mestrado** e os membros da Comissão Julgadora, dando a palavra inicialmente à pós-graduanda, que teve trinta minutos, no máximo, para expor sua **Dissertação**. Em seguida, passou a palavra à Comissão Julgadora, cujos membros tiveram, no máximo, vinte minutos para as respectivas arguições, bem como à pós-graduanda o direito de resposta, em, no máximo trinta minutos.

Parecer da Comissão Julgadora: tendo a pós-graduanda respondido as questões em tempo hábil, após apresentarem considerações finais sobre a **Dissertação**, os membros da Comissão Julgadora emitiram parecer pela APROVAÇÃO da candidata.

Encerramento dos Trabalhos: às 11h, a presidente da banca, ouvindo os demais membros da Comissão Julgadora, lavrou esta Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado, que será encaminhada à Coordenação do *Programa de Pós-Graduação* em História e Estudos Culturais, para a devida homologação.

Comissão Julgadora		
Titulação	Nome Completo das Docentes	Assinatura das Docentes
Presidente: Profa. Dra.	Odete Burgeile	
Examinadora Externa: Profa. Dra.	Cláudia Maria Fernandes Corrêa	Cláudia Maria Fernandes Corrêa
Examinadora Interna: Profa. Dra.	Lilian Moser	

DEDICATÓRIA

Em especial a minha mãe Leonilce de Nazaré Blackman
Minha irmã de coração Márcia Adriana Shockness Arrais
Afilhada Marcele Hadriele Shockness Martins.
A todas as famílias antilhanas que resistiram, ao tempo e as adversidades, e ainda residem, em Porto Velho, de forma peculiar aos representantes das famílias: Blackman, Johnson, Maloney, Rhodius, Siqueira (Squires) e Shockness.
Em memória aos meus bisavôs maternos: Preston Blackman e Constânça Goodrich e aos avôs maternos: Elton Blackman e Maria Rocha Blackman.
Em memória ao amigo James da Silva Taveira.
A todos(as) que são apaixonados pela História Regional, e para aqueles, que direta e indiretamente contribuíram para mais esta conquista acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram às pessoas que contribuíram de forma direta e indireta para realização desse trabalho, pesquisa e sonho que se materializa em realidade, através da dissertação, intitulada ***Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho***, porém gostaria de agradecer o apoio indispensável de algumas pessoas:

A orientadora Profª. Drª. Odete Burgeile por sua competência, orientação, base teórico-metodológica no decorrer de todo trabalho, assim como, o apoio e compreensão nos momentos mais difíceis.

A todos que compõem o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais - MHEC da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento de parte desta pesquisa.

A todos do Departamento em História da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, em especial Profª. Drª Lilian Maria Moser e o Profº. Drº Alexandre Pacheco.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRO/Reitoria na pessoa do Magnífico Reitor Profº Drº Uberlando Tiburtino Leite e em especial aos colegas que compõem a Pró-Reitora de Ensino – PROEN, destacamos a Profª. Ma. Maria Fabíola Moraes da Assumpção Santos.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRO, especialmente, na pessoa do Diretor Geral do Campus de Ariquemes, o Profº. Osvino Schimidt.

À Beatriz Bezerra Pereira da Costa pela amizade, paciência para ler o texto e apontar algumas incoerências, além da indicação do tradutor do abstract por Emerson Salvador de Lima.

À Saulo Gomes de Souza pela amizade e contribuição na tradução do resumo para o espanhol.

Aos amigos e colegas da II Turma do Programa de Mestrado em História e Estudos Culturais (2013/2) pelo apoio, conversas e questionamentos que contribuíram para o amadurecimento deste trabalho.

Aos primos-irmãos Márcia Adriana Shockness da Silva Arrais e Kaltman Shockness Simôa pelas conversas, pelo fornecimento e autorização de reprodução de informação e imagem referente aos/as antilhanos/as de Porto Velho.

À descendente Mônica Cristina Redman de Farias pela amizade compartilhada durante o processo de produção desta dissertação.

À Gizele de Melo Viana pela paciência que teve para ler este trabalho ainda em sua fase inicial.

Ao meu Deus supremo criador e mantenedor, aos amigos e familiares de descendentes dos/as antilhanos/as de Porto Velho, Vitória e Belém pela participação, colaboração e confiança no fornecimento de materiais e informações que contribuíram de forma essencial para realização desta Dissertação de Mestrado.

Em especial não posso deixar de lembrar a confiança, carinho e atenção das famílias Blackman, Johnson, Maloney, Rhodius, Siqueira e Shockness.

Por fim, reconhecemos e agradecemos de maneira especial à participação particular da família, principalmente, Leonilce de Nazaré Blackman, que sempre esteve disposta a contribuir na realização dos meus sonhos. À paciência que demonstrou a minha pequena afilhada Marcele Hadriele Shockness Martins durante a fase de reclusão e ausência necessária ao processo de construção do texto dissertativo.

[...] No começo do século XX,
O que era bom acabou-se,
E com a concorrência alemã
Uma coisa ruim formou-se
Pois no Caribe caiu
O preço da batata doce...

E com a batata alemã
Ganhando um grande mercado,
Os habitantes caribenhos
Ficaram desesperados.
Iniciando uma imigração
Com todos já contratados...

Chegando aqui, no Brasil,
Veja só como é que é,
Ajudaram na construção
Da Madeira-Mamoré,
Sendo os únicos autorizados
A trazer filho e mulher...

[...] E isso é só para quem pode,
Quando chegaram em Porto Velho,
Com sua estirpe de nobre.
Foram instalados em um bairro
Chamado “Alto do Bode”

[...] Mas com a saudade no peito,
Os Negros lá do Caribe,
Se adaptaram direito,
Não se descaracterizando,
Vivendo o seu próprio jeito [....]

“Babardianos” **Vivências de um Pertencimento**.
(Josimar Francisco Brandão)

RESUMO: Este trabalho intitulado *Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho* foi embasado no campo, dos Estudos Culturais, de maneira mais específica, na Linha de Pesquisa Historicidades Amazônicas. Utilizamos fontes bibliográficas, documentais, iconográficas, audiovisuais e orais. Como suporte teórico foi utilizado autores como Williams (1969), Said (1990; 2011), Hall (2003; 2006), Canclini (2011), Bhabha (2013). Diante disso, foi possível identificar o quantitativo de vinte nove (29) antilhanos/as que imigraram para Porto Velho, no início do século XX, com objetivo, de trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM ou fora do âmbito ferroviário. Conseguimos identificar alguns apontamentos, sobre o processo migratório, na comunidade antilhana e a procedência, ou seja, de qual país caribenho era originário os/as antilhanos/as. Destacamos, algumas contribuições culturais e sociais dos/as antilhanos/as de Porto Velho através do bairro *Barbadian Town*, considerado uma das primeiras organizações sociais, formada por estes/as negros/as imigrantes do Caribe inglês, assim como elaboramos através do confronto entre a base documental e historiográfica quatro (4) versões, no que diz respeito à nomenclatura do reduto dos/as antilhanos/as, ou seja, o *Barbadian Town* versus Alto do Bode. Indicamos alguns motivos que incentivaram as autoridades da época a demolir o referido bairro. Enfatizamos a tentativa de estabelecer no bairro Triângulo um novo *Barbadian Town*. Apontamos como se procedeu o abrasileiramento na comunidade antilhana de Porto Velho. Evidenciamos e comprovamos a influência dos textos históricos regionais na colaboração de conceitos, termos, dados, genéricos e ambíguos sobre os/as negros/as antilhanos/as que foram construindo o nosso objeto de estudo de maneira histórica e discursiva através das obras regionais que versam sobre o processo histórico portovelhense, como sendo, os Barbadianos. Entretanto, nossa pesquisa vem contribuir no sentido do reconhecimento das identidades, dos/as imigrantes negros/as das Antilhas, o qual utilizamos a nomenclatura antilhanos/as, como melhor forma, de denominação para uma comunidade multicultural. Nesse sentido, tratamos sobre a imigração, cultura e identidade deste grupo para Amazônia, mais principalmente, para Porto Velho.

Palavras-Chave: Antilhanos/as. Barbadianos. Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Identidade. Porto Velho.

ABSTRACT: This job, named *Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho,* was based on cultural studies, or, more specifically, on lines of Amazonic Historicity lines os researchs. The kinds of research we used were bibliographic, desk research, iconographic, audio-visual, and also oral. As a technical support, the authors used in this job were Williams (1969), Said (1990; 2011), Hall (2003; 2006), Canclini (2011), Bhabha (2013). Based on it, was possible to identify 29 (twenty nine) Antilleans who moved in Porto Velho, on beginning of XX century, in order to work on the building of Railroad Madeira Mamoré, or even in other areas. It also was possible to identify some appointments about the migratory process in the Antillean community, including their origins, or, which Caribbean country they came from. We highlighted some social and cultural contributions made by the Antilleans living in Porto Velho, with the Barbadian Town district, considering one of the first social organizations, formed by these black immigrants from English Caribbean, and also elaborated, based on documents and history, 4 (four) versions, concerning to the nomenclature of the Antilleans stronghold, which means, Barbadian Town versus Alto do Bode. We emphasize the attempts of turning Triângulo district into a new Barbadian Town. We indicate how occurred the incidence of Brazilian culture in Porto Velho's Antillean community. We also demonstrated and confirmed the influence made by regional historic texts about concepts, terms, generic and ambiguous data of black Antilleans, which is, in fact, the principal goal of this study, built in historical and discursive way, because local most part of local works treat them as Barbadian people. Therefore our research contributes by recognizing the identity of black Antilleans immigrants, that we use the word "Antilleans" as a better way of nomination for this multicultural community. Concluding, this work treats about immigration, culture and identity of this group for the Amazonia, more specifically, to this city of Porto Velho.

Key-words: Antilleans. Barbadians. Railroad Madeira Mamoré. Identity. Porto Velho.

RESUMEN: Este trabajo intitulado *Del Mar del Caribe hasta la orilla del Madeira: La comunidad antillana de Porto Velho* fue embasado en el campo de los estudios culturales, de manera más específica, en la Línea de Investigación Historicidades y Culturalidades Amazónicas. Utilizamos fuentes bibliográficas, documentales, iconográficas, audiovisuales y orales. Como suporte teórico tomamos a autores como Willians (1969), Said (1990.; 2011), Hall (2003; 2006), Canclini (2011), Bhabha (2013). De este modo, fue posible identificar el cuantitativo de veinte y nueve antillanos/as que inmigraron hacia Porto Velho, en comienzos del siglo XX, con el objetivo de trabajar en la construcción del ferrocarril Madeira Mamoré – EFMM o fuera del ámbito ferroviario. Logramos algunos apuntamientos acerca del proceso migratorio en la comunidad antillana y la procedencia, o sea, de cual país el caribeño eran originarios los/as antillanos/as. Señalamos, algunas contribuciones culturales y sociales de los/as antillanos/as de Porto Velho a través del barrio *Barbadian Town,* barrio que ha sido considerado una de las primeras organizaciones sociales, formada por los/as negros/as inmigrantes del Caribe inglés, así también hemos elaborado por medio de la confrontación entre la base documental y historiográfica cuatro (4) versiones referentes a la nomenclatura del reducto de los/as antilhanos/as, es decir, el *Barbandian Town* frente al *Alto do Bode*. Indicamos algunos motivos que han incentivado las autoridades de la época a demoler dicho barrio. Destacamos el intento de establecer en el barrio *Triângulo* un nuevo *Barbadian Town*. Apuntamos como se desarrolló el proceso de ***brasilianización*** en la comunidad antillana de Porto Velho. Hemos evidenciado y comprobado la influencia de los textos históricos regionales en la contribución de conceptos, términos, datos genéricos y ambiguos acerca de los/as negros/as que han construido nuestro objeto de estudio de manera histórica y discursiva por medio de las obras regionales que versan acerca del proceso histórico portovelhense, calificándolos como: los Barbadianos (barbadenses). Sin embargo, nuestra investigación viene contribuir en el reconocimiento de las identidades, de los/as inmigrantes negros/as de las antillas, el cual utilizamos la nomenclatura antillanos/as, como la mejor forma de denominación para una comunidad multicultural. En este sentido, hemos tratado acerca de la inmigración, cultura e identidad de este grupo para la Amazonía.

Palabras clave: Antillanos/as. Barbadenses. Ferrocarril Madeira Mamoré. Identidad. Porto Velho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa do Caribe..... 34
Figura 2 Planta de Porto Velho 1917..... 48
Figura 3 Fotografia da Casa da Família Shockness (Frente)..... 54
Figura 4 Fotografia da Casa da Família Shockness (Lateral)..... 55
Figura 5 Chatell Houses em Barbados……..... 56
Figura 6 Casas de Porto Velho..... 56
Figura 7 Women play cricket in St. Lucia – 1905……..... 58
Figura 8 Antilhanas na Lavanderia em Porto Velho em 1910..... 68
Figura 9 Rua Divisória..... 72
Figura 10 Km 1 da Madeira Mamoré..... 73
Figura 11 Fotografia do casal Olga Edid Siqueira e Geraldo Siqueira.. 77
Figura 12 Fotografia do casal senhor Calton e dona Beatriz..... 82
Figura 13 Mapa da América Central..... 103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Representantes dos Estudos Culturais.....	24
Tabela 2	Casamento entre Imigrantes Antilhanos/as Ingleses e Brasileiro/a.....	83
Tabela 3	Lista de nomes abrasileirados – 1ª Geração de antilhanos/as.	85
Tabela 4	Lista de Nomes Abrasileirados – 2ª Geração de Antilhanos/as	85
Tabela 5	Ascendência dos informantes da 1ª e 2ª geração.....	90
Tabela 6	Funcionários Estrangeiros da Extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré.....	97
Tabela 7	Procedência da Comunidade Antilhana de Porto Velho.....	105
Tabela 8	Antilhanos/as não Efetivados na Ferrovia Madeira Mamoré.	106

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 Amostragem de Imigrantes Antilhanos/as**.....** 107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 14

SEÇÃO 1 – CULTURA E IDENTIDADE..... 24

SEÇÃO 1.1 - Cultura de Minoria versus Multiculturalismo..... 25

SEÇÃO 1.2 – Multiplicidade Cultural..... 29

SEÇÃO 2 - BREVE HISTÓRIA DAS ANTILHAS INGLESAS..... 34

SEÇÃO 2.1 - Barbados..... 36

SEÇÃO 2.2 – Granada..... 37

SEÇÃO 2.3 – Guiana Inglesa..... 38

SEÇÃO 2.4 - Barbados um ponto estratégico..... 38

SEÇÃO 2.5 – A imigração da Comunidade Antilhana para Amazônia..... 40

SEÇÃO 3 - DO MAR DO CARIBE À BEIRA DO MADEIRA..... 45

SEÇÃO 3.1 – O *Barbadian Town* como representação da cultura antilhana em Porto Velho..... 47

SEÇÃO 3.2 - O elo entre *Barbadian Town* Versus Barbados..... 61

SEÇÃO 3.3 - A demolição do *Barbadian Town*..... 65

SEÇÃO 3.4 – O Bairro Triângulo como nova tentativa de espaço cultural..... 73

SEÇÃO 3.5 – O processo de abrasileiramento da Comunidade Antilhana..... 78

SEÇÃO 4 - OS DISCURSOS DA HISTORIOGRAFIA REGIONAL SOBRE A COMUNIDADE ANTILHANA DE PORTO VELHO 87

SEÇÃO 4.1 - A IDENTIDADE FORJADA: Afinal quem são os barbadianos de Porto Velho?..... 93

SEÇÃO 4.2 - Os antilhanos uma nova tentativa identitária..... 101

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 108

REFERÊNCIAS..... 112

ANEXOS..... 122

INTRODUÇAO

Explicamos aqui aos leitores algumas das motivações, aspirações e percalços desta pesquisa, que foi iniciada em meados de 2005, ainda na graduação em História na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Nossa pesquisa nos possibilitou a escrita da monografia denominada *Os Barbadianos* e as Contradições da Historiografia Regional[1] que foi defendida no ano de 2007, a partir de então, passamos a nos dedicar a busca, obtenção e coleção de fontes, de cunho, oral, iconográfica, audiovisual, documental relativa ao tema em tela. Mas, como pesquisadora sobre a temática da Comunidade Antilhana[2] que são os imigrantes que partiram do Caribe inglês para Porto Velho, vivenciamos algumas dificuldades que acabaram contribuindo para melhorar os resultados da pesquisa.

Primeiramente, esclarecemos sobre nossas motivações. Apesar de existirem outras observações, elencaremos apenas três no sentido do/a leitor/a compreender algumas de nossas inquietações e questionamentos: 1) primeiramente perpassa a questão pessoal, pois fazemos parte da quarta geração da presença antilhana em Porto Velho; 2) as imigrantes mulheres antilhanas são retratadas em alguns textos como sendo utilizadas para atividades de meretriz[3]. A questão é que o discurso da historiografia regional, abordava a temática, sempre de maneira linear, sem levar em consideração, a multiculturalidade, heterogeneidade e diversidade sócio-cultural da imigração antilhana para Porto Velho; 3) a nossa inquietação e discordância referente a alguns dados, informações e conceitos disseminados por meio das obras regionais, no que diz respeito a comunidade antilhana, nos motivou-nos a buscar e trabalhar com fontes diversificadas que serão esboçadas mais adiante. Alguns

---

[1] Trabalho monográfico que teve como finalidade apresentar algumas contradições existentes no discurso vigente da Historiografia Regional, precisamente sobre os *barbadianos* de Porto Velho que são conhecidos como os trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Utilizamos nesta pesquisa obras regionais que mencionam os afro-caribenhos confrontando com entrevistas dos *barbadianos* e seus descendentes. Além da utilização de pesquisas recentes sobre essa temática. Mostrando a diversidade étnica, social e cultural desse grupo que foi reduzido a certos conceitos ambíguos e contraditórios (BLACKMAN, 2007). Orientadora: Prof.ª Drª Lilian Maria Moser e Co-Orientadora Profª. Drª. Marta Valéria de Lima.

[2] Esclarecemos que trabalharemos com a categoria e nomenclatura comunidade antilhana no sentido de ampliar a visão homogênea descrita na historiografia regional. Com isso, no decorrer do texto o(a) leitor(a) aprofundará sobre a temática ficando evidente que o termo acima mencionado seria o mais adequado para nos apropriar, tendo em vista, que retrata sobre imigração, cultura e historicidades de um grupo heterogêneo imigrante de diversos países localizados nas Antilhas inglesas e/ou Caribe Inglês como exemplo: Barbados, Trinidad and Tobago, Granada dentre outros.

[3] Foi permitido acesso à bebida e as **prostitutas negras de Barbados** (GAULD, 1996, p. 191) [Grifo Nosso].

exemplos como a nomenclatura, classificação e denominações historiográficas que conceituam *barbadianos,* como sendo, uma titulação que possibilita aparentemente a homogeneização de um grupo, amplamente difundindo, e oriundos etnicamente das diversas ilhas caribenhas inglesas. Sendo que trechos, citações e depoimentos de imigrantes e/ou de pessoas ligadas diretamente/indiretamente à comunidade antilhana, nos incentivaram a buscar e preencher a lacuna sobre a identificação das nacionalidades dos/as imigrantes antilhanos/as que vieram para Porto Velho no início do século XX. Como exemplo, recorremos às descrições logo abaixo:

> [...] ele era de Georgetown. Não era barbadiano. Com essas palavras, Mãe Filó, do alto dos seus 95 anos, fez uma revelação histórica acerca dos negros que vieram para a região, no começo do século XX: havia barbadianos e "barbadianos", **estes, por racismo, comodismo histórico e oficial, foram erroneamente identificados, excluindo-se suas nacionalidades** (MATIAS, 2007, p. 1) [Grifo Nosso].

> eu conto mais da ilha de Granada onde papai nasceu...o que ocorre é que aqui em Porto Velho [...] **eles acham que toda pessoa de cor é barbadiano** [..]. todo mundo que fala inglês aqui, dizem que é barbadiano. (MENEZES,1998, p. 32).

> [...] Qualquer um que conheça um pouco da história regional saberá identificar os "barbadianos" e estes, com certeza, formam um importante parcela da identidade regional. **O que é preciso é identificar suas origens, sua religiosidade e suas nacionalidades verdadeiras**. Seus filhos, netos e bisnetos participaram ativamente do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo (MATIAS, 1998, p. 2).

No sentido, de responder a algumas de nossas dúvidas e inquietações iniciamos nosso processo de reconhecimento da identidade dos(as) imigrantes antilhanos(as), que chegaram a Porto Velho, no início do século XX possibilitou compreender, esclarecer e contribuir com nossa História Regional. Conseguimos identificar uma média de vinte nove imigrantes que partiram do Caribe inglês em busca de melhores condições de vida e de trabalho em terras amazônidas. Contudo, vamos esclarecer também, que os/as imigrantes não foram apenas absorvidos nos trabalhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), mas também em outras atividades econômicas desmitificando o mito de que imigraram para trabalhar apenas nos serviços da referida ferrovia. Vamos enfocar, sobre como se processou o abrasileiramento desse grupo étnico de colonização inglesa dentre outras contribuições historiográficas regionais.

Dedicar-nos-emos a ilustrar alguns percalços que, de certa maneira, acabaram por motivar e incentivar a continuidade da pesquisa. As dificuldades de

acesso às fontes documentais, haja vista que o nosso Centro de Documentação Histórica do Estado de Rondônia – CDH-RO, nos anos de 2005 e 2006 não tinha uma organização catalográfica. Passamos uma média de seis (6) meses frequentando o CDH-RO em busca de fontes jornalísticas, bibliográficas e documentais, fato ocorrido também no Centro de Documentação do Tribunal de Justiça, o qual frequentamos pelo período de um (1) a dois (meses). Logo após, visitamos o arquivo do 5º Batalhão de Engenharia e Combate Blindado (5º BEC). Fomos agraciados com uma listagem contendo os nomes dos ex-trabalhadores/as da extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM). Em seguida, obtemos a informação que durante a década de 1990 foram enviadas várias caixas ao Ministério do Transporte em Brasília que continham inúmeras fichas funcionais dos/das trabalhadores/as, com dados preciosos para nossa pesquisa. Enfatizamos que tivemos acesso a Ficha Funcional do servidor falecido Oscar Depeiza Maloney que consta no Anexo B6 desta dissertação. Vale salientar, que a documentação foi cedida por Dona Ursula Maloney, filha primogênita do ferroviário supramencionado e grande incentivadora dessa pesquisa.

Enfatizamos que muitas foram as motivações, aspirações e os percalços. Entretanto, foram superados e contribuíram para o nosso crescimento científico e acadêmico. Esperamos que aqueles, que tiverem acesso a este material possam se beneficiar diante da nossa contribuição. Intitulamos nosso trabalho ***Do Mar do Caribe a Beira do Madeira:*** *A comunidade antilhana de Porto Velho* ele vem ilustrar a presença, a imigração, a trajetória, a identidade e a permanência dos(as) antilhanos/as ingleses/as na Amazônia brasileira, mais precisamente, em Porto Velho, desde o início do século XX. Ainda mostramos como nosso sujeito de estudo, a comunidade antilhana, foi sendo construída e retratada nas obras regionais.

Neste trabalho investigatório, cuja temática central é a comunidade antilhana,[4] imigrantes que chegaram a Porto Velho,[5] no início do XX. Pretende indicar por meio de alguns objetivos: apontar algumas das motivações sobre o processo migratório da comunidade afro-caribenha da região das Antilhas inglesas para Porto Velho,

---

[4] Este termo utilizado nesta dissertação está vinculado ao sentido genérico atribuído a todas as nacionalidades que fazem parte da região das Antilhas, conhecida como Caribe inglês, e que foi colonizada pela Inglaterra, incluindo não apenas, a ilha de Barbados, mas as demais ilhas caribenhas de colonização inglesa, assim como, relacionada à imigração caribenha de mulheres, homens e crianças sem distinção.

[5] Era uma cidade que, com a construção, estava surgindo nessa região da Amazônia. FERREIRA, 2005, p 243.

identificando a procedência de vinte nove (29) imigrantes, ou seja, vamos trabalhar com amostragem, tendo em vista que segundo Ferreira (2005, p. 212) “durante o ano de 1910, chegaram a Porto Velho, contratados pela companhia, seis mil e noventa homens (6.090) [...] **Antilhas e Barbados**, 2.211 [...]” [Grifo Nosso].

Evidenciar, descrever e comprovar sucintamente a influência dos textos históricos regionais na colaboração de conceitos, termos, dados, genéricos e ambíguos sobre os antilhanos que foram construídos histórica e discursivamente por meio das obras regionais que versam sobre o processo histórico portovelhense como sendo os *Barbadianos.* Vamos apresentar alguns dos sobreviventes da primeira geração e familiares desta comunidade que imigraram no período da construção da Ferrovia Madeira Mamoré incentivados, pelos trabalhos desta ferrovia ou fora do âmbito ferroviário.

Entretanto, esclarecemos que o trabalho monográfico nomeado: Os *barbadianos* e as contradições da historiografia regional apontou e apresentou de maneira minuciosa algumas contradições existentes no discurso vigente da Historiografia Regional de Rondônia. Contudo, deixamos evidente que neste texto não vamos enfocar estas nuances de forma central, apenas como maneira de situar os leitores que o trabalho atual de certa maneira, é conseqüência, da pesquisa anterior, visto que, já trabalhamos e evidenciamos as incongruências na monografia.

Constatamos um número significativo de famílias remanescentes dos afro-caribenhos em Porto Velho, que contribuíram para a constituição deste município. Destacaremos algumas contribuições culturais e sociais dos antilhanos de Porto Velho, no bairro *Barbadian Town*, considerado uma das primeiras organizações sociais, formada por estes negros imigrantes do Caribe inglês, assim como a constituição de visões sobre o nome *Alto do Bode* ao invés de *Barbadian Town*.

Discutiremos e apontaremos alguns fatores endógenos e exógenos que desencadearam o processo de abrasileiramento da comunidade antilhana de Porto Velho.

Nossa pesquisa justifica-se em consequência da necessidade de ampliação de pesquisas sobre a comunidade antilhana que por quase um centenário,[6] vem sendo retratada nas pesquisas, livros e estudos anteriores, como sendo os *barbadianos* que de certa maneira constitui como a problemática inicial de nossa

[6] Em 2014 o município de Porto Velho criado em 02 de outubro de 1914 completou cem anos.

investigação, desde a produção da monografia no bacharelado em História, na Fundação Universidade Federal de Rondônia (2003-2007). Com isso, escritores, historiadores, cronistas e viajantes que escreveram sobre a História da Amazônia e a História Regional de Rondônia[7] mascararam, limitaram, generalizam e/ou homogeneizaram a realidade sobre a identidade dos imigrantes afro-caribenhos. Tendo em vista que os barbadianos que chegaram a Porto Velho, no início do século XX, são de fato imigrantes antilhanos/as, mas "foram todos *apelidados de Barbadianos*" (FERREIRA, 1969, 47). Diante dessa situação, surgiram duas (2) perguntas principais, que problematizam, fundamentam e permeiam nossa pesquisa: Quem são os/as antilhanos/as? De onde imigraram os/as antilhanos/as que chegaram a Porto Velho?. Estes questionamentos fazem parte da problemática desta pesquisa.

Diante do fato exposto torna-se evidente a generalização e a necessidade, mesmo que de maneira inicial, de estudos sobre a identidade migratória do negro do Caribe inglês. Buscamos esclarecer às motivações que incentivaram a imigração, a localização, a permanência, a cultura, os discursos propagados pela produção historiográfica e sua herança no contexto histórico portovelhense.

Vale ressaltar que alguns autores como H. M. Tomlinson usam o termo "negroes and negresses" (1912, p. 163). Menezes N. amplia para caribenhos em pesquisas mais recentes (2010), porém a pesquisadora Odete Burgeile na dissertação intitulada "*Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho – RO*" (1989) já mencionava o termo

---

[7] TOMLINSON, H. M. **The Sea and Jungle**. 1912; NEVILLE, B. Craig. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. História Trágica de Uma Expedição. 1947; NOGUEIRA, Julio. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**. 1959; FERREIRA, Manoel Rodrigues, **A Ferrovia do Diabo**. 1995; SOUZA, Márcio, **Breve História da Amazônia**, 1994; COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós. 1993; SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. 1971; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias** (Belém, Séculos XX e XXI) 2006. FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional: Rondônia**. 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. 1998; HARDMAN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma**. 1998; FERREIRA H, **Reminiscências da Madmamrly e outras**. 1969; CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho**. 1930; SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 1980; GAULD, Charles A. Farquhar, **Último Titã**. 2006; FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos: Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. 2010; MENEZES, Nilza. **Mocambo: com feitiço e com fetiche** (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho. 1999; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens Afrodescendentes de Porto Velho** – Os Caminhos para Auto-Afirmação. 2006; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX** / Sonia Maria Gomes Sampaio. 2010; BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho – RO**. 1989.

relacionado à comunidade antilhana como sendo bilíngue e multifacetada constituída por imigrantes de diversas nacionalidades da região das Antilhas. Contudo, delimitou sua pesquisa aos imigrantes de apenas duas ilhas caribenhas, ou seja, de Barbados e Granada, avançando nas contribuições relativas ao grupo em destaque no ano de 2009 com a produção da tese nomeada de "*Um estudo Sociolingüístico dos Afro-amazônidas no Brasil a Imigração e a Mudança de língua*".

Esclarecemos algumas das fontes primárias documentais[8] que compuseram nossa pesquisa: 1) Osvaldo Cruz[9], Carlos Chagas, Afrânio Peixoto sobre o Saneamento da Amazônia[10], 2) Relatório sobre as Condições Médico-Sanitárias do Vale Amazonas, 3) Madeira Mamoré Railway Company – Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias do Rio Madeira – 1910 escrito pelo médico sanitarista Osvaldo Cruz, 4) Relatório apresentado pelo doutor Carl Lovelace[11].

Como fontes primárias bibliográficas foram utilizadas entre diversas obras: *Estrada de Ferro Madeira Mamoré* escrita por Neville B. Craig[12], *The Sea and Jungle* escrita por H. M. Tomlisson[13] e *Estrada de Ferro Madeira Mamoré* escrita por Júlio Nogueira[14]. Entretanto, utilizamos o livro *Ferrovia do Diabo* escrito pelo jornalista Manoel Rodrigues Ferreira, classificado como obra secundária, mas que reúne fontes de cunho primárias sobre a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, sendo assim, de fundamental importância de análise. Tendo em vista, que a obra bibliográfica em tela para alguns pode ser considerado como "[...] trabalho definitivo sobre essa ferrovia e deveria ser literatura obrigatória em todas as escolas do Brasil" (ESTRADA, 2008, p. 1).

---

[8] Quatro (4) relatórios que trazem informações sobre o povoamento de Porto Velho durante o período de 1909 a 1912.

[9] [...] ligou definitivamente a Amazônia em três oportunidades: a primeira em 1910 quando foi convocado pela empresa construtora da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. DAOU, 1972, p. 1.

[10] Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias do Rio Madeira pelo Dr. Osvaldo Gonçalves Cruz, Relatório sobre as Condições Médico-Sanitárias do Vale do Amazonas dentre outros relatórios, publicados em 1972. Editado por Philipe Daou.

[11] No dia 05 de fevereiro de 1908, chegou a Porto Velho mais um médico, o Dr. Lovelace, que em julho substituiu o Dr. H. P. Belt. FERREIRA, 1995, p. 232.

[12] Engenheiro norte-americano [...] que em 1905 publicou nos Estados Unidos seu livro, traduzido para o Português e publicado sob o título "Estrada de Ferro Madeira-Mamoré", em 1947, na Coleção Brasiliana [...] Livro que narra às tentativas de construção que se deram no Século 19. Fonte: Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biomanoel.html. Acesso em 04 de abr. de 2010.

[13] Autor do livro "The Sea and Jungle" que foi publicado em 1912 e é primeiro livro de Henri Major Tomlinson (1873 – 1958) sobre sua viagem à bordo de um vapor até Porto Velho retratando 1909 – 1910. Fonte: Disponível em: http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm. Acesso em 20 de out. de 2014.

[14] Escritor do Jornal do Comércio, em [...] 31 de janeiro de 1913, estampou na íntegra a notícia sobre a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que escreveu após uma visita que fez a região. NOGUEIRA, 1959, p. 9.

Utilizaremos também algumas fontes iconográficas do acervo fotográfico de Danna Merril,[15] contratado pela Madeira Mamoré Railway Company, para registrar inúmeras fotos durante o período de 1909 a 1910 em Porto Velho e ao longo, da extensão férrea. E também contamos com a colaboração de algumas famílias remanescentes: Blackman, Dubois, Johnson, Maloney, Rhodius, Siqueira e Shockness que nos forneceram dados, informações, fotografias, reportagem jornalística, cartas e outros materiais que servem como fundamento metodológico para construção do nosso trabalho.

Recorremos a outras fontes documentais a exemplo de sete cartas[16] que retratam e comprovam o diálogo de antilhanos que conseguiram retornar ao seu país, mas precisamente, a ilha de Barbados. Apesar disso, continuaram ligados à comunidade antilhana que imigrou, localizou-se, permaneceu e constituíu famílias em Porto Velho, em razão do empreendimento da Construção da Ferrovia Madeira Mamoré ou através de iniciativas empreendedoras em outros ramos trabalhistas entre outras motivações conforme Anexo C.

Mencionamos também a utilização de fontes primárias documentais de cunho jornalístico e oito entrevistas feitas com: Arthur Winter, Aurélia Banfield, Elton Blackman, Filomena Suzana Tavares Denny[17], Marcos Challender, Silvestre Costa, Lucas Du Bissette e Norman Lucien Johnson conforme Anexo A. Registramos que os nomes mencionados são de descendentes diretos, ou seja, filhos e filhas da primeira geração de nascidos em Porto Velho, de antilhanos/as que imigraram no início do século XX para a região, com exceção, dos dois últimos supracitados, ou seja, Lucas Du Bissette[18] e Norman Lucien Johnson são imigrantes da Ilha de Granada. E por isso, representantes diretos dos/as antilhanos/as em Porto Velho. A maioria das entrevistas foi elaborada pelo do Projeto Pró-Memória realizado na década de 1980 no município de Porto Velho; já os jornais são do período de 1998-2004 e fazem parte do acervo do Centro de Documentação Histórica do Estado de Rondônia – CDH-RO conforme Anexo F.

---

[15] Encarregado de fotografar a saga da Madeira Mamoré contratado pelo empresário Percival Farquhar. Fonte: Disponível em: http://festcineamazonia.com.br/imprensa%2028-08-2007a.htm. Acesso em 06 de abr. de 2010.

[16] As cartas em inglês foram cedidas pelo diplomata Philip Andre Dubois que esteve em Porto Velho em dezembro de 2009. Fonte: Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=53294>. Acesso em 20 de out. de 2014.

[17] Entrevista feita por Francisco Matias. Ver: Anexo A7

[18] FERREIRA, R. **Nas Selvas Amazônicas**. São Paulo. Gráfica Biblos LTDA. 1961, p.156, 157.

No Centro de Documentação Histórica do Tribunal de Justiça de Rondônia – CDH-TJ/RO tivemos a oportunidade de acesso a três processos que contribuiu com informações sobre a procedência, profissão e outros dados sobre alguns/mas antilhanos/as que ficaram em Porto Velho conforme consta no Anexo B.

Registramos e acrescentamos que conseguimos como fonte documental de análise primária dois livros atas que pertencem atualmente ao acervo histórico do 5º Batalhão de Engenharia e Construção – 5º BEC, localizado na cidade de Porto Velho. Nestes livros, existe a transcrição de nomes de trabalhadores, pensionistas, aposentados e falecidos da extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Estimamos aproximadamente quase cinco mil nomes que constam nestes livros. Reconhecemos aproximadamente uma média de quase cem nomes ligados diretamente a sobrenomes de famílias remanescentes de antilhanos/as em Porto Velho.

Encontramos, nomes de imigrantes antilhanos/as, ou seja, a presença de nomes de pioneiros do Caribe inglês. Esta evidência é basilar da imigração antilhana à região de Porto Velho, incentivados pelo trabalho na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré ou fora do âmbito ferroviário.

Ressaltamos que tivemos acesso e manuseamos fontes originais, porém, de cunho mais pessoal, que são documentos particulares[19] como: certidão de nascimento, certidão de casamento, certidão de óbito, fotografias, cartas, entrevistas de jornais e um documentário[20] pertencente aos arquivos pessoais de famílias dos descendentes de antilhanos que imigraram, viveram e partiram de Porto Velho, sendo que porém, uma parte significativa permaneceu na Região de Porto Velho após o processo de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - EFMM.

Reiteramos os sobrenomes de algumas famílias nos cederam representativos materiais primários para a construção desta dissertação: Blackman, Johnson, Maloney, Rhodius, Shockness, Siqueira, e Dubois. Salientamos que, esta última família, conseguiu retornar a região do Caribe, para a ilha de Barbados.

Para balizar a nossa pesquisa vamos recorrer aos temas e conceitos vinculados aos pressupostos teóricos de autores como R. Williams (1969), Hall (2003, 2006) que privilegiam pesquisas sobre cultura. Em Roger Chartier (1988;

---

[19] Constam em anexo a documentação utilizada neste texto dissertativo.

[20] FUNDAÇÃO Nacional Pró-Memória. Vídeo: **A Ferrovia do Diabo**. Produção: MEC - SEC – Sphan – Fundação Nacional Pró-Memória em convênio com a TV Amazonas. Direção de Produção: Marco Antônio Guimarães. Imagens: Nelson Nay. 1981.

1991) observaremos os esclarecimentos sobre o conceito de representação. Já para as temáticas vinculadas à identidade, ao hibridismo cultural e multiculturalismo empregaremos as contribuições do teórico Stuart Hall (2003; 2006), Homi K. Bhabha (2013), Néstor García Canclini (2011), sendo que, para o embasamento teórico de historiografia recorremos a Erivan Cassiano Karvat (2005) e para referendar a memória utilizamos os estudos de Maurice Halbwachs (2006).

Este trabalho de investigação foi estruturado a partir de quatro seções: a primeira seção intitulada *Cultura e Identidade* visa descrever de maneira concisa, o surgimento dos Estudos Culturais, os principais teóricos, precursores e contribuições de temas voltados ao desenvolvimento dos conceitos de cultura, identidade, multiculturalismo, hibridismo e memória que servem de embasamento a nossa pesquisa.

Na segunda seção que tem por título *Breve História das Antilhas Inglesas*, será contemplada a contextualização sobre as ilhas antilhanas, especificamente, a pequena ilha de Barbados, Granada, Guiana Inglesa, destacando o porto de Barbados como base de distribuição do processo imigratório das Antilhas para a América Latina, a Europa, os Estados Unidos e o Brasil.

Na terceira seção *Do Mar do Caribe à Beira do Madeira,* enfatizaremos algumas contribuições de cunho cultural e social que os antilhanos deixaram no município de Porto Velho. Através da constituição do bairro *Barbadian Town*, considerado uma das primeiras organizações sociais formada por estes/as negros/as imigrantes das Antilhas. Assim como, apresentaremos algumas constituição de visão e representação produzida pela historiografia e memória, no que diz respeito a nomenclatura *Alto do Bode versus Barbadian Town*. Dessa maneira, tentaremos explicar como aconteceu o processo de abrasileiramento da comunidade afro-caribenha e apontar as principais motivações que levaram a dispersão do *Barbadian Town*, desencadeando, a demolição deste bairro incentivando o grupo de imigrantes antilhanos/as a criar/recriar uma nova tentativa de espaço cultural localizado no Bairro Triângulo.

Na quarta seção *Os discursos da historiografia regional sobre a comunidade antilhana de Porto Velho,* evidenciaremos a influência dos textos históricos regionais na colaboração de conceitos, termos, dados, genéricos e ambíguos sobre os antilhanos que, foram histórica e discursivamente por meio das obras regionais, que versam sobre o processo histórico portovelhense, como sendo, os *Barbadianos.*

Abordaremos também *A identidade forjada:* Afinal quem são os barbadianos de Porto Velho? Com o intuito de responder: bem como cartografar a procedência de vinte nove imigrantes das Antilhas de colonização inglesa que chegaram em Porto Velho no início do século XX.

Portanto, este é um trabalho acadêmico que visa contribuir com a discussão a respeito do processo imigratório, cultural e identitário dos imigrantes das Antilhas inglesas na Amazônia, mais precisamente, em Porto Velho, desde o início do século XX, ou seja, a delimitação temporal vai do ano de 1910 até meados da década de 1940, além de mostrar como nosso sujeito de estudo a comunidade antilhana, foi sendo, construída, retratada e disseminada por meio das obras regionais.

SEÇÃO 1 – CULTURA E IDENTIDADE

Esta seção 1 vai possibilitar descrever de maneira breve, alguns principais teóricos e precursores do campo dos estudos culturais[21], que foi iniciado em meados da década de 1950, na Inglaterra, através, da Corrente Leavisismo[22]. Contudo, destacamos três ícones abaixo relacionado, ligado ao surgimento dos Estudos Culturais e suas principais contribuições para a consolidação desta área.

REPRESENTANTES DOS ESTUDOS CULTURAIS		
AUTOR	**OBRA**	**ANO DE PUBLICAÇÃO**
Richard **Hoggart**	As Utilizações da Cultura	1957
Raymond **Williams**	Cultura e Sociedade	1958
E. P. **Thompson**	A Formação da Classe Operária	1968

Tabela 1. Elaborada por: BLACKMAN, C. Representantes dos Estudos Culturais. Fonte: (PRYSTHON, 2006, p. 3).

Em consequência, das obras acima registradas (Tabela 1) e dos seus respectivos autores surgiram os Estudos Culturais por meio da implantação do " Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS) na Universidade de Birmingham, Inglaterra, vai ser crucial para a institucionalização dos EC[23]" (PRYSTHON, 2010, p. 2).

Richard Hoggart por intermédio da obra *As utilizações da cultura* produzida no ano de 1957 vai procurar romper com o positivismo científico da objetividade sociológica concentrada na "subjetividade" (PRYSTHON, 2010, p. 2). O autor Raymond Williams, escritor do livro *Cultura e sociedade*, do ano de 1958, vão destacar a dificuldade das identificações dos efeitos culturais das desigualdades sociais (PRYSTHON, 2010, p. 3). Já o terceiro representante dos Estudos Culturais E. P. Thompson escritor da obra *A formação da classe operária* publicado no ano de 1968 vai expor sobre a identidade da classe operária focando o componente político e conflitual (PRYSTHON, 2010, p. 2).

[21] CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
[22] Surgiu a partir do trabalho de F. R. Leavis que foi uma tentativa de redisseminar o agora chamado "capital cultural" (Bourdieu) e para isso Leavis propunha usar o sistema educacional para distribuir mais amplamente (para todas as classes) conhecimento e apreciação literários baseado numa "grande tradição", no cânone da alta cultura (PRYSTHON, 2006, p. 3).
[23] Estudos Culturais

Diante da exposição anterior, reiteramos a importância da tríade de autores para o fortalecimento e surgimento dos Estudos Culturais na Grã-Bretanha[24], tendo como, base as relações culturais da Classe Operária Inglesa que surgiu como nova característica estrutural da implantação dos meios de produção que ao longo das décadas foram incorporando conceitos de hegemonia advinda da Teoria Marxista, Indústria Cultural que adveio da Escola de Frankfurt, Semiótica, Teoria Francesa (pós-estruturalismo francês) e autores que sobrevieram das distintas linhas e escolas teóricas como: Michel Foucault, Barthes, Hall, Althusser, Said, Bhabha entre outros autores e conceitos e temas antes vistos como minorias[25] à qual nosso objeto de estudo acaba sendo enquadrada.

Por conseguinte, podemos salientar a evolução do conceito de cultura, identidade dentre outros temas que foram sendo inseridos no discurso e na escrita. Permitindo assim, uma releitura sobre nosso objeto que é a comunidade antilhana à luz teórica da História e dos Estudos Culturais.

SEÇÃO 1.1 - Cultura de Minoria *versus* Multiculturalismo

Os Estudos Culturais como campo de estudos multidisciplinar vão privilegiar a discussão, inserção e ampliação do conceito de cultura. Para Williams (1969, p. 58), “Cultura é todo sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual”. Entretanto, destacamos que o conceito de cultura vai acompanhar o seu período, fase histórica, desenvolvimento técnico, científico e cultural de cada época, povo e mentalidade.

Apresentaremos logo abaixo, o conceito de cultura de acordo com sua época desde o século XVI até chegarmos ao XXI. Assim, destacamos algumas das mudanças vinculadas à terminologia da palavra cultura no decorrer do tempo e da história[26]: 1) Cultura no século XV era ligada ao cultivo da terra; 2) Século XVI, ampliando a ideia de cultivo da terra, de plantações e animais para ***mente humana*** (civilização) para algumas culturas; 3) Século XVIII passa a obter o caráter classista da idéia de cultura; 4) Século XX Cultura passa a incluir cultura popular, hoje inserida de conteúdo à partir dos meios de comunicação de massa; 5) Cultura advinda da antropologia social. É vista como prática social, não como coisa (artes)

[24] Em meados da década de 1950.
[25] Gênero, indígenas, afro dentre outros. [...] garantir voz a sujeitos que anteriormente não tiveram direito a voz (PRYSTHON, 2010, p. 12).
[26] Vale salientar que o aspecto cultural permeia todo esse trabalho.

ou estado de ser (civilização) ressaltando a dimensão simbólica. 6) “Culturas”[27] corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, de gênero etc) (MOREIRA, 2008, p. 26 - 27).

Neste sentido, a partir do século XX foram observados inúmeros grupos minoritários inseridos no discurso social, e consequentemente, houve um alargamento na cultura de minoria que são categorias sociais que lutam por políticas públicas voltadas aos grupos etnicamente, religiosamente e socialmente discriminados nos séculos anteriores. Mas, evidenciamos que surgiram outras problemáticas vinculada ao processo de conquistas sociais contextualizadas pelos excluídos da história, no cerne do social e da política dentre outros. Desse modo, vale mencionar algumas características da cultura de minoria segundo Paiva (2015, p. 1 – 2):

> Em primeiro lugar está a **vulnerabilidade jurídico-social**, considerando-se que o grupo dito minoritário não é institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico-social vigente. É, assim, “vulnerável”, diante da legitimidade institucional e diante das políticas públicas. Donde, sua luta por uma voz, isto é, pelo reconhecimento societário de seu discurso. Em segundo lugar, **a identidade in statu nascendi** , porque do ponto de vista de sua identificação social, a minoria apresenta-se sempre in na condição de uma entidade em formação e que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes. Mesmo quando já existe há muito tempo, a minoria vive desse eterno recomeço. Outra característica é a **luta contra-hegemônica**, pois uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, embora em princípio sem objetivo de tomada do poder pelas armas. Nas tecnodemocracias ocidentais, a mídia é um dos principais “territórios” dessa luta. Há inclusive o risco de que as ações minoritárias possam ser empreendidas apenas em função minoritárias possam ser empreendidas apenas em função de sua repercussão midiática, o que de algum modo esvaziaria a possível ação no nível das instituições da sociedade global. E finalmente, as **estratégias discursivas**, considerando-se que as estratégias de discurso e de ações demonstrativas (passeatas, invasões episódicas, gestos simbólicos, manifestos, revistas, jornais, programas de televisão, campanhas pela internet) são os principais recursos de luta atualmente.

Logo acima podemos constatar alguns aspectos da cultura minoria que de certo modo engessam as conquistas de categoriais minoritárias a exemplos: indígenas, afro, quilombola, mulheres, deficientes auditivos, deficientes físicos dentre outros.

---

[27] HUTCHEON, 1991, p. 30

Através do breve ensaio das características da cultura de minoria, percebemos a ampliação dos sujeitos, atores, etnias que foram sendo incluídas no discurso e no contexto histórico da evolução da sociedade.

Termos conceituais como multiculturalismo, interculturalidade e a diáspora caribenha para o Brasil, América Latina, Estados Unidos entre outros, de certa maneira vem compor a base teórica das mudanças sociais no contexto latino-americano. Com o processo de legalização das minorias sociais iniciado ao longo do século XX e posteriormente o XXI surgi o processo de reconhecimento culturalmente dos grupos étnicos antes minoritários e excluídos na história, educação, saúde etc principalmente em países como o Brasil. Numa forma de viabilizar equidade e reparação sócio-cultural, mas o grande desafio se constitui em efetivar esse reconhecimento em prática social (CANDAU; RUSSO, 2011, p. 71).

Em nossa pesquisa escolhemos o termo multiculturalismo como:

> [...] não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma força disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003, p. 52-53).

Nesse sentido, o termo *multiculturalismo*, segundo, Hall faz parte do cotidiano, sendo um conjunto de processos e planejamentos políticos que sempre estão em transformações de acordo com a evolução social, econômica e cultural. Assim, nossa seção 3 e 4 utilizará os conceitos de interculturalidade e multiculturalismo apresentado que vem reforçar a questão da múltipla identidade da comunidade antilhana que chegou a Porto Velho.

Entretanto, cabe lembrar que o conceito multiculturalismo, assim como outros temas conceituais são mutáveis, ou seja, suscetíveis mudança conceitual de acordo com o surgimento de novos sujeitos que são inseridos e aglutinados socialmente. Dessa maneira, para trazer à tona as discussões sobre o multiculturalismo não podemos deixar de enfocar que esta concepção traz em sua estrutura o:

> jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem (GONÇALVES; SILVA, 2006, p. 9 - 10).

Não podemos descrever sobre o multiculturalismo sem citar o conceito de diáspora que seria a imigração e trânsito de grupo de pessoas para outros países e continentes diferente do seu nascimento. Em consequência, a interligação entre ambas concepções, ou seja, o multiculturalismo *versus* diáspora optamos por

considerar a diáspora como sendo “as migrações pós-coloniais” conforme nos afirmou Hall (2006, p. 89). Entretanto, deixamos evidente que vamos trabalhar com a categoria conceitual de imigração considerada como sendo o:

> Movimento das populações no espaço, ou seja, as migrações são motivadas por vários fatores, que podem ser: políticos, religiosos, naturais, culturais, mas sem sombra de dúvida, o fator que historicamente tem sido predominante é o econômico (ABUD Et al., 2008 p. 2).

Mas, vale mencionar que “na situação das diáspora, as identidade se tornam múltiplas”. Assim, observamos as inúmeras identidades que se construíram ao longo do processo diaspórico relacionada a Comunidade Antilhana para Porto Velho que no presente trabalho iniciamos o processo de identificação desse grupo étnico (HALL, p. 27, 2003).

Reiteramos que os Estudos Culturais vêm enfatizar a cultura de minoria que é o estudo que tem como vertente pesquisar, questionar, problematizar, transformar e ativar uma minoria excluída, ou seja, incluímos nesse contexto os grupos étnicos silenciados, ao longo do processo histórico do ocidente, seja afro, indígena e demais grupos minoritários. Contudo, para Hall (2006, p. 62) “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”. Assim, essa diversidade de categorias minoritárias, acabaram fazendo parte de um projeto político no qual os/as antilhanos/as estão inseridos/as e que sofreram um processo de hibridação multicultural, intercultural e diaspórico.

Para finalizar, observamos que Peter Burke no obra *Variedades de história cultural*, vem questionar a forma clássica de tal modo, como se fazia história, resultando em uma multiplicidade de abordagens, objetos e sujeitos, bem como mencionou a importância da interdisciplinaridade para embasar a emergência destes novos dimensionamentos.

> **"**Estudos culturais**"** florescem agora em muitas instituições educacionais, sobretudo no mundo de língua inglesa. Muitos estudiosos que há mais ou menos uma década se descreviam como críticos literários, historiadores da arte ou historiadores da ciência hoje preferem definir-se como historiadores culturais, trabalhando em "cultura visual", "a cultura da ciência" e assim por diante. "Cientistas" políticos e historiadores políticos pesquisam "cultura política", enquanto economistas e historiadores econômicos desviaram a atenção da produção para o consumo, e assim para desejos e necessidades moldados em termos culturais (BURKE, 2000, p. 231).

Portanto, os Estudos Culturais são considerados um campo de estudos multidisciplinar, interdisciplinar e pluridisciplinar, privilegiando a discussão, a inserção e ampliação do conceito de cultura, consequentemente, de novos objetos e

sujeitos. Sendo que, podemos considerar a comunidade antilhana de Porto Velho, como: híbrida e com uma identidade multicultural, sendo necessário recorrer aos embasamentos teóricos dos estudiosos culturais para subsidiar nossas fontes e discussões apresentadas nas seções a seguir. Com isso, recorremos a autores de áreas afins como geógrafos culturais a exemplo do trabalho como de Rosendhl (2005), estudiosos da linguagem conforme Bolognini; Payer (2005), Gnerre (1987) dentre outros que nos ajudaram a compreender as questões abordadas no decorrer das seções 3 e 4 do nosso trabalho.

SEÇÃO 1.2 - Multiplicidade Cultural

Neste item vamos elencar de forma breve e sintética algumas contribuições de autores como Hall (2003/2006), Halbwachs (2006), Canclini (2011), Bhabha (2013), que trabalham com conceito de cultura, cultura híbrida[28], identidade[29], memória[30] dentre outras temáticas que subsidiam os estudos culturais que são os alicerces teóricos na referida dissertação.

As contribuições do caribenho Hall (2003-2006) para os estudos voltados a questão social de grupos étnicos é de extrema importância, tendo em vista, que podemos observar a complexidade existente na análise de questões voltadas às temáticas vinculadas a diáspora e imigração caribenha, a identidade construída por múltiplas influências sociais, tornando-se identidades múltiplas, em consequência do trânsito e processo imigratório. Entretanto, na atualidade, o que presenciamos é uma crise identitária, haja vista, que as identidades que eram estáveis e modelos estão fragmentadas.

Assim, observou-se que o nosso sujeito de pesquisa, ou seja, a comunidade antilhana sofreu alteração da linguagem (dialeto barbadiano), vestimentas, memória, espacial dentre outras mudanças culturais.

---

[28] CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 5ª Ed. 2011; HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/** Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006.

[29] HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006.

[30] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.

Na obra Memória Coletiva[31] o autor Halbwachs (2006) discorre sobre os conceitos de como foi construída a memória individual *versus* coletiva. Dessa maneira, segundo Halbwachs (2006) a memória individual é constituída através de lembranças bem pessoais e que não sofre influências do mundo social. Já a Memória Coletiva é constituída através do grupo social à qual convivemos, ou melhor, é construída socialmente, por meio do que ouvimos das recordações de imagens, das leituras e vivências, sendo que para recordarmos de qualquer fato ou acontecimentos sempre será necessário recorrer aos referenciais os fatos e quadros sociais, que serão os norteadores da constituição da memória, que deixará de ser individual para dar vazão à memória coletiva de determinado grupo social. A memória individual é capaz de recorrer à memória coletiva a fim de completar as lacunas das lembranças, levando consigo a visão do grupo social e do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade.

A memória histórica é construída por meio de conversas, contatos sociais e com leituras, porém, essa memória emprestada do mundo social não é individual. A memória individual é subsidiada através da memória histórica, já que a história de vida está inserida em contexto mais geral, onde os fatos históricos funcionam como auxiliares da memória individual. A memória histórica pode ser apresentada, enquanto uma história universal, porém, não existe história ou memória total e global. Nesse sentido, a memória coletiva seria instituída a partir da eleição da visão de um grupo ou meio social, tempo e um espaço.

Contudo, Halbwachs acrescenta que a memória coletiva e o tempo é constituída a partir da sociedade que o tempo obtém sentido, corpo e massa, onde através das convenções e práticas sociais que o ser humano, inventa e reinventa o tempo de acordo com a necessidade histórica. Com isso, o tempo social que é uma criação artificial que nos obriga, determina e nos condiciona, assim como, vai se impondo às consciências individuais porque estão atreladas as regras e convenções da sociedade. Contudo, para o tempo torna-se real é necessário também que os pensamentos transformem-se em acontecimentos ou fatos históricos.

---

[31] Escrito pelo sociólogo Francês Maurice Halbwachs que tinha ideias socialista sendo a sua história marcada pela execução de sua vida em 1945 pelos nazistas. Todavia, a influência da Teoria Sociológica de Émille Durkheim acrescentou à discussão a razão da sociedade, onde Halbwachs vai ampliar e demonstrar que a razão era resultante dessa forma humana. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.

Halbwachs conceitua também a memória coletiva e o espaço esclarecendo que ambos estão totalmente interligados, tendo em vista, que não haveria memória coletiva senão recorremos às lembranças, constituição e reconstituição do mundo espacial, onde com isso, a memória coletiva sofrerá constantes mutações devido à interferência do tempo e do espaço. Contudo, as lembranças necessitam de um lugar para tornar real, corpo ou representação da sociedade, tendo em vista, que o lugar cria tradições que remetem aos vestígios que serão transformadas em memória coletiva, sendo que o lugar confirma eventos que são elaboradas a partir de imagens simbólicas.

Além disso, Halbwachs descreve sobre construção da memória coletiva entre os músicos, sendo possível observar que existe uma diversidade de forma que a memória atua nos indivíduos e que dependerá da sua experiência musical, porém não é necessário um conhecimento musical para escutar e aproveitar alguns benefícios que a música pode trazer ao indivíduo. Mas é evidente, que para os músicos que conhecem, traduzem, reconhecem os signos, sons, símbolos musicais formam significados mais complexos a musicalidade e a memória musical terá uma conjuntura e definição adversa dos simpatizantes musicais. Já para os amadores, ou seja aqueles que gostam de músicas. Contudo, de forma sem ter desenvolvimento qualquer base teórica musical, está terá um significado singelo. É importante mencionar que a música faz parte do mundo social, sendo um código socializado que não vem da memória individual, mas do mundo social, sendo mesclada de tradições e visão de mundo dos grupos que criam as músicas, porém as lembranças existem por conseqüência da existência dos grupos musicais.

Vale ressaltar a importância da constituição e construção da memória individual que é alicerçada a partir da memória coletiva de um grupo e da sociedade de maneira geral, através da coletividade podemos relembrar, recompor, reconstituir e reinventar o passado, assim consequentemente, a História. Nesse sentido, enfatizamos que a seção 3 intitulada *Do Mar do Caribe à beira do Madeira* vai recorrer à temática em destaque para alicerçar teoricamente as falas advindas através das cartas, entrevistas e de outros recursos metodológicos que tem como base a memória.

Homi Bhabha[32] nos ajudará teoricamente na construção da seção 4 intitulada *Os discursos da historiografia regional sobre a comunidade antilhana em Porto Velho*, pois propõe um debate a partir do indivíduo colonizado *versus* colonizador. Enfocando questões sobre como ocorre à construção do discurso de poder que vem garantir a dominação e superioridade de um povo sobre outro. O *estereótipo* e a *mímica* são dois conceitos que formam a base para entender esse processo de dominação discursiva. Através de um discurso legitimador que enaltece um povo, uma cultura, uma identidade sendo repassados de geração em geração. E dessa maneira, privilegiando um grupo e excluindo os que não estão presente nesse discurso, narrativa e textualidade[33] passando a ser desconstruído, rejeitado e visto de maneira negativa (BHABHA, 2013, 117-119) [Grifo Nosso].

Vejamos alguns desses discursos que podemos encontrar na historiografia regional relativa à comunidade antilhana de Porto Velho. Contudo, não podemos deixar de enfatizar que os referidos autores são produtores culturais de seu tempo, memória e cultura, ou seja, foram e são influenciados pelos conceitos e discursos históricos da temporalidade e sociedade à qual pertence e/ou pertenceu. Assim, produziram trechos como:

> **a enxurrada de deserdados e aventureiros** que chegavam... a caminho dos seringais... eram os índios, os mestiços **os negros de Barbados**, os nordestinos" (SOUZA, 1994, p. 140 e 141); Divide a mão-de-obra utilizada pela companhia em dois blocos: brancos e negros [...] Os brancos constituíam os operários mais qualificados [...] **aos negros desde sempre ficaram reservados as tarefas mais pesadas: abertura e limpeza dos terrenos, terraplenagem, carregamentos etc**. (HARDMAN, 1988, p. 128 e 129); "Foi permitido acesso à bebida e as **prostitutas negras de Barbados** [...] negras de Barbados - oficialmente contratadas **apenas** como lavadeiras (GAULD, 2006, p. 191).

Assim, temos a criação dos estereótipos que proporcionam a construção de uma idéia negativa a respeito do outro[34], do que não está inserido e classificado nos padrões sociais requeridos do seu tempo.

> Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p.59).

Entretanto, como forma de contrapor essa visão homogênea, horizontal e única, Bhabha visualiza uma nova maneira de pensar a nação culturalmente

---

[32] BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013.
[33] GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
[34] MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: A Degradação do Outro nos Confins do Humano. São Paulo: Editora Hucitel LTDA, 1997.

construída e imaginada, como forma de privilegiar as relações, conflitos, grupos de minorias e excluídos. Salientamos também, que Bhabha trabalhou com conceitos ligados a diversidade cultural, diferença cultural, identidade dentre outros. Lembrando que na seção 2, 3 e 4 foi necessário recorrer ao referido autor como forma de mostrar as diversidades culturais múltiplas existentes entre os/as imigrantes antilhanos/as, assim como a questão da construção discursiva à favor de um grupo, estereotipando de forma negativa os grupos ditos e conhecidos como minorias.

Vale salientar, que outros grupos de imigrantes no Brasil, também sofrem e sofreram generalização e estereótipo, no que diz respeito, a nacionalidade. Como exemplos citamos: a comunidade turca, chineses, haitianos, dentre outras. Não só no contexto de imigrantes internacionais, mas também, internamente (nacional) na atualidade o nordestino e nortista no sudeste brasileiro, principalmente, no estado de São Paulo e Rio de Janeiro, são todos conhecidos como paraíba nomenclatura construída negativamente que se refere ao cidadão nascido na Paraíba, porém, generalizante, pois destaca migrantes advindo da Região Norte e Nordeste.

Diante de nossas discussões teórica enfocaremos Canclini (2011) que trabalha com a temática do processo de hibridação nos países da América Latina. Assim, vamos observar que “os estudos sobre hibridação modificaram o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo” sendo necessário recorrer a estes temas para embasar a seção 2, 3 e 4 desta dissertação.

Salientamos que mencionamos de maneira breve algumas contribuições de autores como: Bhabha (2013), Canclini (2011), Hall (2003/2006), Halbwachs (2006) que trabalham com categoria conceitual de cultura, cultura híbrida, estereótipo, identidade, memória dentre outras temáticas que subsidiam os estudos culturais[35].

Desse modo, é necessário reafirmar a ampliação, desenvolvimento e evolução dos diversos conceitos culturais ao longo do processo histórico e cultural da sociedade, com isso, percebemos o multiculturalismo, a interdisciplinaridade, interculturalidade nos estudos culturais, literários, seus objetos e sujeitos. Contudo, conceitos como: memória, identidade, cultura, cultura híbrida, imigração dentre outros vão permear a construção teórica de nossa dissertação nas seções subseqüente.

---

[35] CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SEÇÃO 2 - BREVE HISTÓRIA DAS ANTILHAS INGLESAS

Nesta seção vamos contextualizar brevemente a história[36] de alguns países antilhanos de colonização inglesa, território conhecido também, como Caribe inglês, mas destacamos as pequenas ilhas de Barbados, Granada, Guiana Inglesa, tendo em vista, que alguns(mas) imigrantes que vieram para Porto Velho são originários destes países antilhanos como será possível constatar o reconhecimento de vinte nove (29) identidades[37] e nacionalidades na seção 4.

Abaixo o mapa que destaca a região das Antilhas inglesas:

Figura 2. Mapa do Caribe. Fonte: Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+caribe+ingles&espv=.> Acesso em 28 de dez. 2014.

As Ilhas Inglesas antilhanas localizam-se na América Central sendo denominada essa região das Antilhas, como Caribe e/ou Índias Ocidentais[38] porém, existe uma subdivisão que são as ilhas menores, conhecidas como, pequenas Antilhas, destacando-se os seguintes países: Barbados, Granada, Trinidad e Tobago entre outros e as grandes Antilhas compreendem as ilhas maiores como: Haiti,

---

[36] Utilizamos como fonte bibliográfica para construção desta seção: MACPHERSON, John. **Caribbean Lands – A geography of West Indies**. Longmans, Green And CO LTD. 1963; MENARD, Russell R. **Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006. AFRO-ÁSIA Nº 41 – 2010. Editores: Florentina da Silva Souza e Jocélio Teles dos Santos.

[37] HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006. BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013. CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 5ª Ed. 2011.

[38] MACPHERSON, John. **Caribbean Lands – A geography of West Indies**. Longmans, Green And CO LTD. 1963.

Jamaica, República Dominicana entre outras de maior extensão, porém ressaltamos que esta dissertação tem como recorte geográfico as ilhas caribenhas de colonização britânica. Mas, especificamente, o território de Barbados, Granada, Guiana Inglesa.

O mapa anterior nos possibilita a exata visualização da Região das Antilhas, território localizado na América Central, que foi colonizada por europeus de diversos países como: Espanha, França, Holanda e Inglaterra. Dessa forma, é interessante destacar o presente multiculturalismo, assim como, o hibridismo cultural[39] existente nos países das Antilhas inglesas, característica que tornou-se uma constante desta região moldurada por uma identidade multifacetada de influências étnicas diversas. Nesse sentido, entendemos que o

> "multiculturalismo" não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma força disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003, p. 52-53).

Dessa forma, enfatizamos que os europeus iniciaram o processo de colonização na região do Caribe por volta de 1492. As ilhas caribenhas, eram habitadas por dois distintos grupos indígenas: os "Arawaks and Caribs[40]". O primeiro grupo não resistiu tanto ao processo de colonização europeu ligado à exploração do trabalho, porém, o segundo demonstrou muito mais resistência, isso talvez, tenha ocorrido devido estes indígenas terem desenvolvido a técnica militar, ou seja, eram mais organizados militarmente e lutaram inicialmente contra a colonização europeia nesta região (MARCPHERSON, 1963, p. 22).

No entanto, foi a partir do século XVII[41] que foi iniciado efetivamente o processo de colonização[42], na região das Antilhas, primeiramente os espanhóis, depois os ingleses, holandeses e franceses. Nessa perspectiva, vale lembrar que, em consequência, das efetivas e recorrentes séries de tentativas de conquistas européias, concatenando, com a população local indígena que habitava a região

---

[39] [...] não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais (HALL, 2006, 62).

[40] MACPHERSON, John. **Caribbean Lands – A geography of West Indies**. Longmans, Green And CO LTD. 1963.

[41] MENARD, Russell R. **Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados**. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006. AFRO-ÁSIA Nº 41 – 2010. Editores: Florentina da Silva Souza e Jocélio Teles dos Santos.

[42] Importação de africanos(as) que serviram como mão de obra escrava e contribuíram para delimitação de espaço fronteiriço.

caribenha novas formas de organização da cultura, acabou favorecendo a hibridação das tradições dos povos e etnias nesta região (CANCLINI, 2011, p. 283).

SEÇÃO 2.1 – Barbados

Conforme Menard (2006) “A pequena ilha de Barbados[43], que possui meros 430 quilômetros quadrados [...]” foi colonizada pela Inglaterra em 1625, posteriormente a Jamaica em 1653, entre outras ilhas como: Granada, Trinidad, São Vicente, Bermuda dentre outras que foram anexadas como colônias da Coroa Britânica durante o século XVII (MARCPHERSON, 1963, p. 23).

Contudo, os indígenas foram praticamente quase que de maneira geral, sendo exterminados, em consequência, de doenças levadas pelos europeus, de batalhas ocorridas contra o processo de colonização, mas devido o trabalho excessivo a qual estes povos eram obrigados a desempenhar.

Em vista disso, a falta de mão de obra nesta região da América Central os colonizadores europeus, principalmente os ingleses, iniciaram o processo de importação de escravos da região africana para explorar e delimitar a posse neste território antilhano e é dessa forma que os negros chegaram ao Caribe inglês para suprir a insuficiência de mão-de-obra local, e como forma, de preencher a lacuna fronteiriça.

Mas, após os europeus resolverem a questão da mão de obra e suprir a necessidade de trabalhadores(as) nas pequenas Antilhas inglesas, o aumento populacional, tornou-se uma evidência.

> Com uma densidade demográfica com cerca de 700 pessoas por Km^2 , no período da emancipação dos escravos e um aumento da população desde então, Barbados não tem estado preparado para produzir oportunidades de emprego, em conseqüência, ocorreram muitas ondas de imigração. Em tempos diferentes, imigrantes tinham ido para Trinidad, Guiana, Suriname, América Central, zona do Canal do Panamá, EUA e Reino Unido. (MARCPHERSON, 1963, p.73).

Por isso, os imigrantes das Antilhas foram buscar melhores condições de vida em outros países e possibilitando várias rotas imigratórias, entre estes diversos percursos, frisamos a que destinava ferroviários para construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

---

[43] Em destaque no mapa direcionado por uma seta [Figura 2].

SEÇÃO 2.2 - Granada

A pequena ilha de Granada, também designada Grenada[44], conforme Figura 2 fica abaixo da ilha de Barbados, sendo considerada, uma pequena ilha do arquipélago caribenho e/ou antilhano inglês.

Localizada e intitulada de “Grenada lies at the southern” (MARCPHERSON, 1963, p. 83). Esta ilha sofreu inicialmente a influência e a intervenção da colonização francesa[45] (1650). Logo após, (1762) os ingleses passaram a disputar a referida ilha antilhana. Entretanto, apesar da resistência da etnia Carib no início das tentativas de colonização europeia, os franceses e, logo após, ingleses, conseguiram assegurar o mencionado território antilhano. Dessa forma, o processo de independência de Granada ocorreu:

> [...] em 1974. Granada tem 90% do território e da população (predominantemente negra) concentrada na ilha de mesmo nome. A nação inclui, ainda, a porção das ilhas Granadinas, habitadas por 10% da população (FRANCISCO, 2014, p. 1).

Como Granada é um país de território restrito, assim como as outras ilhas menores e com processo de independência recente. Muitos de seus cidadãos, que formavam a população de nacionalidade granadense, imigraram para outras localidades em busca de melhores oportunidades e condições de vida e trabalho. Vejamos a seguir o relato de um imigrante granadense que imigrou para Porto Velho:

> Eu cheguei em Porto Velho em 1º de março de 1929, vim da Guiana Inglesa, mas sou granadense... de Granada fui para Trinidad, trabalhei e depois, fui para Guiana Inglesa, passei em casa, voltei para a Guiana e vim aqui (Brasil) em 1929... o pessoal das ilhas pequenas, especialmente a minha – Granada, os jovens, na maior parte, tinham que ir trabalhar em outras terras. Lá não havia fábricas, indústrias, o trabalhador ficava no campo, no roçado, no sítio. Muitos dos meus irmãos... foram de Trinidad para Cuba, Venezuela [...] (SANTILLI, 1987, p. 148).

O relato anterior corrobora para a comprovação de que a situação do desemprego, alicerçada conjuntamente, a questão do pequeno espaço territorial, o que desencadeava a alta taxa de densidade demográfica nas ilhas caribenhas, sendo este

---

[44] MACPHERSON, John. **Caribbean Lands** – A geography of West Indies. Longmans, Green And CO LTD. 1963.

[45] Em consequência, dessa disputa territorial entre franceses e ingleses alguns(mas) imigrantes antilhanos/as que imigraram para Porto Velho no início do século XX acabaram tendo influência francesa no sobrenome como exemplo: Dubois, Pierre, Du Bissete [Ver Seção 4].

um problema recorrente das demais ilhas, e que se estendeu até o século XX, tornando-se a imigração internacional uma alternativa para aliviar a crise social dessa região e equalizar as questões ligadas as crises econômicas e falta de trabalho.

SEÇÃO 2.3 - Guiana Inglesa

A pequena ilha denominada de Guiana Inglesa situa-se próximo da Venezuela e do Brasil, ou melhor, faz fronteira com ambos os países da América do Sul.

Assim, a Guiana Inglesa "that part of south America" da maneira como ocorreram nas demais ilhas antilhanas, foi alvo de disputa e conflitos[46] entre europeus, principalmente, dos holandeses e ingleses.

> O território passou ao domínio inglês em 1814. Os índios foram contratados para trabalhar na agricultura em 1838, após a libertação dos escravos. Guiana obteve relativamente autonomia em 1953, com a eleição de um primeiro-ministro (PERCÍLIA, 2014, p. 1).

Em decorrência da sua localidade fronteiriça, disputa e conflitos eram recorrentes na Guiana Inglesa. Contudo, sua localização estratégica tornou-se alvo de trânsito imigratório entre os demais países da América Latina como Brasil.

SEÇÃO 2.4 - Barbados um ponto estratégico

Nesta seção iremos destacar a ilha de Barbados, que funcionava como um porto de referência durante o período de imigração para o Brasil, especificamente, para adentrar ao espaço da Amazônia brasileira, e consequentemente, o fácil acesso a localidade de Porto Velho desde o início do século XX. Para construção da referida seção utilizaremos autores como: Craig (1947), Cruz (1910), Tomlinson (1912), dentre outros que fazem referência a Barbados, como sendo, um porto de ligação e de fundamental importância para essa fase histórica.

No entanto, antecipadamente e sucintamente vamos mencionar a história da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré que foi cercada de fatos trágicos, dramáticos e sinistros nas suas primeiras tentativas expedicionárias. Isso é o que nos demonstrou algumas obras regionais[47] que remontam o final do século XIX e

---

[46] Etnias indígenas, europeus, posteriormente, povos advindos da África.

[47] CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. Editora: Brasiliana, 1947; TOMLINSON, H. M. **The Sea and the Jungle**, 1912. Fonte: Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm.> Acesso em 20 de out. de 2014; FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005. CRUZ, Osvaldo. **Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias do Rio Madeira – 1910**. Centro de Documentação do Estado de Rondônia.

início do XX. Assim sendo, muitos imigrantes de diversas nacionalidades se aventuraram rumo ao Brasil, grupos de imigrantes de origens diversas chegaram a Porto Velho ou imigraram para outros territórios brasileiros como: Pará, Acre, Amazonas incentivados a trabalhar na construção da Ferrovia Madeira Mamoré (1907/1912) ou em outras atividades profissionais e extrativistas. Assim, não podemos homogeneizar a comunidade antilhana, tendo em vista que podemos afirmar que não seria possível a construção de nação estruturada em um único povo, cultura ou grupo étnico, pois todas as nações modernas emergiram, em consequência, da mistura cultura (HALL, 2006, p. 62).

A partir das primeiras viagens rumo ao Rio Madeira, mais precisamente, a região de Santo Antônio. E posteriormente, com deslocamento do ponto inicial da construção da Ferrovia Madeira Madeira para sete quilômetros abaixo da cachoeira de Santo Antônio, ou seja, na localidade de Porto Velho. A ilha de Barbados localizada nas Antilhas de colonização inglesa sempre esteve na rota de navegação dos expedicionários internacionais[48].

> Mas ao menos por essa hora já se sabia que o navio teria que tocar em Barbados para tomar carvão, visto como o suprimento estava raso [...] o vigia do mastro provocou grande emoção entre os viajantes ao anunciar terra à vista, e, à tardinha, com velocidade reduzida, costeávamos o litoral de Barbados (CRAIG, 1947, p. 89).

Fica evidente, a ligação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, com a ilha de Barbados, que funcionava desde as primeiras experiências da construção desta Ferrovia, como sendo, um entreposto estratégico ou base de apoio para a longa e cansativa viagem dos vapores que vinham dos Estados Unidos e/ou da Inglaterra para a Região Amazônica brasileira e vice-versa.

No período de 1907-1912 a Estrada de Ferro Madeira Mamoré foi administrada por Percival Farquhar. Neste período, ainda sim, os vapores continuavam usando, a mesma rota navegável, dos grupos anteriores das primeiras tentativas da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré: “o grupo chegou a Barbados que estava na rota” (FERREIRA, R, 2005, p. 197). O trecho anteriormente citado nos auxilia nessa compreensão, pois menciona a continuidade de rota fluvial e a parada quase que obrigatória na Região das Antilhas (Barbados).

---

[48] CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. Editora: Brasiliana, 1947; TOMLINSON, H. M. **The Sea and the Jungle**, 1912. Fonte: Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm.> Acesso em 20 de out. de 2014.

Na pequena ilha de Barbados, os vapores ficavam atracados, por uma média, de um a dois dias, para suprimentos alimentares e abastecimentos de carvão (matéria-prima) para o funcionamento dos navios. Em seguida, após o provimento, seguiam em viagem até Belém, que também funcionava como um lugar de apoio aos viajantes, até a continuidade da viagem e, consequentemente, a chegada à região do Rio Madeira (CRAIG, 1947, p. 94).

A ilha antilhana de Barbados, desde as primeiras tentativas, de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, funcionou como entreposto de descanso, estrategicamente e comercialmente para os viajantes europeus e estadunidenses. Por isso, é provável que muitos antilhanos das diversas ilhas do Caribe dirigiam-se ao porto de Barbados para buscar contratos trabalhistas nos serviços da:

> [...] construção da ferrovia, trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc. e aqui, na grande Babel reinante foram apelidados de “Barbadianos” (FERREIRA H, 1969, p. 47).

Com isso, fica evidente a relevância da ilha antilhana de Barbados que funcionou como um ponto, uma área estratégica, de descanso, comércio, suprimentos de materiais e alimentos, além da possibilidade, de suprimento de mão de obra necessária aos serviços de engenharia que acontecia no Brasil, especificamente, a construção da Ferrovia Madeira Mamoré.

SEÇÃO 2.5 – A Imigração da Comunidade Antilhana para Amazônia

Esta seção vai abordar *a imigração da comunidade antilhana para Amazônia*[49]*,* destacando de maneira breve, a imigração para os estados do Amazonas, Acre, Espírito Santo e Pará. Contudo, salientamos que o nosso lócus de pesquisa é Porto Velho. Para balizar nossa seção, serão abordados autores como: Nogueira (1959), Ferreira R. (2005), Tomlinson (1912), Craig (1947) Martins (1997), Hall (2003) Bhabha (2013) dentre outros.

Anteriormente iremos buscar conceituar alguns motivos que incentivaram imigração maciça dos estrangeiros no que tange a construção da Estrada de Ferro

[49] O estado do Espírito Santo faz parte da Região Sudeste do Brasil, mas vale destacar e lembrar a presença antilhana nesta região.

Madeira Mamoré[50]. Dentre algumas motivações, caracterizamos o processo imigratório como sendo:

> O movimento das populações no espaço, ou seja, as migrações são motivadas por vários fatores, que podem ser: políticos, religiosos, naturais, culturais, mas sem sombra de dúvida, o fator que historicamente tem sido predominante é o econômico (ABUD Et al., 2008 p. 2).

Conforme citação acima, destacamos como fator principal da imigração dos antilhanos para as várias regiões brasileiras, a busca de melhores condições sociais e o fator econômico, visto que migrar era uma maneira significativa de tentar buscar inserir-se socialmente.

> Com uma densidade demográfica com cerca de 700 pessoas por Km2 , no período da emancipação dos escravos e um aumento da população desde então, Barbados não tem estado preparado para produzir oportunidades de emprego, em conseqüência, ocorreram muitas ondas de imigração. Em tempos diferentes, imigrantes tinham ido para Trinidad, Guiana, Suriname, América Central, zona do Canal do Panamá, EUA e Reino Unido. (MARCPHERSON, 1963, p.73).

Diante dessa assertiva, fica evidente o motivo primordial que incentivaram os/as diversos/as negros/as caribenhos/as a imigrarem para a Amazônia, desde os fins do século XIX, a falta de oportunidade social, ou seja, estes indivíduos de origem afro-caribenhos estavam sobrando em seus países, pois “é característico da sociedade capitalista, desde sua origem, a exclusão, isto é, o desenraizamento. É próprio da sociedade capitalista a tendência de destruir as relações sociais que não sejam relações capitalistas” (MARTINS, 1997, p. 20).

O relato a seguir, do senhor Norman Lucien Johnson, imigrante antilhano nascido na ilha de Granada, ferroviário, que trabalhou na Estrada de Ferro Mamoré, de certa maneira, nos ajudou a compreender alguns motivos da imigração para terras estrangeiras.

> Eu cheguei em Porto Velho em 1º de março de 1929, vim da Guiana Inglesa, mas sou granadense [...] de Granada fui para Trinidad, trabalhei e depois, fui para Guiana Inglesa, passei em casa, voltei para a Guiana e vim aqui (Brasil) em 1929 [...] o pessoal das ilhas pequenas, especialmente a minha – Granada, os jovens, na maior parte, tinham que ir trabalhar em outras terras. Lá não havia fábricas, indústrias, o trabalhador ficava no campo, no roçado, no sítio. Muitos dos meus irmãos [...] foram de Trinidad para Cuba, Venezuela [...] (SANTILLI, 1987, p. 148).

---

[50] Assim como ocorreu na Revolução Industrial ocorrida na Europa, precisamente, na Inglaterra que motivou o êxodo urbano. Com a emancipação política nas colônias britânicas das Antilhas a **imigração** passou a ser uma alternativa e/ou obrigação de buscar melhoria socioeconômica Nogueira (1959), Ferreira R. (2005), Tomlinson (1912), Craig (1947) dentre outros [Grifo Nosso].

A informação destacada e em conformidade com (ABUD Et al., 2008), o fator **econômico** é determinante e predominante, como causa para estimular o processo de imigração para territórios estrangeiros. Para reafirmar esse pensamento, algumas reflexões abaixo, sobre as correntes migratórias nacionais e internacionais no contexto de fins do século XIX e início do XX:

> Apesar da importância que os fluxos migratórios então assumiram – no contexto europeu do final do século XIX e início do século XX –, quer sob a forma de intensos movimentos internos, dirigidos dos campos para as cidades, quer de migrações transoceânicas, que permitiram libertar parte do êxodo rural e povoar os novos continentes, o tema não surge senão de forma marginal na maioria dos autores (PEIXOTO, 2004, p. 1) [Grifo Nosso].

Até os presentes períodos citados anteriormente, os temas voltados à imigração de grupos etnicamente excluídos do modelo capitalista[51] eram marginalmente retratados, consequentemente, a história do povo africano, antilhano e outros eram retratados de maneira homogênea, desconsiderando a diversidade étnica da composição social das diversas nacionalidades[52]. Sendo assim, segundo Bhabha (2013, p. 119) essa exclusão discursiva e marginal não é neutra e sim "uma forma de discurso crucial para ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural".

Contudo, relacionado ao grupo de imigrantes antilhanos "esses processos restritivos tenham sido contrabalançados **por uma liberalização inédita no que respeita os fluxos de pessoas (imigrações transcontinentais)** e os movimentos de capitais (unificados sob o regime do padrão ouro)" (ALMEIDA, 2015, p. 1) [Grifo Nosso].

Assim fica evidente que de certa maneira os processos imigratórios nacionais, internacionais e transcontinentais foram estimulados e utilizados pela política capitalista dos fins do século XIX e início do XX, como forma, de delimitação de fronteira, de colonização e exploração, assim como uma maneira de expelir o marginalizado.

É em meio a esse momento histórico, que a comunidade antilhana inicia o processo de imigração internacional, deixando suas terras natais que são: Barbados,

---

[51] ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292001000100008&script=sci_arttext>. Acesso: 03 de jan. de 2015.

[52] BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013.

Jamaica, Guiana Inglesa, Granada e demais ilhas de possessão inglesa para buscar melhores condições de vida e trabalho no Brasil.

Conforme Craig (1947, P. 89) “o navio teria que tocar em Barbados [...] o vigia do mastro provocou grande emoção entre os viajantes ao anunciar terra à vista, e, à tardinha, com velocidade reduzida, costeávamos o litoral de Barbados”. Assim, a referida ilha funcionou como entreposto estratégico ou base de apoio para as longas e cansativas viagens dos vapores que iam e vinham dos Estados Unidos e/ou Inglaterra para a Região Amazônica brasileira.

Outro porto de chegada e saída importante para as expedições na Amazônia era o cais em Belém, ou seja, era através desse “porto que entravam os barbadianos e demais estrangeiros na busca por trabalho nos dois extremos da região, ligada pelo rio-mar Amazonas (Belém/Porto Velho)” (LIMA, 2013, p. 15).

Salles (1971)[53], Costa (1993)[54], LIMA (2006/2013)[55] são autores(as) que trabalham, mencionam e/ou destacam a imigração e presença de barbadianos(as) em Belém/PA nos fins do século XIX e início de XX.

Dessa forma, enfatizamos que os estudos sobre a imigração e presença da comunidade antilhana, na região paraense, temos trabalhos de destaque e avançados. Pois, comparados aos estudos e pesquisa sobre a presença desse grupo no Acre[56] ainda existe bastante lacuna, tendo em vista, que conseguimos apenas uma matéria encontrada na internet que menciona a presença da referida comunidade e também um livro escrito em inglês, contudo não conseguimos atestar a referência bibliográfica.

---

[53] SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971. Edição realizada em convênio firmado entre FGV E Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo)

[54] COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993.

[55] Destacamos a contribuição de LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006. LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. I. **Trabalho, racismo, identidade e Memória em Belém de início do século XX**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense - UFF. 2013.

[56] **POUCO se sabe da presença negra no Acre**. Base de Dados. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/pagina20/20112004/p_0220112004.htm>. Acesso em 27 de nov. de 2006.

A imigração antilhana para o Espírito Santo, também não temos muitas informações, assim como sobre a região do Acre, apenas uma matéria encontrada em pesquisa feita na internet[57]. Em conformidade com o trecho abaixo:

> O convite de visitar Barbados me reporta a ter, quando criança, convivida com alguns barbadianos em nossa ilha de Vitória, em meados do século XX. O Professor Lionel, por exemplo, que ensinava inglês em nossa casa...Antes da viagem, uma visita ao arquivo público, onde, com a presteza de Agostino Lázzaro e do arqueólogo Cilmar Franceschetto, logo tinha às vistas fotos e documentos de barbadianos de quem me lembrava. Tinham vindo pro Estado em 1924 – em sua maioria – e perfaziam um **total de l7 famílias** que residiam, originalmente, – quase em sua totalidade, na comunidade de Santo Antônio. Novamente refletindo o bom nível educacional da Ilha de Barbados, não havia entre esses imigrantes, analfabetos. **Alguns eram professores, e todos trabalhadores qualificados** que logo se empregaram na construção da Ponte Florentino Ávidos, mulheres hábeis, (Renato Pacheco cita os gostosos "quitutes" das Barbadianas") e que aqui criaram novas raízes, se acapixabaram. Pode um nome ser mais capixaba do que o de Hermínio Blackman? Professor, vereador, nome de rua... Um orgulho capixaba que descende desse tronco que a árvore barbuda nos legou. Os cipós que desciam pelas árvores e se enroscavam nela, em Barbados, deram o nome à árvore, e ao país. Assim Portugal deixou aos ingleses, pelo menos o nome da Ilha e nós trouxemos às origens portuguesas esses negros ingleses que aqui se mesclaram com brasileiros, italianos... E são autênticos capixabas. Uma dádiva do Caribe à cultura capixaba (ACRONICA, 2006, p. 1) [Grifo Nosso].

Apesar do registro acima que destaca a presença da imigração antilhana para a capital de Vitória/ES em território brasileiro. É importante também salientar, que muitos antilhanos imigraram para Manaus/AM[58], mas destacamos que em ambas localidades os estudos são bastante incipientes. Segundo Hall (2006, p. 55) no movimento imigratório:

> As pessoas têm se mudado por várias razões — desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico. Os impérios, produtos de conquista e dominação, são freqüentemente multiculturais.

Diante disso, vale destacar que a imigração da comunidade antilhana para Amazônia, que teve como palco de destaque os seguintes estados: o Amazonas, Acre, Espírito Santo (sudeste) e Pará. A capital paraense servia como porta de entrada para a distribuição desta comunidade para os demais territórios brasileiros. Assim como os Estados Unidos e a Inglaterra eram as bases das outras

---

[57]ACRÔNICA. **Caribexaba**. Disponível em: http://www.acronica.com.br/colunistas_paulo_depaula_caribexaba.htm. Acesso em: 15 de dez. de 2006 [Anexo B].

[58] SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. Conversas informais com representante da família Redman originária de Manaus salientou que na capital do Amazonas teve até um bairro como o que ocorreu no Barbadian Town [...].

nacionalidades e o porto de Barbados considerado um importante emissor, receptor e entreposto para descanso, reabastecimento alimentício, de pessoas e de combustível.

SEÇÃO 3 - DO MAR DO CARIBE À BEIRA DO MADEIRA

Nesta seção encaminhamos para breve contextualização da viagem de Barbados à beira do Madeira que é o ponto principal de nosso trabalho, ou seja, a chegada ao município de Porto Velho[59] sendo utilizado como referências Craig (1947), Cruz (1910), Tomlinson (1912), Hall (2003/2006), Canclini (2011), entrevistas[60] e outros mecanismos metodológicos.

Com o objetivo de chegar ao Rio Madeira, mais precisamente, a região de Santo Antônio durante o século XIX, e posteriormente, no século XX, com o deslocamento do ponto inicial da construção da Ferrovia Madeira Madeira para sete quilômetros abaixo da cachoeira de Santo Antônio, ou seja, na localidade de Porto Velho, a ilha de Barbados[61] localizada nas Antilhas esteve sempre na rota de navegação, como pontua Tomlinson: “We dropped the pilot early and changed our course to the north, bound for Barbados” (TOMLINSON, 1912, p. 206).

> Mas ao menos por essa hora já se sabia que o navio teria que tocar em Barbados [...] o vigia do mastro provocou grande emoção entre os viajantes ao anunciar terra à vista, e, à tardinha, com velocidade reduzida, costeávamos o litoral de Barbados (CRAIG, 1947, p. 89).

O excerto anteriormente citado demonstra e evidencia havida ligação entre a Estrada de Ferro Madeira Mamoré com a ilha de Barbados, que esteve presente na imigração desde as mais remotas viagens internacionais e expedicionárias. Por conseguinte, a construção da Ferrovia funcionou como um entreposto, base de apoio e estrategicamente localizada para servir como suporte para a longa e

---

[59] Nesta época pertencente ao estado do Amazonas.
[60] Em anexo A: **Anexo** A1 – Artur Winter, **Anexo** A2 – Aurélia Banfield, **Anexo** A3 – Elton Blackman, **Anexo** A4 – Mark Shilling ou Marcos Challender, **Anexo** A5 – Norman Lucien Johnson, **Anexo** A6 – Silvestre Costa, **Anexo** A7 – Filomena Suzana Tavares Denny
[61] Como vimos na seção 2.4 de nossa dissertação.

cansativa viagem dos vapores que vinham dos Estados Unidos e/ou Inglaterra para a região Amazônica brasileira[62].

Entretanto, é importante salientar que algumas das visões sobre a Amazônia, produzidas pelos navegantes, cronistas dentre outros refletem um olhar de fora e/ou do outro. Desta forma:

> [...] muitas das representações da Amazônia brasileira, construídas por viajantes de diferentes nacionalidades e em diferentes épocas, contribuíram com uma certa mentalidade e imaginário que vêem a região apenas como um lugar distante e completamente antitético do mundo metropolitano [...] (ROCHA, 2012, p. 15).

Todavia, retornando ao trajeto da viagem, a parada no mar do Caribe era obrigatória, especificamente, em Barbados, visto que, os vapores também aportavam no Porto de Belém: "provavelmente desembarcou em Belém, cujo o porto era usado como via de entrada para os rincões amazônicos" (LIMA, 2013, p. 18).

Segundo Lima (2013, p. 18) o objetivo e rumos dos navegantes imigrantes "podiam ter destinos diversos: alguns se dirigiam para Porto Velho, ou Santo Antônio e Guajará-Mirim, áreas de construção e serviços da Ferrovia Madeira-Mamoré; outros rumavam para Manaus[63]"

Vale lembrar que durante os anos de 1907-1912 quando a Ferrovia Madeira Mamoré foi administrada por Percival Farquhar os vapores continuavam usando a mesma rota navegável dos grupos anteriores das primeiras tentativas de expedição: "o grupo chegou a Barbados que estava na rota" (FERREIRA, R, 2005, p. 197). O excerto nos ajudar nessa compreensão pois menciona a continuidade de rota fluvial e a parada na região das Antilhas.

Em Barbados, os vapores ficavam atracados por uma média de um a dois dias para abastecimento de alimentos e de carvão para o funcionamento dos navios que atracavam no porto de Bridgetown. Em seguida, após o provimento, seguiam em viagem até Belém que também funcionava como um lugar de apoio aos

---

[62] CRAIG, Neville Craig B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. Editora: Brasiliana, 1947; TOMLINSON, H. M. The Sea and the Jungle, 1912. Fonte: Disponível em:<http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm.> Acesso em 20 de out. de 2014.

[63] SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994; SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971. Edição realizada em convênio firmado entre FGV E Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo); COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993, BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. **Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2010.

viajantes, até a continuidade da viagem e, consequentemente, a chegada à região do Rio Madeira (CRAIG, 1947, p. 94).

O tempo de duração da viagem dos Estados Unidos até Barbados segundo Craig (1947, p. 93) era de “apenas duas semanas” até a chegada ao Porto de Bridgetown, sendo que a próxima parada seria no cais da capital do estado do Pará.

Dessa maneira fica claro, que os Portos de Bridgetown, Belém, Amazonas, Porto Velho e Santo Antônio funcionaram durante os fins do século XIX e início do XX como uma *grande babel da modernidade*[64], onde estrangeiros de várias localidades do mundo se encontravam para chegar aos empreendimentos internacionais que estavam sendo construídos em Belém, Manaus e Porto Velho.

> [...] construção da ferrovia, trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc. e aqui, na grande Babel reinante foram apelidados de “Barbadianos” (FERREIRA H, 1969, p. 47).

Por conseguinte, na rota do mar do Caribe até a Beira do Madeira a ilha de Barbados, desde as primeiras tentativas da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, funcionou como entreposto para descanso, tendo função comercial e de suprimentos para os viajantes europeus, estadunidenses e antilhanos. Por isso, era muito provável que muitos/as antilhanos/as dirigiam-se ao porto de Bridgetown para trabalhar nos serviços desta ferrovia, e assim, diante da “situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

.

SEÇÃO 3.1 – O *Barbadian Town* como representação da cultura antilhana em Porto Velho

A imigração dos antilhanos[65] serviu como base social para o surgimento da nascente cidade de Porto Velho, sendo que configurou-se uma categoria importante no processo inicial de formação desta cidade. Dessa maneira, iremos enfatizar a importância cultural, social, econômica e política dessa comunidade internacional em Porto Velho a partir de 1910, além de reunir quatro explicações sobre a designação pejorativa da nomenclatura “Alto Bode” *versus* o *Barbadian Town*. Utilizaremos o conceito de representação proposto por Chartier (1988), a ideia de cultura que “é

---

[64] [...] sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade "original" (HALL, 2003, p. 52).

[65] Fins do século XIX e início dos XX imigraram muitos(as) antilhanos(as) das ilhas de origens com objetivo de buscar melhores condições de vida para o Brasil em destaque: Rio Branco, Belém, Espírito Santo Manaus e Porto Velho

todo sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 1969, p. 58) dentre outros.

No início do século XX, a comunidade antilhana em Porto Velho, acabou desencadeando de certa forma, a contribuição para o equilíbrio populacional, tendo em vista, que a construção da Ferrovia Madeira Mamoré era uma obra basicamente constituída pela figura masculina. No entanto, foi dado o direito aos trabalhadores negros ingleses imigrantes das Antilhas de buscar seus familiares. Conforme Hugo Ferreira “somente a eles foi permitido trazerem suas famílias” (1969, p. 47).

A autorização atribuída aos homens casados imigrantes das Antilhas que puderam trazer parte de sua família ao Brasil propiciou-lhe fugir da situação difícil, pela qual passavam algumas ilhas antilhanas inglesas. É importante salientar que a nenhum outro grupo foi permitido buscar familiares nem tiveram autorização ao acesso do complexo da Madeira Mamoré, salvo, os agentes do alto escalão da administração. O trecho a seguir evidencia tal assertiva, pois: “[...] para construção da ferrovia, trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc” (FERREIRA, H. 1969, p. 47).

A figura a seguir datada do ano de 1917 mostra em destaque o *Barbadian Town* no emergente povoado de Porto Velho, vila estrangeira em que os/as antilhanos/as habitaram.

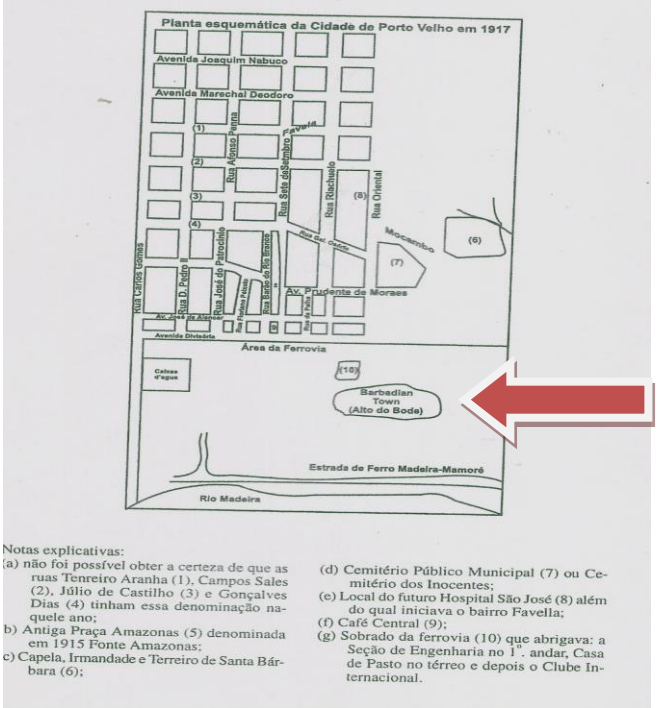

Figura 2. Planta de Porto Velho 1917. **Fonte**: **Porto Velho conta a sua História**, 1998, p. 52.

Esse fenômeno atípico para o período, funcionou como fator primordial, para localizarem-se juntamente com esposas, parentes e outros negros imigrantes antilhanos no aglomerado de casas constituindo um bairro em Porto Velho[66]. Este significativo conjunto de casas recebeu o nome de *Barbadian Town*[67] que era "um pequeno grupo de habitações" (NOGUEIRA, 1913, p. 20).

A comunidade antilhana que se estabeleceu em Porto Velho, majoritariamente no território anteriormente mencionado passou a viver de forma dualista[68] entre a fronteira territorial do Brasil e a base cultural trazida do Caribe e/ou das Antilhas. Com isso, essa fronteira existia não somente no sentido espacial, mas também, era identificada como uma fronteira cultural[69] e intercultural[70] e com isso, este bairro foi chamado pelos brasileiros de "Alto do Bode".

> "[...] a territorialização permite a permanência identitária. É o espaço delimitado que proporciona a materialização, ou a objetivação, ou a visibilidade da organização e dos atributos dos diferentes grupos sociais em diferentes escalas" (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 85).

A materialização do bairro nomeado "*Barbadian Town*" serviu como estigma da identidade dos/as antilhanos/as em Porto Velho. No entanto, ficou conhecido popularmente e teve como representação[71], no imaginário da população, como "Alto do Bode". No decorrer do processo histórico portovelhense foi sendo subsidiado e disseminado através dos discursos de algumas obras regionais[72]. Todavia, em relação, à designação popular deste conjunto de habitações, elaboramos algumas explicações para esse termo logo abaixo descrito.

Fica evidente que a disputa cultural, espacial e geográfica pode ser considerada uma "luta [..] complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também **idéias**, **formas**, **imagens** e **representações**" (SAID, 2011, p. 40) [Grifo Nosso].

---

[66] Oficialmente fundada em 02 de outubro de 1914, Porto Velho foi criada por pioneiros em torno de 1907, durante a construção da Madeira- Mamoré. Após [...] foi concluída, a população local foi de cerca de mil habitantes, seus edifícios foram principalmente às instalações da ferrovia e das casas de madeira dos trabalhadores do Caribe - daí o nome do maior distrito da cidade até então. "[...] recebeu o nome oficial The barbedians Town [...] certo dia crismado por um qualquer espirituoso nordestino aos passar por perto, ALTO DO BODE". [Grifo do Autor] (FERREIRA H, 1969, p. 47 e 48).

[67] Bairro dos Barbadianos.

[68] Que contém dois princípios opostos. Ver: DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/dualista/>. Acesso em 08 de jan. de 2015.

[69] MARTINS, 1997 p. 11-13.

[70] CANDAU; RUSSO, 2011, p. 71.

[71] O objetivo da Representação é mascarar a realidade (CHARTIER, 1991, p. 185).

[72] Sendo que: "O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para cultura e o imperialismo" (SAID, 2011, p. 11).

A respeito da designação “Alto do Bode” é possível reunir as seguintes explicações[73]: 1) que essa comunidade recebeu esse nome, em consequência da grande quantidade de bodes que os/as antilhano/as criavam; 2) devido à língua falada (o inglês barbadiano, idioma oficial utilizado na Comunidade Antilhana[74]) que os brasileiros associavam ao balido dos bodes, ou seja, que os antilhanos não conversavam e sim baliam; 3) em função de alguns antilhanos possuírem barbichas fazendo alusão ao bode ou 4) que o apelido “Alto do Bode” está associado ao mau cheiro característico da raça negra que lembra o odor do bode [Grifo Nosso]. Por conseguinte,

> As representações do mundo social assim construída, [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, p. 17).

Elencamos algumas das representações e visões que conseguimos agregar a partir da junção de fontes bibliográficas e documentais elaboradas durante a análise das fontes da nossa pesquisa. Sendo que, evidenciamos que as representações textuais e orais são construídas e não são neutras, ou seja, estão a favor de certos grupos sociais.

Nossa pesquisa mapeou aspectos endógenos criados a partir da visão dos descendentes de negros antilhanos que moraram no *Barbadian Town*, contrastando com as imagens, representação e visão produzida por agentes sociais exógenos que não deixam de ser superficiais com ideias baseadas no preconceito e na discriminação. Nesse contexto, “dona Berenice, diz ela que lembra com revolta as versões que considera preconceituosa da origem do nome “Alto do Bode” [...]” (RODRIGUES, 1994, p 10; Ver Anexo E3) [Grifo do Autor].

Todavia, reafirmamos que analisamos alguns objetos bibliográficos[75] e documentais[76] partindo do conceito de representação, ou seja, algo que permite ver

---

[73] BLACKMAN, 1997, p. 35; FERREIRA H. 1969, p. 47; Ver Anexo A3, E3.
[74] Dialeto do inglês britânico. Ver Anexo E3.
[75] TOMLINSON, H. M. The *Sea and Jungle*. 1912; CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. História Trágica de Uma Expedição. 1947; NOGUEIRA, Julio. **Estrada de Ferro Madeira-**Mamoré. 1959; FERREIRA, Manoel Rodrigues, **A Ferrovia do Diabo**. 1995; SOUZA, Márcio, **Breve História da Amazônia**, 1994; COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós. 1993; SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. 1971; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias** (Belém, Séculos XX e XXI) 2006. LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Barbadianos, negros e estrangeiros**: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2013. FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues**. História Regional**: Rondônia. 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. 1998; HARDMAN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma**. 1998; FERREIRA H, **Reminiscências da Madmamrly e outras**. 1969; CANTANHEDE, Antônio. Achegas para História de Porto Velho. 1930; SOUZA, Márcio. Mad Maria. 1980; GAULD, Charles A. **Farquhar, Último Titã**. 2006; FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos**: Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. 2010; MENEZES, Nilza. **Mocambo**: com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho. 1999; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens Afrodescendentes de Porto Velho** – Os Caminhos para Auto-Afirmação. 2006; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível**: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX, Araraquarara - SP. 2010; BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa**, em Porto Velho – RO. 1989.
[76] Em anexo ao final de nossa dissertação.

uma coisa ausente, sendo que estas fontes documentais de diversas modalidades acabaram por produzir uma prática social. Sendo que Chartier nos esclarece a respeito do conceito de representação (1991, p. 184) que:

> Faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa [...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente substituindo uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é [...] (CHARTIER, 1991, p. 184).

Acrescentamos e consideramos que as fontes bibliográficas, documentais e orais também são formas de representação de mundo que trazem consigo a visão cultural dos autores, retratando sua postura diante da sociedade, "como realidade de múltiplos sentidos" (CHARTIER, 1988, p. 11). Porém, a representação está intimamente ligada ao poder e a dominação. Com disso, concluímos que a existência do duelo de representações sociais entre o discurso produzido a partir do/da imigrante antilhano/a e aquele criado por agentes sociais exógenos.

Ainda assim, cabe enfatizar a importância cultural, social, econômica e política dessa comunidade internacional em Porto Velho a partir de 1910.

Destacamos a relevância do *Barbadian Town* no surgimento da cidade de Porto Velho, considerado, "então, o maior de todos os bairros [...] construído em área de concessão da ferrovia. As moradias abrigavam principalmente trabalhadores negros oriundos das ilhas britânicas do Caribe" (PORTO VELHO, 2010, 1).

A constituição dessa comunidade antilhana foi de fundamental importância na justificativa da criação do município de Porto Velho em 02 de outubro de 1914[77], tendo em vista o contingente populacional de imigrantes antilhanos que ficaram em Porto Velho após a efetivação e construção da Ferrovia Madeira Mamoré. A resultante foi uma organização social distinta, intercultural e multicultural na nascente Porto Velho (HALL, 2003, p. 53). Por volta do ano de 1910 já havia em "Porto Velho had a population of about three hundred. There were Americans, Germans, English, Brazilians, a few Frenchmen, Portuguese, some Spaniards, and a crowd of negroes and negresses" (TOMLINSON, 1912, p. 163).

De acordo Ferreira R. (1995), Ferreira, H. (1969) e entrevistas de Aurélia Banfield e Elton Blackman o *Barbadian Town* tornou-se uma organização social.

---

[77] Lei Número 757 cria o município de Porto Velho. Porto Velho Conheça mais sobre a história desta bela aniversariante. Base de Dados. Disponível em: <rondoniadinamica.com>. Acesso em 02 de out. de 2014.

Algumas fontes bibliográficas afirmam que esta localidade era na verdade “uma **vila** onde viviam outras famílias de barbadianos localizadas em um morro que havia nas proximidades do local onde hoje fica o Porto Cai N’água[78]” [Grifo Nosso] [Ver anexo A2 e A3].

Aproximadamente desde o ano de 1910 a 1943 a língua oficial deste bairro formado por estrangeiros/as antilhanos/as era o inglês (dialeto). Os primeiros descendentes dos/as antilhanos/as tornaram-se bilíngues, pois, primeiramente, aprendiam-se o inglês barbadiano e por volta dos oito anos de idade, os/as descendetes, ou seja, os/as filhos/as da primeira geração nascidos em Porto Velho, iniciavam o processo de abrasileiramento[79]. Com isso, iniciava-se a obrigatoriedade de falar português e a alfabetização era também conduzida em português[80] em áreas de colonização estrangeira. Por isso, “o inglês com forte sotaque barbadiano se sobrepõe ao português dentro da família” (RODRIGUES, 2004, 10).

No que tange ao processo educacional verificamos a contribuição dos/as negros/as antilhanos/as ingleses/as, como, outro aspecto relevante dessa comunidade para a base histórica em Porto Velho, tendo em vista, que:

> “Numa pequena colônia estrangeira, situada no bairro denominado “Alto do Bode” na maioria de descendência inglesa, já existia uma escola na própria língua para a orientação de desses filhos, dirigida pelos senhores Friederic A. Banfield e dona Priscila ambos de origem inglesa” (SILVA, 1980, p. 56) [Grifo do Autor].

Notamos ser a preocupação e a dedicação dos(as) antilhanos(as) ingleses/as ao processo educacional. Deste modo, demonstravam estarem atentos às questões pedagógicas e educacionais, assim como às práticas culturais. Houve tentativas de manter o aspecto linguístico por meio da alfabetização dos(as) filhos(as) em língua inglesa, o idioma oficial que foi trazido pelos precursores dos(as) negros(as) antilhanos(as) para Porto Velho. Sobretudo, reiteramos a importância da fundação de uma escola localizada no *Barbadian Town* com o objetivo de preservar a língua

---

[78] BLACKMAN, 2007, p. 34; RODRIGUES, 2004, 10

[79] “De forma incisiva, através de **legislação** especifica e da minuciosa **Campanha de Nacionalização do Ensino**, iniciada em **1938**, o Estado brasileiro **implantou o português como língua nacional** nas **áreas de colonização estrangeira**, (re)forçando a nacionalização” (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

[80] SIQUEIRA, Eliene Morais. **O Processo de Alfabetização dos Descendentes de Barbadianos no Início do Século XX, em Porto Velho**. 2007.

(o inglês) barbadiano/dialeto,[81] e também alfabetizar os/as descendentes na língua oficial brasileira (SILVA, 1980, p. 56).

O modelo, formato e arquitetura das casas no *Barbardian Town* foi outra característica deixada como herança cultural pelos/as antilhanos/as ingleses/as em Porto Velho. Antes da construção do Complexo das Usinas de Jirau e Santo Antônio podíamos observar algumas casas na capital de Rondônia em estilo caribenho/antilhano localizadas no Bairro Triângulo. Conforme CRAIG (1947, p. 91) as moradias construídas em Barbados eram "As casas dos naturais são quase todas de madeira. Não vimos um único tijolo em toda ilha".

Segundo relato concedido por Dona Berenice Johnson descendente da 2ª geração, mas que preserva o dialeto barbadiano, ou seja, ainda fala o inglês juntamente com outros membros da família, sobre os modelos arquitetônicos das residências existentes no *Barbadian Town* Dona Berenice afirma que a "casa construída em típico estilo caribenho, **com janelas que abriam para fora**" (RODRIGUES, 2004, 10) [Grifo Nosso].

Em relação à estrutura projetada e a arquitetura das residências de alguns dos remanescentes de antilhanos/as representam a continuação de uma memória[82] caribenha/antilhana incentivados pelos precursores dessa história.

> Esses monumentos expressam os sentimentos estéticos do momento e constituem representações materiais dos profundos processos econômicos, sociais e políticos de um período de grandes transformações. **Identidade** e **poder** parecem ser as palavras-chave em torno das quais aquelas representações materiais foram produzidas (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 12) [Grifo Nosso].

Muito provavelmente a presença dos negros antilhanos em Porto Velho constituiu parte integrante no processo de formação deste município, no qual o poder das representações arquitetônicas, assim como bibliográfica e documental, ou melhor, cultural, faz referência a uma identidade caribenha/antilhana à moda ribeirinha, desencadeando um processo de hibridismo cultural[83].

> [...] os estudos sobre hidridação modificaram o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo e sobre pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais: tradição-modernidade, norte-sul, local-global. Porque a questão do híbrido adquiriu ultimamente

---

[81] BURGEILE, Odete. Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho – RO. 1989.

[82] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.

[83] Encontramos discussões sobre Hibridismo Cultural em Canclini (2011), Homi Bhabha (2013) e Stuart Hall (2003).

> tanto peso se é uma característica antiga do desenvolvimento histórico? Poder-se-ia dizer que existem antecedentes desde que começaram os intercâmbios entre sociedades [...] *entendo por hidridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas* (CANCLINI, 2011, p. XVI, XIX) [Grifo do Autor].

Até a atualidade tínhamos algumas casas que ainda resistiam ao tempo e faziam alusão ao estilo caribenho/antilhano pertenciam a uma massa significativa de alguns remanescentes antilhanos/as no Bairro Triângulo localizado à beira do Rio Madeira. Por outro lado, em Barbados "as casas dos naturais são quase todas de madeira. Não vimos um único tijolo em toda ilha" (CRAIG, 1947, 91).

A imagem a seguir que confirma que na atualidade ainda temos alguns resquícios da cultura antilhana nas edificações em Porto Velho.

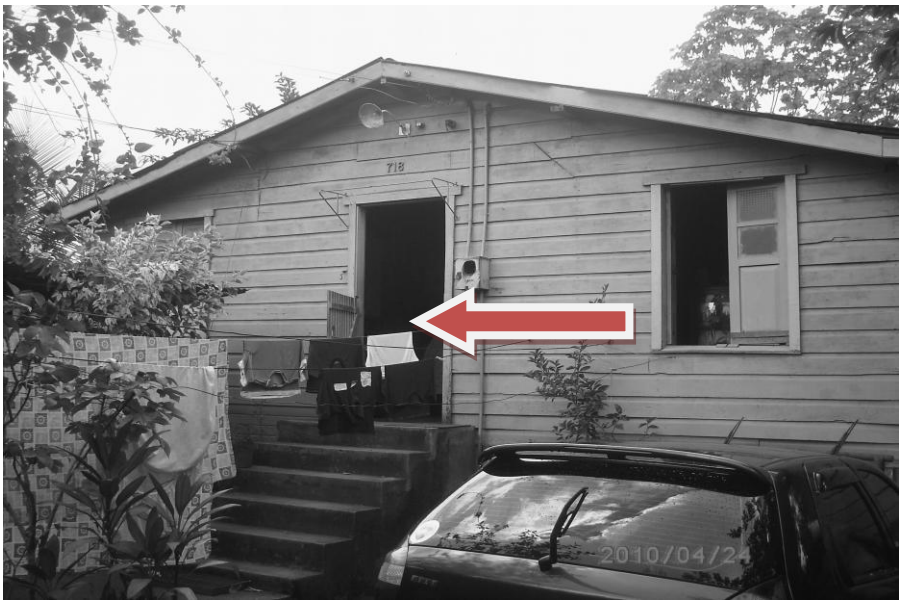

Figura 3: Fotografia da Casa da Família Shockness (Frente). Por: Cledenice Blackman em 24 de abril de 2010.

Na figura 3 constata-se a frente da arquitetura de uma residência localizada no Bairro Triângulo em Porto Velho. Identificamos a porta e as janelas que se abriam para fora (Ver figura 4) como nos informou Dona Berenice Johnson em entrevista concedida em junho de 2004, sobre as características arquitetônicas que constituam o *Barbadian Town*, pois a "casa construída em típico estilo caribenho, **com janelas que abriam para fora**" (RODRIGUES, 2004, p. 10) [Grifo Nosso].

Figura 4: Fotografia da Casa da Família Shockness (Lateral). Por: Cledenice Blackman em 24 de abril de 2010.

Diante dessas referências iconográficas (figuras 3 e 4) constatamos alguns resquícios da influência cultural que Williams (1969, p. 58) considera ser "[...] todo sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual".

Vale lembrar que até o ano de 2013[84], no Bairro Triângulo, podíamos observar alguma herança cultural deixadas pelos/as negros/as imigrantes das Antilhas em Porto Velho. Todavia, no Bairro Caiari ainda é possível encontrar traços dessa cultura arquitetônica em Porto Velho, uma vez que algumas famílias ainda preservam as casas que fazem menção ao estilo caribenho; existem outras famílias de remanescentes que ainda constroem habitações fazendo alusão às casas construídas no Caribe que são intituladas de *Chatell Houses*[85].

Ressaltamos a necessidade que a comunidade antilhana teve em delimitar o espaço geográfico e cultural, pela via arquitetônica de suas casas, haja vista, que "Toda identidade implica uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária" (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 85).

---

[84] Com a construção das Usinas Jirau e Santo Antônio todos/as moradores/as à beira do Rio Madeira foram retirados. E com a alagação histórica no ano de 2013 muitas residências foram alagadas, algumas desabaram ou foram removidas.

[85] Casas antigas localizadas em Barbados construídas em estilo caribenho, sendo que em Porto Velho ainda existe resquícios arquitetônicos dessas habitações em alguns bairros como: Triângulo, Centro e Caiari. **Da Dinamarca para o Caribe, a Procura de suas Raízes**. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=39219>. Acesso: 09 de jan. de 2015.

Figura 5: *Chatell Houses* em Barbados. **Fonte**: Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=39219>. Acesso: 09 de jan. de 2015.

Figura 6: Casas de Porto Velho. Por: Cledenice Blackman em 24 de abril de 2010

A figura 5 remete as construções na ilha de Barbados até o presente momento ainda existem edificações como estas que reafirmam e configuram a influência antilhana em Porto Velho.

Já a figura 6 mostra fotografias de várias residências. Algumas das casas foram afetadas pela construção das Usinas de Jirau e Santo Antônio já não existem mais, porém, duas casas ainda resistem ao tempo, preservando a cultura antilhana em suas características. Estão localizadas no Bairro Caiari em Porto Velho.

Segundo entrevista concedida por Aurélia Banfield e Elton Blackman[86] (1980), afirmam que provavelmente durante o ano de 1910 até 1943, as diversões praticadas no *Barbadian Town*, eram as mais diversificadas possíveis já que aconteciam em um barracão, construído especificamente para a realização de atividades culturais, organizadas pelos/as negros/as imigrantes antilhanos/as, ferroviários/as ou não pertencentes ao quadro de trabalhadores efetivos da Madeira Mamoré. Entre estas atividades socioculturais que ocorriam no *Barbadian Town* estão festas, danças, músicas, jogos, os cultos, o cinema, a educação e o comércio [Ver Anexo A2; A3].

As festas frequentemente aconteciam aos sábados, "o cinema [...] era mudo e quem não gostava de cinema ia para o baile" [Ver Anexo A3]. A música tinha como base, os seguintes instrumentos a "clarinete, banjo e bateria. A bateria era o bombo e o prato" [Ver Anexo A3]. A parte culinária e comercial ficava por conta das mulheres antilhanas inglesas, sendo que os filhos pequenos ajudavam as suas mães: "eu cansei de vender doce com a velha minha mãe no terreiro, na hora do baile" informação oral de Elton Blackman [Ver Anexo3].

A organização escolar ficava sob a orientação, coordenação e direção dos imigrantes "Friederic A. Banfield e dona Priscila ambos de origem inglesa" (SILVA, 1980, p. 56).

Um dos jogos praticados no *Barbadian Town* em Porto Velho era o *Cricket*[87] um jogo importado das Antilhas para parte da Amazônia, servindo de referência caribenha trazido pelos/as negros/as antilhanos/as sendo que: "tinham jogos. Tinha o cricket que é o jogo principal lá do Caribe" segundo Aurélia Banfield [Ver Anexo A2].

Para ilustrar o jogo utilizamos a foto a seguir de antilhanas jogando *Cricket* na ilha de Santa Lúcia datada do ano de 1905.

---

[86] Dona Aurélia Banfield é filha de imigrantes pioneiros antilhanos(as) Fred Banfield e Louise Banfield; Elton Blackman é filho de Preston Blackman e Constança Groodrich. Ambos são da 2ª geração de descendentes nascidos em Porto Velho que chegaram a morar no *Barbadian Town* e falantes do dialeto barbadiano (BLACKMAN, 2011, p. 7-8) [Ver também: Anexo A2; A3].

[87] É um esporte que utiliza bolas e tacos, cuja origem remonta ao sul da Inglaterra, durante o século XVI. Considerado por muitos um esporte parecido com Beisebol. Cricket é o esporte nacional de Barbados e das Antilhas [...] Barbados é uma das capitais internacionais do Cricket e contribui sempre um grande contingente para equipe de West Indies Fonte: <http://pt.wikipwdia.org/wiki/Cr%C3%ADquete>; <http://.barbados.org/crick.htm>; Ver Anexo A2.

Figura 7: Women play cricket in St. Lucia – 1905. **Barbadianos Paraenses**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1388023954826021&set=a.1379199075708509.1073741832.100008552889140&type=1&theater>. Acesso em 10 de jan. de 2015.

A fonte da figura 7 foi retirada da página do Facebook dos barbadianos paraenses[88], a foto nos ajuda a compreender que era comum aos imigrantes antilhanos levarem consigo os estigmas e marcas culturais herdadas e influências à moda antilhana. Dessa forma, "[...] todos os processos de produção e manutenção de **identidades** sociais necessitam do suporte espacial, assim como o espaço geográfico é indissociável das ações sociais" (ROSENDHL, CORRÊA, 2005, p. 81) [Grifo Nosso].

É significativo lembrar que houveram informantes que moraram no bairro Triângulo e tiveram ou ainda têm ligação com familiares e descendentes de antilhanos/as que informaram ser uma prática comum um jogo de rua nomeado em Porto Velho de *Bets* ou *Licença Bets* que remonta de certa maneira a herança do *Cricket* advindo das Antilhas.

Quanto as práticas religiosas que aconteciam no *Barbadian Town* foi possível identificar um direcionamento ligado ao protestantismo. Uma parcela das pessoas pertencentes à comunidade antilhana eram frequentadores da Igreja Anglicana em seus países de origem, ou seja, Barbados, Granada e outras ilhas centro-antilhanas inglesas. Assim, a religiosidade em Porto Velho foi se definindo nos seguintes moldes:

---

[88] Com o aumento de pesquisadores/as sobre os/as antilhanos/as alguns/mas descendentes resolveram criam e alimentar página do facebook para manter contatos com outros/as descendentes de outros estados brasileiros e com barbadianos de nacionalidade. Dessa maneira registramos as páginas intituladas: Barbadianos Paraense e Comunidade barbadiana brasileira.

> [...] maioria era deles eram protestantes [...]. Alguns Batistas, Anglicanos [...] Igreja Anglicana. A igreja não tinha Templo em Porto Velho. Só quando apareciam algum pastor por aqui, eles faziam reunião lá no dito “Barracão do Alto do Bode” (BANFIELD, A.) [Ver Anexo A2] [Grifo do Autor].

Todavia, apesar de no período anterior a organização deste bairro de imigrantes não existir nenhuma igreja em Porto Velho, “as igrejas protestantes assentaram suas bases em Porto Velho, praticamente ao tempo da construção da ferrovia devido ao fato de os barbadianos, o maior contingente que resistiu aos embates das endemias, pertencerem a essa religião” (MENEZES, 2001, p. 249). Não obstante, os/as antilhanos/as realizavam os cultos no “Barracão do Alto do Bode”, visto que “aquele barracão servia pra tudo. Servia pra cultos protestantes, Batista, etc, e também as festas,” segundo Aurélia Banfield [Ver Anexo A2] [Grifo do Autor].

A partir do relato anteriormente citado, conclui-se que nem todos(as) os(as) antilhanos/as ingleses/as moradores no *Barbadian Town*, um bairro formado por estrangeiros, que existiu em Porto Velho do ano de 1910 a 1943, tinha ligação com as religiões protestantes. No entanto, havia aqueles que eram dados às danças, bebedeiras, jogos, sendo que “a maioria das brigas deles era por bebedeira”. Sendo que, “nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos” (CANCLINI, 2011, p. 190) [Ver Anexo A2; A3, E3].

Apesar disso, uma das características culturais deixada como herança pelos/as ascendentes antilhanos/as ingleses em Porto Velho foi a base para a instituição de duas fortes igrejas no contexto histórico regional desta localidade: a Primeira Igreja Batista e a Igreja Assembleia de Deus que se tornaram reflexo da participação cultural e religiosa dos/as imigrantes antilhanos/as. Enfatizamos a participação, tanto da figura feminina quanto masculina, assim como a participação das crianças, ou seja, os/as filhos/as dos/as antilhanos/as nascidos/as em Porto Velho.

Dessa forma, a comunidade antilhana de maneira geral ajudou na consolidação de práticas religiosas desde início do século XX em Porto Velho.

> As igrejas protestantes assentaram suas bases em Porto Velho, praticamente ao tempo da construção da ferrovia devido ao fato de os **barbadianos**, o maior contingente que resistiu aos embates das endemias, pertencerem a essa religião. Periodicamente visitava Porto Velho o Pastor Nelson que realizava cultos na feira que existia no local onde e atualmente a Praça Presidente Vargas, e no Alto do Bode, onde estava concentrada a

> maior quantidade desses estrangeiros (MENEZES E, 2001, p. 249) [Grifo Nosso].

A origem das igrejas protestantes está atrelada aos imigrantes ingleses antilhanos/as que juntamente com seus familiares trouxeram um arcabouço multicultural a fim de "construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade "original" importado das Antilhas Britânicas, ou melhor, *do Mar do Caribe à beira do Rio Madeira* (HALL, 2003, p. 52) [Grifo do Autor].

Em *Barbadian Town* existiam dois negros antilhanos ingleses: Fred Banfield e *Mister* Davis que exerciam o papel de conselheiros, se nos dias de hoje poderíamos sugerir que seria o exercício de um cargo de diplomata, advogado ou até mesmo um líder comunitário que tinha como foco interceder, representar e harmonizar os acontecimentos e atritos entre o próprio grupo de imigrantes antilhanos, assim como entre os caribenhos, brasileiros e/ou outros estrangeiros [Ver Anexo A2].

> Meu pai[89] era mais ligado à parte judicial. Ele era metido a delegado, porque ele falava mais ou menos o português, e o outro era o conselheiro, o Mister Davis. Meu pai [...] servia sempre de intermediário entre o Delegado da parte municipal e a vítima, ou então o réu [...] entre o delegado e o réu [...] (Ver Anexo A2).

Nesse bairro internacional, organizado pelos antilhanos ingleses, tendo como base e referência certa tendência política cultural, exercidas por aqueles que dominavam de forma embrionária a língua portuguesa, idioma oficial em território brasileiro:

> "[...] através de legislação especifica e da minuciosa Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada em 1938, o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização" (BOLOGNINI *Et al*., 2005, p. 1).

Sobretudo, ressaltamos que esse referido domínio representava poder[90], pois, os falantes da língua portuguesa, mesmo de maneira incipiente, conseguiam se comunicar com os membros da sociedade local brasileira e/ou vice-versa. *Barbadian Town* era fundamentado em regras sociais, econômicas, políticas e culturais trazidas como herança, melhor dizendo, patrimônio cultural material e imaterial dos/as negros/as imigrantes das Antilhas Britânicas para nascente Porto Velho.

---

[89] Fred Banfield [Ver Anexo A2].
[90] GNERRE, Maurizzio. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Vale lembrar que nessa pequena colina habitada por negros/as desde o início do século XX, remete a organização de outras colônias estrangeiras[91] localizada no Brasil e que ainda existem. Utilizamos como exemplo o famoso bairro oriental existente na capital de São Paulo formado majoritariamente por imigrantes que vieram do Japão no início do século XX para trabalhar nas fazendas de café paulista. Nesse prisma:

> Ter uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 2011, p. 190) [Grifo do Autor].

Em todos esses aspectos notamos a importância e contribuição desse grupo tão peculiar formado por negros/as imigrantes advindos do mar do Caribe que chegou à beira do Madeira influenciou e constituiu o processo histórico, social, territorial, econômico e cultural para o surgimento de Porto Velho.

SEÇÃO 3.2 – O elo entre *Barbadian Town* Versus Barbados

Nesta seção abordaremos a questão da ligação entre a comunidade antilhana que se constituiu no *Barbadian Town*, em Porto Velho, com a ilha de Barbados. Essa manutenção e rede de contato, que foi mantida basicamente por correspondência[92], corrobora a persistência do conceito de "memória" que será apresentado à luz de Halbwachs (2006) dentre outros autores.

Contudo, instituímos esta parte da pesquisa para, tentarmos a partir da análise dos diálogos existentes nas correspondências, que eram enviadas de Porto Velho/comunidade antilhana/*Barbadian Town* para Barbados e vice-versa, buscar, perceber e compreender, a partir das cartas, os motivos da imigração a partir da

---

[91] Assim como ocorreu no Bairro da Liberdade localizado na cidade de São Paulo que possui uma forte tendência a preservação cultural dos imigrantes japoneses para o Brasil. Considerado a maior colônia nipônica fora do Japão. Dessa maneira, o **Barbadian Town** também tinha suas regras, religião, esporte, comércio, língua oficial (inglês/dialeto barbadiano), educação etc. Muitas das tradições foram trazidas e organizadas por seus antecessores, as negras e os negros, ou melhor, pelos(as) antilhanos(as) britânicos para Porto Velho nos fins d século XIX e alvorecer do século XX . Fazendo alusão às pequenas Ilhas, localizada na Região das Antilhas, de onde estes imigraram para constituir juntamente com seus familiares em plena selva amazônica, mas precisamente, na nascente cidade de Porto Velho "um nova morada à moda caribenha/antilhana" [Grifo Nosso].

[92] Em Anexo C - Cartas recebidas por Fred Banfield e Louise Banfield (pais da D. Aurélia Banfield) membro da comunidade antilhana de Porto Velho pertencente ao Dennis Oval brasileiro que imigrou para Barbados. C1 - Fred Banfield (Padrinho de Dennis Oval – Porto Velho – Rondônia - Brasil) C2 – Louise Banfield (Madrinha de Dennis Oval – Porto Velho – Rondônia - Brasil) C3 – Juanita Overton (Mãe de Dennis Oval - Estados Unidos).

visão do imigrante, comprovando a relação do *Barbadian Town versus* Barbados e entender, de certa maneira, os temas recorrentes da época que perpassavam os diálogos contidos nas cartas.

Apesar de muitos/as antilhanos/as conseguirem se organizar em núcleos familiares e da concentração no *Barbadian Town* como forma de amenizar as consequências da partida, separação, ruptura cultural e afetiva, alguns mantiveram vínculos comunicando-se com os parentes e amigos por carta. Este vínculo que ecoa a assertiva de Hall à respeito da constituição das identidades nacionais: "[...] representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares" (HALL, 2006, p. 76).

A saudade e lembrança da terra natal fez com que representantes dos/as negros/as antilhanos/as no Brasil, mais precisamente, dos imigrantes que ficaram em Porto Velho, continuassem mantendo contato com parentes, amigos, compadres, comadres e afilhados que permaneceram e/ou retornaram as ilhas caribenhas ou mesmo com aqueles que ficaram em Porto Velho até a consolidação do complexo ferroviário da Madeira Mamoré em 1912 [Ver anexo C].

Todavia, aconteceu em certos casos que os/as antilhanos/as ingleses/as voltaram as suas ilhas de origem, retornando a sua terra natal ou partiram para outros lugares no Brasil, como nos certificamos a seguir:

> Muitas famílias voltaram para a ilha, alguns foram para o Rio de Janeiro outros para a Bahia [...] **Ela tinha saudade, mas acabou ficando, veio com a intenção de ganhar dinheiro e acabou casando** [...] mas eles sempre estavam sabendo noticiais de lá [...] (MENEZES N, 1998, 34-36) [Grifo Nosso].

O desejo de melhorar de vida foi fator determinante para a imigração dos/as negros/as antilhanos/as a Porto Velho. Porém, os imprevistos acabaram tornando o sonho de retornar para terra natal algo remoto e longínquo. Sobretudo, fizeram parte apenas da representação das lembranças e da construção da memória[93] dos(as) filhos/as nascidos/as no Brasil.

Dessa maneira, algumas correspondências foram recebidas, por um brasileiro que nasceu em Porto Velho devido a imigração dos/as antilhanos/as para trabalhar nos serviços da Madeira Mamoré ou absorvidos em outras atividades desvinculadas

---

[93] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006

da ferrovia. Dennis Oval[94] conseguiu retornar a ilha caribenha de Barbados juntamente com seu pai Raul Louis Dubois[95].

Apesar de Dennis Oval ter nascido no ano de 1913 em Porto Velho/Brasil só foi registrado no ano de 1934, ou seja, com praticamente vinte e um anos de idade. Identificamos que não constam os nomes dos avôs maternos e paternos em sua certidão de nascimento [Ver Anexo D4].

As cartas utilizadas como fonte de pesquisa fazem referência ao ano de 1940, o que retrata de forma significativa a organização da comunidade antilhana em Porto Velho (*Barbadian Town*). Os remetentes das cartas enviadas a Barbados foram os imigrantes antilhanos/as Fred Banfield[96] e Louise Banfield[97]. Os pais da professora Aurélia Banfield[98] eram os que respondiam as cartas enviadas por seu afilhado, Dennis Oval que morava em Barbados. Esse fato corrobora a afirmativa de que alguns antilhanos ingleses continuaram e/ou tentaram manter contato com seus familiares ou pessoas próximas que permaneceram em Barbados. Da mesma maneira que nas demais ilhas por meio de correspondências que contribuíam para amenizar a saudade visto que, “a lembrança é como a fronteira e o limite” (HALBWACHS, 2006, p. 13).

Diante da análise dessas cartas, conseguimos perceber que as correspondências entre a ilha de Barbados e o município de Porto Velho, demoravam em média quase dois meses para chegar a seu destino e, às vezes corriam um intenso risco de não chegar aos destinários finais.

Ao ler os conteúdos das correspondências remetidas na década de 1940 pelos/as representantes antilhanos/as da família Banfield, percebeu-se que os/as negros/as do *Barbadian Town* ficaram apreensivos com os acontecimentos, o desenvolvimento e os resultados da II Guerra Mundial.

Logicamente, os/as imigrantes antilhanos/as estavam aliados/as e torcendo pela vitória da Inglaterra, de quem eram súditos. Apesar de as ilhas caribenhas, mas especificamente, Barbados conseguirem a sua independência política em 1966, a influência cultural britânica continua até a atualidade. Era bastante acentuada a

---

[94] Filho de barbadiano nascido em 16 de outubro de 1913 em Porto Velho e pai de Philip Dubois [Ver Anexo D4].
[95] Pai de Dennis Oval imigrante originário de Barbados.
[96] Padrinho de Dennis Oval
[97] Madrinha de Dennis Oval
[98] Descendente de barbadianos/as exercendo a profissão na área da docência escolar. È considerada uma das primogênitas no contexto educacional portovelhense. Contribuiu na alfabetização de inúmeros descendentes antilhanos/as e de portovelhenses.

preocupação dos/as antilhanos/as com a evolução e o desfecho da II Guerra Mundial. A família Banfield chegou a organizar uma campanha com objetivo de angariar recurso (verbas) para contribuir no financiamento da guerra. Evidentemente os/as negros/as imigrantes antilhanos/as estavam a favor da Inglaterra em oposição à Alemanha, como se comprova pelo excerto: "Eu pedi para que **todos** os caribenhos aqui contribuíssem para o Fundo da Guerra [...] ainda mostramos a **nossa** lealdade à Pátria Mãe mandando US$ 63,00 para os soldados na fronte [...]" [Ver Anexo C] [Grifo Nosso].

Nestas correspondências existem outros destaques como saudações natalinas, notícias sobre os jogadores de *cricket* em Barbados; informações sobre o carnaval, uma das festas mais populares e animadas, que aconteciam em Porto Velho, já na década de 1940, segundo informação do imigrante Fred Banfield.

> Hoje é carnaval aqui. É uma das épocas mais animadas aqui no Brasil. Cada um tem que se armar com seu lança-perfume, confete e serpentina para repulsar seus inimigos. Um garotinho encontrou sua morte atropelado por um carro na avenida. Ele morreu na hora [Ver Anexo C]

Apesar de o município de Porto Velho ter sido considerado um ambiente seguro, em virtude, da proteção da Madeira Mamoré que exercia o poder político nesta região, houve um episódio fúnebre ocorrido no carnaval. A animação e alegria desse evento cultural em 1940 acabou com resultados negativos socialmente com a tragédia típica[99] de período carnavalesco.

As cartas refletiam os aspectos solidários, comunitários, culturais e sociais da sociedade de Porto Velho; as correspondências a que nos reportamos foram motivadas devido a necessidade que Dennis Oval tinha no período de conseguir a expedição de sua certidão de nascimento feita em território brasileiro, especificamente, no município de Porto Velho.

Juanita Overton mãe de Dennis morava e trabalhava nos Estados Unidos, ou seja, era uma imigrante de Barbados que imigrou para a América do Norte. Em virtude disso, tinha pretensão de contribuir na tentativa de levar Dennis aos Estados Unidos para também trabalhar e conseguir dinheiro para a compra de uma casa própria. Contudo, Dennis Oval era brasileiro e a sua certidão de nascimento estava em um cartório em Porto Velho. E assim, começa o diálogo entre a família Dubois e Banfield na tentativa de conseguir uma cópia do registro de nascimento de Dennis

---

[99] Fazendo analogia com épocas festivas no Brasil como: Natal, Ano Novo, Carnaval.

Oval para emissão do passaporte que o levaria a tentar uma vida melhor na América do Norte [Ver Anexo C].

Partindo desse preâmbulo, certificamos que a imigração nas ilhas antilhanas era uma constante. Quase de maneira geral, os/as negros/as antilhanos/as de origem caribenha inglesa estavam em busca de dias melhores.

No entanto, destacamos como um fator relevante e interessante no diálogo contida nestas correspondências a questão da diminuição da contingência formada pela população dos/as negros/as antilhanos/as ingleses em Porto Velho, assim como a ênfase dada a situação de alguns dos remanescentes após a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré:

> Embora agora **nós sejamos poucos aqui**, eu pedi para todos os caribenhos aqui contribuir para o Fundo da Guerra. Alguns deles, mesmo no seu estado de **penúria**, têm correspondido à chamada admiravelmente. Embora que a **população caribenha aqui é pequena** ainda mostramos a nossa lealdade à Pátria Mãe mandando US$ 63,00 para os soldados na fronte. [Ver Anexo C] [Grifo Nosso].

Portanto, a partir da análise dessas correspondências verificamos e confirmamos que havia comunicação entre os moradores da comunidade antilhana inglesa em Porto Velho, e seus parentes que ficaram ou voltaram, a suas ilhas de origem, o que corrobora a existência de uma relação direta do *Barbadian Town versus* Barbados. Compreendemos os motivos da imigração a partir dos relatos encontrados nas correspondências e entendemos de certa maneira os temas, recorrentes da época sendo, a contribuição para II Guerra Mundial, com destaque ao apoio à Inglaterra; o interesse pelo carnaval e a imigração para outros estados brasileiros e outros países.

SEÇÃO 3.3 - A demolição do *Barbadian Town*

Nesta seção trabalharemos o conceito de fronteira geográfica (SAID, 1990), multicultural (HALL, 2003) entre outros conceitos. Apesar disso, frisaremos alguns motivos que incentivaram as autoridades na década de 40 propor políticas de dissolver, desagregar, demolir e extinguir o *Barbadian Town*.

O *Barbadian Town* esteve presente desde o início da formação da cidade de Porto Velho. E era um bairro, vila ou comunidade formada por estrangeiros/as procedentes das Antilhas inglesas, conhecido também como Caribe Inglês. Com

isso, como nos apresenta Candau (2008) a interculturalidade possibilita a integração entre grupos culturais por meio da configuração do espaço no *Barbadian Town*.

Os imigrantes ingleses provenientes das Antilhas se organizaram "numa pitoresca colina ao Sul de Porto Velho, que recebeu o **nome oficial** de *Barbadian Town*" (FERREIRA, 1969, p. 47) [Grifo Nosso]. Nesta localidade os negros antilhanos ingleses viveram com suas esposas, filhos e agregados.

Vale lembrar que inicialmente a comunidade local começou a chamar esse lugarejo de Bairro dos Barbadianos, mas, com passar do tempo, este "morro de mais de uns mil metros quadrados era circundado pelo igarapé e igapós adjacentes" foi apelidado de Alto do Bode (FERREIRA, 1969, p. 47). Utilizando-se do imaginário popular portovelhense, logo após reproduzido, mantido, sustentado e disseminado através dos discursos de historiadores, escritores e viajantes, "muitas das representações da Amazônia brasileira, construídas por viajantes de diferentes nacionalidades e em diferentes épocas, contribuíram com certa mentalidade e imaginário" (ROCHA, 2012, p.15).

Chamamos atenção para um relato de Dona Berenice Johnson[100] que nasceu e teve o privilégio de morar no *Barbadian Town*.

> O **preconceito** sempre fez parte dos obstáculos surgidos na vida de dona Berenice, diz ela, que lembra com **revolta as versões** que considera preconceituosa da origem do nome "Alto do Bode", local onde nasceu. Ela lembra que, até em versões de escritores conceituados, como Esron de Menezes, houve o "desrespeito" ao termo [...] [Grifo Nosso] (RODRIGUES, 2004, p. 1).

O preconceito[101] e a revolta são termos de destaque na fala da descendente Berenice Johnson que além de suas memórias construídas a partir dos laços familiares, teve a oportunidade de viver no local.

Todavia, foi nesta localidade que os/as estrangeiros/as ingleses/as, integrando várias nacionalidades antilhanas como granadinos, guianense, jamaicanos e dentre outros que representa o "multicultural [...] sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum,

---

[100] Docente aposentada da Fundação Universidade Federal de Rondônia, descendente de antilhanos/as, bilíngue, falante do dialeto (inglês) e da língua portuguesa.

[101] CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros**: Os escravos libertos e sua volta à África. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012. HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

ao mesmo tempo que retêm algo de sua identidade “original” possibilitando, uma interculturalidade[102] (HALL, 2003, p. 52) [Grifo do Autor].

Mas principalmente os barbadianos[103] constituíram ou reinventaram uma pequena ilha de Barbados no alto da colina pois a cultura caribenha dos antilhanos/as foi trazida conjuntamente, no imaginário do imigrante inglês caribenho, que mantiveram fortes traços culturais como: a língua, a alimentação, a música, a educação, sendo que, “numa colônia estrangeira [...] **já existia uma escola na própria língua** [...] dirigida pelos senhores Friederic A. Banfield e dona Priscila ambos de origem inglesa” (SILVA, 1980, p. 56) [Grifo Nosso]. Dessa forma, alguns aspectos culturais como: o comércio, o teatro, o cinema, o esporte, a religião e as vestimentas[104] se mantiveram [Ver Anexo A].

> [...] as primeiras mulheres a chamarem a atenção pela maneira de vestir-se e que encontramos registradas em fotografia são as **Barbadianas**, negras caribenhas que chegaram em Porto Velho por volta de 1912. Nas fotos oficiais da ferrovia são apresentadas como enfermeiras e lavadeiras. Elas foram observadas e comentadas pelo **uso do chapéu**, **hábito britânico que trouxeram para a floresta e que preservaram**, sendo assim registradas e lembradas. Em sua visita à Porto Velho e Guajará-Mirim em 1929, Mario de Andrade não deixou de observar essas mulheres: Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana (ANDRADE, 1983).

> Eduardo Barros Prado registrou-as como verdadeiras belezas de ébano. Pinto Pessoa, em Selva Selvagem, também notou essas mulheres e assim as descreveu: As mulheres tem um hábito interessante de conversar sempre **metido na cabeça um chapéo**. Vemol-as em ruidosos grupos pelas ruas ás horas de descanso, **engrolando um máo inglez**, **exhibindo chapéos de todos os feitios**. Muitas levam tão longe tal habito que se **conservam de chapéo, em casa, ao serviço** (Apud: Lopes, 1995) (MENEZES N, 2003, p. 3) [Grifo Nosso].

Complementamos a informação dos estudos de Nilza Menezes sobre as mulheres barbadianas em Porto Velho com um dado sobre essa comunidade estrangeira: os antilhanos homens também possuíam o hábito de se vestir de maneira elegante, conservando o hábito inglês, assim como, as mulheres.

Vejamos o depoimento de Elton Blackman[105], descendente direto de barbadianos que nasceu, viveu e assistiu a demolição do *Barbadian Town*:

> O pessoal como se vestia nas festas? Bem trajado, melhor que hoje em dia. Naquele tempo, tinha **casemira**, **tecido inglês** com quadradozinho.

---

[102] CANDAU, 2005, p. 32.
[103] No sentido populacional pois esta pesquisa vem comprovar o elevado número de imigrantes caribenhos procedentes e nascidos na ilha de Barbados.
[104] ANDRADE, Mario de. **O Turista Aprendiz**. Duas Cidades: São Paulo. 1983.
[105] Foi ferroviário na EFMM, músico e falante do inglês e português (bilíngue).

> Meu pai[106] se metia naquilo; **um chapéu** e o camarada que não tivesse uma boa bengala, bem polida, não estava bem vestido. E as mulheres? **Vestido comprido de seda** e **chapéu na cabeça** [Ver Anexo A3] [Grifo Nosso].

Diante desse fato, as antilhanas eram características: A "mulher do povo e de Chapéu, já sabe, é barbadiana**"** (ANDRADE Apud MENEZES, 2003, p. 3) devido ao registro fotográfico de Danna Merril registrado por volta de 1910, em Porto Velho, na Lavanderia, pertencente à Ferrovia Madeira Mamoré. E, com a visita de Mario de Andrade a região, à qual possibilitou escrever posteriormente *O Turista Aprendiz,* na obra as antilhanas são descritas como sendo as mulheres de chapéus.

Confirmamos a herança trazida pelos imigrantes oriundos das Antilhas por meio dos escritos de Neville Craig (1947, p. 92) que, em sua obra, deixou claro e descreveu a maneira como os barbadianos em Barbados se vestiam: "Os naturais se apresentaram muito bem vestidos em **alvíssimos ternos brancos e chapéus** [...]" assim como, afirmou Elton Blackman em entrevista [Ver Anexo A3] [Grifo Nosso].

A fotografia a seguir dos/as antilhanos/as ingleses/as na nascente Porto Velho é o registro que corrobora o uso do acessório na cabeça, ou seja, os chapéus que eram usados tanto pelos homens, como pelas mulheres, advindas das Antilhas e outras ilhas caribenhas.

Figura 8. **Antilhanas na Lavanderia em Porto Velho em 1910.** Fonte: Base de Dados. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/DanaMpUSPpg7n136.htm>. Acesso em 06 de jan. de 2015.

[106] Preston Blackman era imigrante de Barbados.

Com isso, além dos/as antilhanos/as ajudarem na contribuição da identidade cultural, espacial, política e econômica para a consolidação da cidade de Porto Velho, trouxeram culturalmente, parte de suas vivências e experiências do legado inglês para a Amazônia que foi instituído no *Barbadian Town* que tomadas em conjunto simbolizam que "ter uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro [...] (CANCLINI, 2011, p. 190) [Grifo do Autor]. Assim, a comunidade antilhana afirmou sua identidade com a construção e constituição do *Barbadian Town.*

O *Barbadian Town* que constituiu parte da herança antilhana inglesa tendo liderança, representatividade política, econômica, cultural, social e organizacional interna. Considerado o reduto dos Barbadianos[107] foi destruído, demolido e exterminado por volta de 1943, porém "Depois que saímos algumas pessoas ainda foram fazer casas por lá" [Ver Anexo A3]. Diante dessa situação, os/as antilhanos/as perderam a sua base espacial e, de certa maneira, tiveram a sua identidade saqueada, através da destruição das casas, onde moravam os imigrantes ingleses [Ver Anexo A3].

Dona Berenice Johnson "em 1943, o morro do Alto do Bode foi derrubado e os barbadianos tiveram que sair do local para morar em outros pontos da cidade" (RODRIGUES, 2014, p. 2).

No que diz respeito aos motivos que levaram a destruição do *Barbadian Town* temos duas versões, a partir da visão de remanescentes de antilhanos/as, que chegaram a nascer e morar no *Barbadian Town* vivenciando a destruição/demolição dessa comunidade estrangeira em meio a Amazônia.

A primeira versão foi narrada por Elton Blackman que afirmou o seguinte: 1) "[...] tinha **dinheiro enterrado no Alto do Bode e então demoliu**. Como só morava estrangeiros achavam que tinham **ouro**" [Ver Anexo A3] [Grifo Nosso]; a segunda versão vem da professora aposentada universitária Berenice Johnson. Segundo esta descendente de antilhanos o *Barbadian Town* foi destruído devido: 2) "o medo das autoridades da época, de que a comunidade estivesse se fortalecendo para enfrentá-los. Este deveria ser o motivo pelo qual foram **banidos** do Alto do Bode" (RODRIGUES, 2004, p. 10) [Grifo Nosso].

---

[107] [...] a dimensão cultural popular como prática local e temporalmente determinada, como atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência (CHAUÍ, 1994, p.43).

A primeira versão apesar de a considerarmos uma visão inocente e romântica, nos traz informação, pois nesta seção 3 designada *Do Mar do Caribe à Beira do Madeira*, mais especificamente, o subitem 3.1 intitulado *O Barbadian Town como representação da cultura antilhana em Porto Velho*. Reconstruímos e percebemos a importância do *Barbadian Town* enquanto uma organização política, econômica, social e cultural, perfazendo o papel de uma forma de resistência a cultura brasileira. *Barbadian Town* era um símbolo de resistência[108] da comunidade antilhana em Porto Velho. O ouro citado por Elton Blackman, em sua explicação sobre a demolição das casas, localizadas no *Barbadian Town*. Local onde habitavam os estrangeiros caribenhos, o ouro não estava submerso embaixo da colina (subsolo), mas, eram os próprios habitantes desta comunidade, ou seja, um Eldorado, a riqueza identitária, cultural, política, social, econômica e organizacional mantida pelos caribenhos no *Barbadian Town*.

As duas versões têm seu caráter interessante e relevante para entendermos os motivos que levaram as autoridades do período, a demolir as habitações localizadas no *Barbadian Town*, porquanto, o que fica evidente nestas duas interpretações é: que as residências foram destruídas, demolidas e aniquiladas pelas autoridades locais da época.

Dessa maneira, os/as antilhanos/as tiveram que abandonar suas residências que foram demolidas pelos tratores do 5º Batalhão de Engenharia e Construção, o BEC e o que restou dessa colina estrangeira “foi à saudade” (KATRACA, 1998, p. 5) [Ver Anexo E4].

Sobretudo houve duas fases da destruição do *Barbadian Town*. A primeira fase ocorreu na década de 1940 quando os/as antilhanos/as foram banidos, expulsos e suas casas destruídas, porém o morro[109] não foi demolido. Entretanto, os habitantes antilhanos/as foram obrigados/as a deixar a localidade. Já na segunda fase, que ocorreu na década de 1960, o alto da colina foi literalmente colocado abaixo pelo 5º BEC e sob o comando do Coronel Weber [Ver Anexo A3; E3; E4].

---

[108] Mas não em um sentido de superioridade cultural, ou seja, como se os(as) negros(as) das Antilhas fossem superiores reproduzindo o imaginário dos autores, escritores e historiadores regionais. Mas numa lógica de disputa espacial, política, social, econômica e cultural, ou seja, as autoridades locais da época optaram pela desintegração da cultura caribenha/antilhana por se sentirem ameaçados pela organização político-social dos antilhanos/as.

[109] “de mais de uns mil metros quadrados era circundado pelo igarapé e igapós adjacentes [...] numa pitoresca colina ao Sul de Porto Velho, que recebeu o **nome oficial** de *Barbadian Town*” (FERREIRA, 1969, p. 47) [Grifo Nosso].

> No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em umas das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses, indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso, estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

Essa situação de banimento da identidade[110] e cultura diferente da nacional, ocorreu, com outras comunidades estrangeiras residentes em território brasileiro durante o período da década de 1930 a 1940: "o italiano, assim como outras línguas estrangeiras, como o alemão, foram pontualmente **interditadas** durante as guerras mundiais e durante o Estado Novo (1937-1945), no contexto nacionalista próprio da década de 1930" (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

Por isso, observamos que os moradores do *Barbadian Town* recordam da extinção[111] da localidade com pesar, tristeza e saudade. Pesar e tristeza pela ação violenta que os obrigou a sair, à vista que, "ao mesmo tempo em que os moradores tiravam os pertences de valor, os tratores iam destruindo as suas casas" (Informação Verbal)[112], "foram banidos do Alto do Bode" (RODRIGUES, 2004, p. 10). E a saudade do pequeno *Barbadian Town*, enquanto, preservação da identidade cultural[113] trazida pelos/as pioneiros/as antilhanos/as do Mar do Caribe para a Beira do Rio Madeira.

Por tudo isso, fica evidente a influência do período histórico brasileiro conhecido como Era Vargas[114] em Porto Velho. A comunidade de antilhanos/as expulsos e banidos do *Barbadian Town* é o retrato da política do Governo Brasileiro voltado a manifestações nacionalistas, visto que "Identidade Cultural moderna que é formada através do pertencimento a uma cultura nacional" (HALL, 2006, p. 22). Em

---

[110] [...] a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos (HALL, 2006, p. 18).

[111] **Aluízio Pinheiro Ferreira** [...] como primeiro **diretor brasileiro** [...] da **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**, a partir de 1931, após trabalhar na Comissão Rondon: depois **como primeiro Governador do Território Federal** do Guaporé [...] Decreto - Lei Federal 5.812, de 13 de setembro de **1943**, quando se transformou em capital, capital do Território Federal do Guaporé." (EM MÉMORIA, 1997, p. 13-15) [Grifo Nosso].

[112] Em 23 de março de 2010 Informação oral proferida por Sara Johnson na secretaria da Primeira Igreja Batista em Porto Velho.

[113] Identidade Cultural moderna que é formada através do pertencimento a uma cultura nacional (HALL, 2006, p. 22).

[114] Getúlio Vargas passou quinze anos governando o Brasil como Presidente, ou seja, de 1930 à 1945 que trouxe alguns avanços nas questões trabalhistas, educacionais, saúde e etc. Ficou conhecido no imaginário popular brasileiro como o Pai dos Pobres pelos benefícios instituídos através das Leis Trabalhista. Porém, era um período de unificação dos estados brasileiros e, com isso, um nacionalismo exagerado provocando uma exaltação à política do Estado Novo (DANNEMANN, 2010, p. 1)

oposição ao fortalecimento de uma cultura estrangeira, a inglesa, que era herança dos descendentes de caribenhos ingleses de Barbados e outras ilhas Britânicas.

Com a desorganização do *Barbadian Town* que ficava localizado em território de domínio da administração da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na década de 1940 em Porto Velho, os remanescentes antilhanos foram viver juntamente com os seus familiares em várias partes da cidade; alguns foram habitar além dos limites[115] da área pertencente à Ferrovia. Em virtude disso, os antilhanos foram obrigados à dispersão (PORTO VELHO, 1998, p. 52). A fronteira cultural foi diluída pela organização política da época, tendo como representante Aluízio Ferreira que acabou por estabelecer, redefinir e configurar o espaço social dos/as estrangeiros/as em Porto Velho.

Em virtude dessa situação:

> As fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de um modo previsível. Mas muitas vezes a maneira como alguém se sente como não-estrangeiro está baseada e numa idéia muito pouco rigorosa do que há 'lá fora', além do seu próprio território. Todo tipo de suposições, associações e ficções parece povoar o espaço que está fora do nosso próprio [...] (SAID, 1990, p. 64).

Com a dissolução da fronteira é significativo lembrar que, toda "nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural" (HALL, 2006, p. 49).

Figura 9. Fonte: Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=346991>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

Fotografia [Figura 9] da Rua Divisória que limitava a área pertencente à Estrada de Ferro Madeira Mamoré e o restante do município de Porto Velho na década de 1940. Período em que ocorreu a dispersão dos/as antilhanos/as para áreas, além dos limites, pertencentes à administração da referida estrada.

Foi além desta rua conhecida

[115] Rua Divisória: A povoação se aprofundava na Avenida Presidente Vargas, Antiga Divisória (SANTOS, 2007, p. 175)

como Divisória que posteriormente recebeu o nome de Presidente Vargas em Porto Velho, que os antilhanos se organizaram, construíram suas casas e viveram com suas famílias, não mais formando uma comunidade como a que foi organizada no *Barbadian Town* no início da década de 1910, tendo em vista, que:

> De um certo modo, a Segunda Guerra funcionou, também, como argumento no inevitável processo de nacionalização que já havia sido iniciado, de fato, desde o inicio do grande fluxo imigratório. De forma incisiva, através de **legislação** especifica e da minuciosa **Campanha de Nacionalização do Ensino**, iniciada em **1938**, o Estado brasileiro **implantou o português como língua nacional** nas **áreas de colonização estrangeira**, (re)forçando a nacionalização (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

Pelos motivos destacados torna-se importante salientar que esse corpo social (*Barbadian Town*) foi dissolvido, desagregado e extinto devido a política nacionalista de uma cultura nacional no Brasil imposta pelas campanhas sociais, culturais e educacionais consolidada no Período Vargas[116] como forma de controle ideológico.

SEÇÃO 3.4 - O Bairro Triângulo como nova tentativa de espaço cultural

Figura 10. **Km 1 da Madeira Mamoré.** Por: Cledenice Blackman em 24 de abr. de 2010

Nesta seção vamos tratar sobre as consequências da desapropriação, dissolução e extinção que ocorreu no *Barbadian Town*. Para nosso intento, utilizaremos autores(as) como: Rosendhl; Corrêa (2005) e outros serão utilizados.

Alguns imigrantes ingleses construíram suas novas habitações após a Rua Divisória[117], ou seja, fora do espaço pertencente à Ferrovia

[116] **FARIA**, Marlon Teixeira de. Educação: Um Debate Acerca da Formação de Um "Novo Homem" Na Era Vargas. (1930 – 1945). Fonte: Disponível em: <http://www.jussara.ueg.br/Marlon_%20Artigo_novo.pdf>. Acesso em 06 de jan. de 2015.

[117] Nas ruas José de Alencar, Rogério Weber, Carlos Gomes, Terreiro Aranha dentre outras. Atualmente estas ruas fazem parte do centro do município de Porto Velho.

Madeira Mamoré. Outros antilhanos dispersos em Porto Velho conseguiram se organizar no Bairro Triângulo. Localizado as margens do Rio Madeira onde até os dias de hoje existem os trilhos da Ferrovia em destaque na Figura 10. Por conseguinte, alguns antilhanos se aglomeraram e ajudaram a fundar o Bairro Triângulo ao longo do Quilômetro 1 [Figura 10] da Estrada de Ferro Madeira Mamoré como retratado na fotografia.

Foi ao longo dos trilhos da Ferrovia Madeira Mamoré que alguns descendentes de antilhanos/as transferiram-se após o processo de dispersão, extinção e demolição das suas habitações no *Barbadian Town*. Houve aqueles/as remanescentes que se concentraram no Bairro Caiari próximo as Três Caixas D'Àgua. Como por exemplo as famílias: Holder, Maloney e Alleyne. A família Johnson e parte dos Shockness transferiram-se para as proximidades da Igreja Catedral em Porto Velho; outra parcela da família Shockness foi residir na Vila da Candelária, onde até a atualidade existem remanescentes de antilhanos/as nestes bairros que foram mencionados e por outras localidades em Porto Velho.

O processo identitário dos grupos sociais necessita do espaço geográfico para materializar o seu legado cultural porque:

> Toda identidade implica uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária. É o espaço delimitado que proporciona a materialização, ou a objetivação, ou a visibilidade da organização e dos atributos dos diferentes grupos sociais em diferentes escalas (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 85) [Grifo Nosso].

O Bairro Triângulo[118] passou a ser a nova morada dos/as antilhanos/as[119] em Porto Velho, onde até o momento existiam remanescentes[120]. Neste bairro considerado um dos pioneiros em Porto Velho, após a destruição e/ou demolição do *Barbadian Town*, no ano de "1943, o morro do Alto do Bode foi derrubado e os barbadianos tiveram que sair do local para morar em outros pontos da cidade" (RODRIGUES, 2014, p. 2).

---

[118] Bairro do Triângulo, o primeiro desta cidade, na margem do Rio Madeira. (CRUZ, 2015, p. 1) Fonte: Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com/hotsite/conteudo.php?news=61674>. Acesso em 25 de jan. de 2015.

[119] Essa nova morada inicialmente era uma tentativa de ressurgimento do *Barbadian Town*. A Primeira Igreja Batista localizou-se neste bairro até a década de 80. Era uma igreja com estrutura de madeira em estilo caribenho à Beira da linha férrea e do Rio Madeira (atualmente é a residência da família Queiroz). Contudo na década de 1980 muitos moradores do Triangulo, inclusive antilhanos/as deixaram esse bairro pressionado pelo governo da época que indenizou ou doou terrenos e algumas famílias transferiram-se para os bairros: Costa e Silva, Vila Tupi entre outros.

[120] Que foram obrigados a dispersarem novamente, devido, a cheia histórica no ano de 2014.

Atualmente, ou melhor, no ano de 2010, existiu uma forte pressão governamental, implementada por meio de projetos para a retirada das famílias que moravam no bairro Triângulo, em Porto Velho, em consequência, da construção das Usinas do Madeira[121]. Porém, algumas famílias, uma parte significativa constituída como pioneira no processo de consolidação e efetivação do município, desde os tempos, da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, chegou a fazer movimentos, posicionando-se em desacordo com o projeto de urbanização elaborado pelo Governo Federal.

Umas das cláusulas deste projeto previa o deslocamento das famílias ribeirinhas para um condomínio[122] fechado, construído em sentido vertical. O desacordo de uma significativa parcela de moradores, incluindo alguns remanescentes de antilhanos(as), ocorreu devido ao fato, da perda da identidade local como: 1) manifestação cultural no arraial Flor do Maracujá[123], pois o bairro tem dois grupos folclóricos: uma quadrilha mirim e outra adulta; 2) os mais antigos moradores temem o distanciamento do Rio Madeira e 3) temem deixar as suas habitações que em sua maioria eram construções de madeira herança antilhana à beira do Madeira.

É preciso enfatizar que até a ocorrência da cheia histórica do Rio Madeira no ano de 2014, algumas famílias de remanescentes antilhanos/as residiam no Bairro Triângulo. Alguns são representantes das famílias Brown, Denny, Rhodius e Shockness que continuavam morando nesta localidade e preservavam resquícios da herança cultural caribenha/antilhana nas estruturas de suas casas. Sendo que, em Barbados “as casas dos naturais são quase todas de madeira. Não vimos um único tijolo em toda ilha” (CRAIG, 1947, 91).

Vale salientar que alguns familiares de descendentes dos antilhanos/as que moraram no Bairro Triângulo, pertencem a família Blackman, Chalender, Siqueira (Squires). Atualmente estão dispersos pela cidade e moram em outros bairros diversos em Porto Velho.

Os antilhanos foram obrigados a se dispersar e, consequentemente, as práticas culturais que eram praticadas no *Barbadian Town* também sofreram transformações, pois “[...] todos os processos de produção e manutenção de

---

[121] Construção de duas Usinas: Santo Antônio e Jirau para abastecer a região Sudeste, interligando-se a Araraquara, que fica a 2.450 quilômetros de distância de Porto Velho.
[122] Localizado na Avenida Três próximo a BR 364 sentido Mato Grosso.
[123] É um arraial que reúne apresentações de grupos folclóricos, quadrilhas e boi-bumbá.

identidades sociais necessitam do **suporte espacial**, assim como o **espaço geográfico** é indissociável das ações sociais" (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 81) [Grifo Nosso].

> [...] a insegurança e a escassez da vida coletiva geram uma extrema necessidade de encontro com os iguais, tornando cruciais dois procedimentos: primeiro, a fragmentação de grandes possibilidades de coletivização pelo fracionamento dos amplos processos de identificação [...] segundo, a extrema necessidade de agregar-se a uma ou algumas formas identitárias que se multiplicam na cidade (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 81).

Vale sublinhar a necessidade dos encontros e reuniões entre a comunidade antilhana de Porto Velho que foi obrigada a criar novos espaços culturais, em consequência do processo de fragmentação dos agentes culturais. Logo, o acontecimento das atividades de cultura entre as famílias e descendentes das Antilhas foram se reconstituindo em outros espaços.

Dessa maneira, as festas que aconteciam no *Barbadian Town*[124] foram distribuídas para as sedes sociais fundadas pelos pioneiros antilhanos ou brasileiros em Porto Velho pela necessidade de espaço geográfico para buscar a integração dos imigrantes e comunidade local.

Os imigrantes foram incentivados pela necessidade de buscar alternativas de agregar, integra e reunir-se através de diversões em Porto Velho, assim como visavam melhorar o orçamento familiar. Alguns descendentes dos antilhanos a exemplo de Olga Edid Siqueira (Squires)[125] e seu esposo Geraldo Siqueira (Squires), conhecido popularmente como Alumínio, fundaram em meados da década de 1940 o Imperial[126] que era um clube social que surgiu após a desativação do Danúbio Azul Bailante Clube[127].

A seguir a fotografia[128] dos proprietários do clube Imperial de Porto Velho:

---

[124] MENEZES, 2001, p. 193

[125] Conhecida carinhosamente pela comunidade do Bairro Triângulo como dona Turci [...] Geralmente não freqüentava as festas que aconteceram no Clube Imperial. Porém, preparava os alimentos como: pastel, croquete, bolo, carne de porco assado etc [...] para serem vendidos no Bar localizado neste Clube. O casal ensinou aos(as) filhos(as) o hábito de falar o dialeto barbadiano em casa.

[126] BLACKMAN, 2007, p. 37; MENEZES E, 2001, p. 197.

[127] Era um clube social de operário da Estrada de Ferro Madeira Mamoré foi criado no dia 1 de maio de 1936, numa reunião na casa de Francisco Antônio Araújo – Alcunhado de Chico Preto, no Km 1 da Estrada [...] A idéia partiu de Percy Holder [...] de 1937 na casa de Oscar Maloney [...] (MENEZES, 2001, p. 193).

[128] Arquivo pessoal pertencente à Família Siqueira (Squires).

Figura 11. Fotografia do casal Olga Edid Siqueira e Geraldo Siqueira Arquivo Pessoal: Família Siqueira

Apesar do clube Imperial[129] ter sido administrado por descendentes de antilhanos[130] era uma sede social, frequentado pela comunidade portovelhense,[131] em âmbito geral,[132] "funcionando desde 1945" (MENEZES E, 2001, p. 197).

Era sob a animação de uma banda de músicos tocando diversos instrumentos como "banjo, clarinete, saxofone, trombones, pandeiro e bateria (informação verbal[133])" que as festas sociais aconteciam no clube Imperial. Os estilos e ritmos musicais eram diversos, destacando-se a valsa, o bolero e o samba. Nascia assim, a tentativa de reinvenção do Barracão do *Barbadian Town*, haja vista, que a música era orquestrada pelos seguintes instrumentos: "clarinete, banjo e bateria. A bateria era o bombo e o prato", segundo informação verbal feita por Elton Blackman [Anexo A3].

Contudo, em período de festa junina[134] a animação do clube Imperial ficava sob a responsabilidade das "apresentações das quadrilhas e boi-bumbá (Informação Verbal[135])".

---

[129] Estrutura feita de madeira, localizado entre a atual Rua: Almirante Barroso e Prudente de Morais em Porto Velho.
[130] Pertencentes a primeira geração de nascidos no Brasil, ambos falantes do dialeto barbadiano.
[131] Aqueles que não tinham acesso ao Clube Internacional
[132] Sem distinção de etnia, nacionalidade, religião, grau de escolaridade. A única restrição era que na entrada ao Clube Imperial cobrava-se um valor aos cidadãos do sexo masculino.
[133] Em 05 de junho de 2010 proferida por Leonilce de Nazaré Blackman sobrinha dos administradores do clube Imperial afirmou que chegou a frequentar o local durante o período em que funcionou.
[134]Ver: HISTÓRIA da Festa Junina e Tradições. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/historia_festa_junina.htm>. Acesso em 11 de jan. de 2015.
[135] Em 19 de maio de 2010 proferida por Olga Elizabeth Siqueira filha dos administradores do clube Imperial que frequentou essa sede social durante o período de funcionamento.

Dessa maneira, observamos que os/as antilhanos/as apreenderam novas formas sociais[136], ou melhor, reinventaram os espaços sociais a fim de sobreviver em Porto Velho, após a retirada de suas famílias do *Barbadian Town*, durante o início da década de 1940. Para manter a identidade dos grupos sociais, estes necessitam está fundamentado em espaços culturalmente criados (ROSENDHL; CORRÊA, 2005, p. 81).

Consequentemente, foi possível salientar alguns dos resultados eminentes que se sucedeu com a comunidade antilhana de Porto Velho, devido a desapropriação, dissolução e extinção que ocorreu diante da demolição do *Barbadian Town*. Portanto, o bairro Triângulo funcionou como uma nova tentativa de espaço e resistência cultural dos/as antilhanos/as.

SEÇÃO 3.5 – O processo de abrasileiramento da Comunidade Antilhana

Nesta seção discutiremos os conceitos de pertencimento, identidade, nação, estrangeirismo, controle linguístico para explicar de forma breve como aconteceu o processo de abrasileiramento na Comunidade Antilhana de Porto Velho. Utilizaremos Hobsbawm (1990), Seyferth (1999), Gnerre (1987), Hall (2006) dentre outros.

Os antilhanos ingleses moradores da colônia estrangeira *Barbadian Town* em Porto Velho, viveram neste espaço temporal aproximadamente por um período de 33 anos (1910 – 1943) unidos por meio da cultura caribenha/antilhana em território brasileiro.

No entanto, a situação de unidade cultural estabelecida no *Barbadian Town* tornou-se indício de contravenção[137] de acordo com os discursos nacionalistas[138], subsidiado pelas políticas e praticas educacionais, implantadas a partir da Era

---

[136] Integrando-se totalmente ao meio social brasileiro, pois apesar dos descendentes da Primeira Geração ainda guardarem os ensinamentos dos/as pioneiros/as de Barbados, a maioria passavam por um momento de hibridismo cultural, ou seja, com a fusão de hábitos brasileiros e resquícios ingleses. Crise de Identidades, Culturas Híbridas: HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006. Estereótipos, Hibridização, Práticas Discursivas Dominantes: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013. CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 5ª Ed. 2011.

[137] RODRIGUES, Eliane. **Hábitos reforçam tradição**. Jornal Diário da Amazônia. 2004.

[138] Uma cultura nacional é um discurso (HALL, 2006, p. 50).

Vargas, que serviram como forma de integrar o território brasileiro, tendo em vista, que era a identidade brasileira que estava sendo ideologicamente construída[139].

> De forma incisiva, através de **legislação** especifica e da minuciosa **Campanha de Nacionalização do Ensino**, iniciada em **1938**, o Estado brasileiro **implantou o português como língua nacional** nas **áreas de colonização estrangeira**, (re)forçando a nacionalização (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

Nesse sentido, é necessário discutir o conceito de nação, pois assim compreenderemos o plano nacional[140] estabelecido por meio das políticas nacionalistas no período de Getúlio Vargas. Sendo que:

> [...] as nações são, do meu ponto de vista, fenômenos duais, constituídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas (HOBSBAWM, 1990, p. 20).

Em meio a essa duplicidade tínhamos a comunidade estrangeira em Porto Velho, que não era nem nacional e nem nacionalista ao modelo brasileiro, pois foram moldados à moda inglesa antilhana. Representavam o inglês colonizado, haja vista que a terra natal dos imigrantes que chegaram a Porto Velho, foi marcada por colonizadores britânicos, consequentemente, possuíam mais patriotismo, identidade de pertencimento[141] e respeito pela Inglaterra (colonizador) do que pelo continente do qual este/a negro/a/imigrante era originário/a[142], e formando, um mosaico cultural subsidiado pela cultura e a identidade (HALL, 2003, p. 54).

---

[139] ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. Estado Novo: Projeto Político Pedagógico e a Construção do Saber. Revista Brasileira de Historia. Vol. 18 nº 36, São Paulo. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci_arttext>. Acesso em 25 de jan. de 2015. CHAUI, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/** Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006. Estereótipos, Hibridização, Práticas Discursivas Dominantes: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013. CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 5ª Ed. 2011. GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

[140] Implantado através do Pacto Populista que transforma as Leis Trabalhistas em presente e, com isso, neutraliza as ações da classe trabalhadora no Brasil. Discurso nacionalista na formação da Identidade Brasileira que contribui para fortalecimento do papel do Estado através de "If friends make gifts, gifts make friends", ou seja, "Se amigos trazem presentes, presentes trazem amigos" (MEDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no Brasil**: Opções de Desenvolvimento. Editora: Graal, 1986).

[141] HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade/** Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006.

[142] Para substituir os indígenas foram trazidos negros africanos para as colônias inglesas [...]. Fonte: ANTILHAS. Disponível em: <http://www.biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=2436>. Acesso em 25 de jan de 2015; AVENTURAS, 2009, p. 34.

A seguir um excerto retirado de uma carta que consta em Anexo C que vem confirmar o respeito, patriotismo e civismo a Inglaterra (colonizador) já por nós mencionado:

> Ouvimos na rádio que o Hitler disse que a guerra estará terminada em julho e a Alemanha será vitoriosa. O que você acha disso? Na minha humilde opinião, eu considero que ele quis dizer o contrário. É impossível para Hitler e seu Partido Nazista vencer os aliados. O Brasil esta apenas aguardando ordens para marchar. O dia em que você ouvir que os Estados Unidos declarou guerra contra a Alemanha o Brasil estará bem preparada para entrar ao lado dos aliados. A Alemanha esta dependendo da Rússia para ajuda, mas esta desapontada com o militarismo da Rússia. Os Finlandeses estão recrutando seus homens adultos. Ouvimos ontem a noite que os Finlandeses aniquilaram uma Divisão de 20 mil homens junto com munição. Estamos rezando fortemente para que esta guerra termine o mais breve possível. Embora agora sejam poucos aqui, eu pedi para todos os caribenhos aqui contribuírem para o **Fundo da Guerra**. Alguns deles, mesmo no seu estado de penúria, têm correspondido à chamada admiravelmente. Aqui nos temos um número razoável de pessoas a favor da Alemanha entre os nativos [Ver Anexo C] [Grifo Nosso].

No excerto, o sentimento de pertencimento à cultura do colonizador inglês, conseguiu mobilizar todos os membros antilhanos ingleses para arrecadação de dinheiro com objetivo de ser enviado à favor da Inglaterra.

O conceito de nação é de definição complexa, pois abarca características subjetivas ligadas a individualidade e a coletividade, ou seja, aspectos culturais, étnicos e sociais (NICÁCIO, p. 2008, 2, 3).

Contudo, a determinação espacial é uma das características prioritárias do conceito de nação. O espaço diferencia uma comunidade por meio da determinação da língua oficial. Por meio de campanhas governamentais aliadas a fundamentação legal desapareceram as línguas estrangeiras no Brasil:

> [...] de forma incisiva, através de legislação especifica e da minuciosa Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada em 1938, o Estado brasileiro implantou o **português** como língua nacional **nas áreas de colonização estrangeira**, (re)forçando a nacionalização. (BOLOGNINI; PAYER**,** 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

A implantação de políticas e leis educacionais vinculadas e representadas por um discurso nacionalista, paternalista e unificador suplantou culturas “diferentes”. Segundo Hall (2006, p. 59) “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termo de classe, gênero ou raça uma cultura nação busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma família

nacional [...]". Por isso, na modernidade, todas as culturas sofrem o processo de hibridação.

E assim as bases do sentimento nacionalista foram enraizadas nos brasileiros/as e imigrantes apagando e silenciando o estrangeirismo no Brasil e que "esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no **domínio público e institucional**, sobretudo **na imprensa escrita e na escola**, mas também no **espaço privado**" (BOLOGNINI; PAYER**,** 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

Por tudo isso, fica claro que a degradação da cultura antilhana dos ingleses em Porto Velho foi marcada por uma política interna e externa, ou seja, sofreu reflexo da implantação do sentimento nacionalista que teve efeito direto e indireto na comunidade antilhana localizada em Porto Velho.

> Pois a linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central **a função de comunicar a ouvinte a posição que o falante ocupa na sociedade em que vive**. As pessoas falam para serem "ouvidas" às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante [...] (GNERRE, 1987, p. 5) [Grifo Nosso].

De forma geral, percebemos a atuação do Estado nacional enquanto agente unificador espacial, agindo como guardião das fronteiras nacionais, porém, aniquilando grupos sociais organizados como o caso do nosso objeto de estudo.

Umas das medidas políticas legais, nesse contexto, foi a desagregação do estrangeirismo em Porto Velho, o que potencializou o desaparecimento do espaço denominado *Barbadian Town*.

Mas vale enumerar alguns dos fatores que contribuíram para a desintegração da tradição do falar inglês entre os imigrantes das Antilhas inglesas. Destacamos: estes como: a política nacionalista, o processo de aquisição de nacionalidade brasileira através da naturalização dos/as imigrantes antilhanos/as e o casamento entre representantes da comunidade de antilhanos/as ingleses e brasileiros/as que corroborou para no processo de abrasileiramento cultural dos/as antilhanos/as na cidade de Porto Velho. É importante enfatizar que é predominante na Historiografia Regional, a noção de segregação, entre os/as antilhanos/as ingleses e brasileiros/as durante o período de chegada do imigrante.

> Viveram segregados em razão da religião, da língua, da cor e por constituírem um bairro próprio (Barbadian Town) [...]. Em Porto Velho,

> preservavam-se por meio [...] dos relacionamentos de amizade e, principalmente mantendo-se unidos pela perpetuação da cultura, ao unirem-se em casamentos entre membros das colônias [...] Esse comportamento prolongou-se por muito tempo, e o casamento de negro com branca (caucasiana) ou cabocla, como era chamadas as mulheres nascidas na região **será observada já na terceira geração** (MENEZES, 2010, p. 6; 8 - 9) [Grifo Nosso].

Contudo prevaleceu na Historiografia sobre a história da constituição de Porto Velho uma visão geral de superioridade segregacional dos/as negros/as imigrantes antilhanos/as para com os brasileiros/as. Acrescentamos que houve aqueles/as imigrantes que casaram com brasileiros/as ainda na primeira geração de pioneiros e não apenas em gerações posteriores, como destacado anteriormente [Ver Anexo D].

Figura 12. Fotografia do casal Sr. Calton e Dona Beatriz. **(**Arquivo Pessoal: Kaltman Shockness Simôa.)

Como forma de comprovar e ilustrar a fotografia anterior, o senhor Calton Shockness nascido em Granada se casou com Beatriz Shockness uma cabocla da região [Ver Anexo D1 e D2] [Figura 12].

Dessa forma, acrescentamos e confirmamos que houve antilhanos/as que casaram com brasileiras/as, ou melhor, caboclas da região. Todavia, em número reduzido pois alguns imigrantes vieram casados das ilhas antilhanas; outros casaram na região de Porto Velho, com imigrantes ingleses do Caribe e aspectos

culturais como a língua, dificultaram e contribuíram para o baixo índice de casamentos entre brasileiros/as e antilhanos/as.

Vejamos a seguir a tabela comprovando o casamento de imigrantes ingleses das Antilhas e mulheres brasileiras e vice-versa. Os dados a seguir foram construídos a partir da análise bibliográfica e documental que constam em anexo.

Item	**Casamento entre imigrantes antilhanos/as ingleses/as e brasileiro/a**			
Nº.	**Nome**	**Nacionalidade**	**Nome**	**Nacionalidade**
1	Oscar Depeiza Maloney[143]	Barbadiano	Cleta Francisca Maloney	Brasileira
2	Calton Shockness	Granadino	Beatriz Shockness[144]	Brasileira
3	Alexandre Carol Von Oton Denny	Guiana Inglesa	Filomena Suzana Tavares Denny[145]	Brasileira
4	Janeth Alleyne Eduardo	Barbadiana	Samuel Eduardo[146]	Não Há Registro

Tabela 2. Casamento entre imigrantes antilhanos/as ingleses e brasileiro/a. Elaborada por: BLACKMAN, C.

Nossa análise contribui para uma nova perspectiva histórica, ampliando o olhar cultural, pois houve imigrantes antilhanos/as que constituíram votos matrimoniais com brasileiras já na primeira geração e vice-versa, ou seja, esses/as negros/as mesmo ostentando nomes anglo-saxões não eram tão resistentes ou segregados como demonstra a visão tradicional da Historiografia de Rondônia, fato que comprova a assertiva de Karvat (2005) a respeito da história: “toda história é discurso” (p. 48).

Por fim, o que ocorreu é que muitos imigrantes chegavam à região de Porto Velho casados, ligados ao Caribe por laços de matrimônios ou até mesmo com a dificuldade de falar a língua oficial do Brasil[147] pois encontramos indícios de que alguns negros antilhanos ingleses “nunca aprenderam o português corretamente

[143] Ver: Anexo B5
[144] Ver: Anexo D2
[145] Mãezinha ou Vó Filó como ficou conhecida essa parteira em Porto Velho. Ver: Anexo A7
[146] Apesar de não havermos encontrado registro sobre a nacionalidade deste cidadão, acreditamos que ele seja brasileiro, pois o sobrenome não lembra traços ingleses.
[147] Ver: Vídeo Fundação Nacional Pró-Memória. **A Ferrovia do Diabo**. Imagens: Nelson Nay. 1981. Este vídeo traz imagens de descendentes antilhanos/as que trabalharam na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Inclusive há uma cena que demonstra a dificuldade que os/as pioneiros/as antilhanos(as) tiveram por não dominar a Língua Portuguesa, pois a língua materna deste imigrantes era o Inglês (dialeto barbadiano). O vídeo mostra um diálogo entre Silas Shockness e sua mãe Catarine Shockness conversa que aconteceu em inglês entre filho nascido no Brasil e a mãe imigrante de Granada. Vale salientar, que dona Catarine Shockness tenta conversar em português, mas com bastante dificuldade ensaia algumas frases.

falava muito arrastado" (MENEZES, p. 44, 1998). Tal fato contribuiu para essa visão predominante nos escritos regionais sobre a característica de segregação, porém não passa de um olhar discriminatório, generalizante, global e impreciso, visto que alguns representantes dessa colônia casaram-se de fato com brasileiras e vice-versa.

O abrasileiramento dos nomes e sobrenomes dos/as imigrantes antilhanos/as em Porto Velho teve interferência de alguns fatores sociais como: a ideologia nacionalista criada no durante o período de Getúlio Vargas, os casamentos entre membros antilhanos/as e brasileiras/os ou vice-versa, devido ao processo de naturalização dos/as antilhanos/as para brasileiros/as[148], a dificuldade dos/as brasileiros/as em pronunciar os nomes estrangeiros, e a dificuldade dos/as brasileiros/as em escrever os nomes estrangeiros favoreceu para o abrasileiramento dos nomes ingleses.

> Nele já aparecem questões muito pertinentes para uma discussão sobre identidade, como a importância da língua nas identificações dos barbadianos e seus descendentes, sendo um elemento recorrente nas suas histórias de vida. Estes últimos receberam dos pais não só os traços físicos, mas também culturais, que revelavam aos outros, por exemplo: ao falar inglês fluentemente (o que garantiu para muitos deles a entrada no mundo do trabalho, tal qual os pais), ou ostentar nomes ingleses, embora os mesmos acabassem sendo aportuguesados pelas pessoas "que não sabiam pronunciá-los corretamente" (LIMA, 2006, p; 35) [Grifo do Autor].

Elaboramos uma lista que comprova que alguns nomes sofreram alterações e influências dos brasileiros que por dificuldade na pronúncia dos nomes em inglês acabaram nacionalizando e batizando-os com nomes em português, assim como os/as antilhanos/as que também descontentes com esta situação, abrasileiraram ou foram apelidados o que de certa forma comprova que "as nações modernas são todas híbridas (HALL, 2006, p 62).

---

[148] "São brasileiros naturalizados: a) os que, na forma da lei, adquiram a nacionalidade brasileira, exigidas aos originários de países de língua portuguesa apenas residência por um ano ininterrupto e idoneidade moral; b) os estrangeiros de qualquer nacionalidade residentes na Republica Federativa do **Brasil há mais de quinze anos ininterruptos e sem condenação penal**, desde que requeiram a nacionalidade brasileira" Fonte: **ENTENDA um pouco sobre**: Nacionalidade, Cidadania e Naturalização. Disponível em: <http://www.sairdobrasil.com/2008/03/30/entenda-um-pouco-sobre-nacionalidade-cidadania-naturalizacao-dupla-nacionalidade-dupla-cidadania/>. Acesso em 18 de jan. de 2015 [Grifo Nosso].

Item	LISTA DE NOMES ABRASILEIRADOS – 1ª Geração de Antilhanos[149]	
Nº.	**Nome Inglês**	**Conhecido em Porto Velho Por:**
1	Calton Shockness	Caetano
2	Fred Banfield	Jorge
3	Raymond Winter	Raimundo

Tabela 3. Lista de nomes abrasileirados – 1ª Geração de antilhanos. (Elaborada por: BLACKMAN, C.)

Item	LISTA DE NOMES ABRASILEIRADOS – 2ª Geração[150]			
Nº.	**Pai**	**Mãe**	**Filho**	**Conhecido em Porto Velho Por:**
1	Clarense **Box**	Violeta **Jones**	**Silvestre da Costa**	Não Há Registro de Apelido
2	Augusto Siqueira (Squires)	Josefina Siqueira	Geraldo Siqueira[151]	Alumínio
3	Charles Natanael Shockness	Catarine Shockness	Iran Eliezer Shockness	Arão

Tabela 4. Lista de Nomes Abrasileirados – 2ª Geração de Antilhanos. (Elaborada por: BLACKMAN, C.)

Observamos que o processo de abrasileiramento entre os/as negros/as antilhanos/as em Porto Velho foi algo de certa forma imposto pela política nacional que "na imposição do civismo e no **controle do uso das línguas estrangeiras**" (SEYFERTH, 1999, p. 221) [Grifo Nosso] ao estabelecer limites para o/a estrangeiro/a no Brasil. Incentivados pela comunidade local[152], ou seja, contou com aspectos exógenos e endógenos. Portanto, a construção do discurso cultural nacional[153] foi representado por leis de âmbito geral na perspectiva educacional a respeito da proibição da língua estrangeira em território brasileiro, assim como a desmobilização, demolição e destituição de colônias estrangeiras no território nacional.

---

[149] Elaborado a partir do confronto de informações bibliográficas e documentais que constam em anexo. Ver: MENEZES N, 1998, p. 35, 44; SANTILLI, 1987, 91

[150] Elaborado a partir do confronto de informações bibliográficas e documentais que constam em anexo. Ver: Anexo A6; MENEZES E, 2001, p. 197; MENEZES N, 1998, p. 44.

[151] Descendente nascido em Belém seus pais são imigrantes de Barbados, porém abrasileiraram o nome e sobrenome que era Squires. Até atualidade existem remanescentes da Família Square em Belém que não perderam a herança inglesa no sobrenome. (Informação Verbal em 19 de maio de 2010 proferida por Olga Elizabeth Siqueira descendente de barbadianos(as) que preserva o hábito de conversar com os demais irmãos(as) em inglês pertencente a 3ª geração de imigrantes antilhanos em Porto Velho e é filha de Geraldo Siqueira/Squires).

[152] Fazendo um contraponto entre a comunidade formada por brasileiros/as como por antilhanos/as que se casavam com as brasileiras e vice-versa. Essa união de negros/as antilhanos/as ingleses e brasileiras/os contribuiu emblematicamente para o processo de abrasileiramento dos antilhanos ingleses em Porto Velho.

[153] [...] é um discurso (HALL, 2006, p. 50).

> [...] legislação especifica e da minuciosa Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada em 1938, o Estado brasileiro implantou o **português** como língua nacional **nas áreas de colonização estrangeira**, (re)forçando a nacionalização. (BOLOGNINI; PAYER**,** 2005, p. 1) [Grifo Nosso].

> A construção dos estados nacionais no continente latino-americano supôs um processo de homonegeização cultural em que a educação escolar exerceu um papel fundamental, tendo por função difundir e consolidar uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, silenciada e/ou invibilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades (CANDAU, 2011, p. 60).

Esse parâmetro legal e pedagógico encontrou força local através da dificuldade dos/as brasileiros/as em pronunciar e escrever em inglês. Porém, os nomes serviam de desapreço aos/as brasileiros/as) que acabavam criando apelidos aos antilhanos/as e descendentes.

Nesta seção foram discutidos alguns conceitos como pertencimento, identidade, nação, estrangeirismo, controle linguístico e propusemos alguns fatores que contribuíram para desintegração da tradição do falar inglês entre os/as imigrantes das Antilhas inglesas, incentivando o processo de abrasileiramento na comunidade.

SEÇÃO 4 – OS DISCURSOS DA HISTORIOGRAFIA REGIONAL SOBRE A COMUNIDADE ANTILHANA DE PORTO VELHO

Nesta quarta seção intitulada de *Os discursos da historiografia*[154] *regional sobre a comunidade antilhana de Porto Velho* tem como objetivo evidenciar, descrever, apresentar e comprovar a influência dos textos históricos regionais na colaboração de conceito homogêneo, genérico, e ambíguo sobre os/as antilhanos/as que foram construídos historicamente e discursivamente pelas lentes das obras regionais[155] que versam sobre o processo histórico portovelhense, como sendo, os *barbadianos.*

Neste sentido, vamos relacionar algumas obras que fazem menção a comunidade antilhana de Porto Velho, colocando em contraponto algumas ambiguidades historiográficas sobre o nosso sujeito de pesquisa.

Segundo Karvat (2005, p. 48) "ainda que radicalizando a equação e considerando que toda história é discurso, cabe lembrar – sempre – que toda história decorre da reflexão, caracterizando-se como produto de conhecimento" Diante disso, ressaltamos a importância de cada autor[156] e obra[157] aqui utilizado, citado e ressaltamos a importante contribuição no seu tempo para a construção

---

[154] Dessa forma, todo conhecimento do passado é mediado pelo próprio presente e é a este conhecimento e seus resultados, ou à materialização deste conhecimento, apresentado na forma dos "textos dos historiadores", que denominamos de historiografia (KARVAT, 2005, p. 48). Incluindo os escritores, historiadores, cronistas e viajantes dentre outros(as) que escreveram e colaboraram para a construção da História de Rondônia.

[155] TOMLINSON, H. M. **The Sea and Jungle**. 1912; CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. História Trágica de Uma Expedição. 1947; NOGUEIRA, Julio. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**. 1959; FERREIRA, Manoel Rodrigues, **A Ferrovia do Diabo**. 1995; SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**, 1994; COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós**. 1993; SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. 1971; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI),** 2006. FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional: Rondônia**. 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. 1998; HARDMAN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma**. 1998; FERREIRA H. **Reminiscências da Madmamrly e outras**. 1969; CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho**. 1930; SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 1980; GAULD, Charles A. **Farquhar, Último Titã**. 2006; FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos**: Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. 2010; MENEZES, Nilza. **Mocambo**: com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho. 1999; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens Afrodescendentes de Porto Velho** – Os Caminhos para Auto-Afirmação. 2006; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível**: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX / Sonia Maria Gomes Sampaio. 2010; BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa**, em Porto Velho – RO. 1989.

[156] "Cultura é todo sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual" (WILLIAMS,1969, p. 58).

[157] O **poder** de **narrar**, ou de **impedir** que se formem e surjam outras **narrativas**, é muito importante para **cultura** e o **imperialismo** (SAID, 2011, p. 11) [Grifo Nosso].

histórica do processo identitário do grupo de origem Afro que compõem a Amazônia, especificamente, a Amazônia portovelhense relacionado aos/as imigrantes antilhanos/as.

Contudo, não podemos deixar de mencionar o poder simbólico existente através das representações discursivas que acabam sendo "instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente substituindo uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é [...]" (CHARTIER, 1991, p. 184). Por conseguinte, as obras regionais são representações de poderes[158], haja vista, que acabam por retratar, influenciar e destacar visão de mundo, ideias e cultura de uma época e tempo.

> muitas das representações da Amazônia brasileira, construídas por viajantes de diferentes nacionalidade e em diferentes épocas, contribuíram com certa mentalidade e imaginário que vêem a região apenas como um lugar distante e completamente antitético do mundo metropolitano (ROCHA, 2012, p. 15)

Dessa maneira, trataremos em nosso trabalho algumas obras e autores que mencionam a comunidade antilhana de Porto Velho. Iniciamos nossa abordagem com a contribuição historiográfica produzida a partir da visão do outro[159], ou seja, dos estrangeiros escrevendo sobre a Amazônia, e de maneira peculiar retratando a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Craig (1947) autor e engenheiro estadunidense e Tomlinson (1912) jornalista e escritor britânico,[160] ambos têm em comum o lócus de seus escritos, ou seja, as suas obras estão centradas na construção da Ferrovia Madeira Mamoré, e deixando suas impressões, representações e visão de mundo sobre o povoado que estava sendo formado em Porto Velho no início do século XX.

A obra intitulada *Estrada de Ferro Madeira Mamoré*: história trágica de uma expedição escrita por Craig (1947) e a *The sea and the jungle*[161](1912), elaborada por Tomlinson têm em comum serem relatos de viagem desde saída dos Estados Unidos e/ou Inglaterra, citam como entreposto a pequena ilha caribenha de

---

[158] Entretanto, "Onde há poder há resistência [...]." FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
[159] MARTINS, José de Souza. **Fronteira A Degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo: Editora Hucitel LTDA, 1997.
[160] ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O mar e a selva: sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil**. Curitiba, PR: CRV, 2012.
[161] Idem, 2012. Tradução do texto de **The Sea and the jungle**.

Barbados, são obras de escritores estrangeiros, o lócus é a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Diante disso, evidenciamos que as referidas obras serviram de base para construção da seção 2.4 nomeada *Barbados um ponto de apoio.* Tomlinson intitula nosso sujeito de pesquisa como sendo: "negroes and negresses"[162] (1912, p. 163 encontramos designações como: "barqueiros escuros[163]" (CRAIG, 1947, p. 90).

Nogueira[164] (1959) utiliza alguns sinônimos para descrever os/as antilhanos/as "filho da Guiana Inglesa", "barbadeanos", "barbadeanas", "Martinicas" e "cordas tangidos por pretos de Barbados" (NOGUEIRA, 1959, p. 15, 20-22). Entretanto, cabe salientar que quando o autor vai descrever as várias nacionalidades que fizeram parte do mosaico social intercultural e multiculturalista[165] da Madeira Mamoré, cita a nomenclatura "antilhanos" (NOGUEIRA, 1959, p. 30). Além desse autor temos a afirmação de que durante o ano de 1910, chegaram a Porto Velho "um contingente maior procedente das **Antilhas e Barbados**, 2.211" (FERREIRA R, 2005, p. 211) [Grifo Nosso]. Esta afirmação nos leva a pensar que.

> "multiculturalismo" não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma força disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003, p. 52-53).

Com isso, destacamos que utilizamos, em nossa pesquisa a nomeação antilhanos/as inspirada nos trabalhos de Nogueira (1959), Burgeile (1989, 2009) e Ferreira (2005) que possibilitaram a ampliação do conceito "barbadianos" por ser um termo que não dá conta das diversas nacionalidades, que imigraram das Antilhas inglesas para Porto Velho. Empregar o termo "barbadiano" seria reforçar o estereótipo, caindo no essencialismo de afirmar que "as identidades nacionais são

---

[162] Vale ressaltar que os termos encontrados são pejorativo, depreciativo e discriminatório.

[163] Esclarecemos que a referida fonte bibliográfica foi traduzida por Moacir N. Vasconcelos.

[164] Júlio Nogueira nascido em 15 de setembro de 1873, na cidade de Fortaleza transferindo-se para Manaus em 1894, onde atuou em alguns cargos administrativos, sendo também professor e jornalista tendo a oportunidade de escrever um artigo sobre a situação da E.F.M.M. em janeiro de 1913 para o "*Jornal do Comércio*" localizado no Rio de Janeiro. Os artigos jornalísticos tornaram-se os livros denominados "**A Madeira-Mamoré** – Bacia do Mamoré" (1913) e "**Estrada de Ferro Madeira Mamoré**" (1959) (BLACKMAN, 2007, p. 22).

[165] "discutir brevemente o processo pelo qual as formas de alteridade racial/cultural/histórica foram marginalizadas nos textos teóricos que se ocupam da articulação da "diferença", ou da "contradição" (BHABHA, 2013, p. 119). HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006.

fortemente generificadas" (HALL, 2006, p. 61). Eles foram caracterizados como "barbadianos" sem uma preocupação de buscar as identidades étnicas conforme os autores mencionados[166]. Uma vez que no início do século XX, as preocupações historiográficas e as lutas sociais tinham outros focos. Entretanto, na atualidade, os temas são voltados ao multiculturalismo, privilegiando **a cultura e a identidade**, em oposição as questões econômicas e materiais (HALL, 2003, p. 54) [Grifo Nosso].

Burgeile (1989) já tentava mencionar a distinção existente entre os imigrantes antilhanos/as, destacando os países de origem de onde imigraram alguns membros da comunidade antilhana, afirmando que: "Existe, em Porto Velho-Rondônia uma comunidade falante de língua inglesa que é descendente de **imigrantes vindos de Barbados** e **Granada**, nas **Antilhas**, para a construção da polêmica ferrovia Madeira-Mamoré" (BURGEILE, 1989, p. 1) [Grifo Nosso].

Vale lembrar, que mesmo se tratando de uma pesquisa, que teve como o foco, os aspectos lingüísticos e sociolinguísticos, a autora já fazia a distinção existente entre os imigrantes antilhanos/as, ressaltando os países de origem de onde imigraram alguns membros da comunidade antilhana que imigraram para Porto Velho. Conforme tabela a seguir.

Ascendência dos informantes da 1ª e 2ª geração

Nacionalidade	Paterna		Materna	
	Nº	%	Nº	%
Barbadiana	21	38,9	27	50
Granadina	20	37,03	9	16,7
Portuguesa	1	1,85	0	0
Brasileira s/ desc.	5	9,25	11	20,3
Grega	1	1,85	0	0
Espanhola	1	1,85	0	0
Guiana Inglesa	1	1,85	0	0
Saint Lucy	0	0	1	1,85
Boliviana	0	0	5	9,25
BA/GRA	3	5,55	0	0
GI/BA	1	1,85	0	0
Grego/BA	0	0	1	1,85
Total	54	100	54	100

Tabela 5. Fonte: BURGEILE, 2009, p. 369.

[166] Crise de Identidades, Culturas Híbridas: HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006. Estereótipos, Hibridização, Práticas Discursivas Dominantes: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013.

Dessa maneira, a mesma autora, ampliou os dados, utilizando uma tabela, colocando a ascendência dos cinquenta e quatro informantes entrevistados que pertenciam a 1ª e 2ª geração (BURGEILE, 2009, p. 369).

Os informantes com ascendência barbadiana representaram o maior contingente, assim distribuídos:

a) ascendência barbadiana materna com 50% da amostra;

b) ascendência barbadiana paterna com 38,9%.

Já a ascendência granadina paterna ficou em terceiro lugar com 20 informantes (37,03%).

Autores(as) como: Ferreira (1969), Salles (1971), Souza (1980/1994), Costa (1993), Lima (2006; 2013), Fonseca; Teixeira (2001), Menezes (1998/1999), Hardman (1998), Gauld (2006), Fonseca (2010), Teixeira (2010), Sampaio (2010) dentre outros(as) trabalharam e/ou apenas citaram a comunidade antilhana em suas obras, reafirmando a designação “barbadianos”.

> [...] fomos despertados por terrível confusão de **vozes estranhas** [...] porto de Bridgetown [...] pilotados por barqueiros escuros, que gritavam, brigavam e vomitavam impropérios pior que os carroceiros de Nova York [...] Moleques tisnados [...] o isolamento em que vive o povo propiciou um dialeto que ingleses e norte-americanos às vezes encontram dificuldade em compreender (NEVILLE, 1947, p. 90, 92) [Grifo Nosso]. Esse morro [...] Devido o odor do almíscar característico da Raça, foi certo dia crismado por um qualquer espirituoso nordestino, ao passar por perto, de ALTO DO BODE (FERREIRA H, 1969, p. 48, 49) [Grifo do Autor]. [...] a mão-de-obra utilizada pela companhia em dois blocos: brancos e negros [...] Os brancos constituíam os operários mais qualificados... aos negros desde sempre ficaram reservados as tarefas mais pesadas: abertura e limpeza dos terrenos, terraplenagem, carregamentos etc. (HARDMAN, 1988, p. 128, 129). [...] orquestra de instrumentos de cordas **tangidos** por **pretos de Barbados** (NOGUEIRA, 1913, p. 22). Foi permitido acesso à bebida e as **prostitutas negras de Barbados** (GAULD, 1996, p. 191) [Grifo Nosso].

O excerto corrobora algumas das visões produzidas pelos escritores, viajantes, cronistas e historiadores no decorrer da construção histórica discursiva sobre a comunidade antilhana em Porto Velho. Observamos, por conseguinte, que “o **poder** de **narrar**, ou de **impedir** que se formem e surjam outras **narrativas**, é muito importante para **cultura** [...]” (SAID, 2011, p. 11) [Grifo Nosso].

Dessa maneira, não podemos nos esquecer de mencionar o papel político da História. Ela produz e poliniza um discurso legitimador. Com isso, os escritores acabam criando uma “condição ficcional, simbólica, imaginária e instrumental” (CALDAS, 2009, p. 1). Nesse sentido o discurso histórico sobre a comunidade

antilhana de Porto Velho foi construído com o objetivo de representar o real e, assim, dar conta de um universo cultural caribenho, tendo em vista, que:

> As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, 17).

Contudo, Hall (2006, p. 71) afirma que: “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”. Essa generalização histórica vem causando certa polêmica entre alguns integrantes da comunidade antilhana, pois nem todo negro/a imigrante e/ou descendente do Caribe inglês se reconhece como barbadiano/a. A seguir uma citação de entrevista encontrada na internet concedida por Filomena Suzana Tavares Denny[167].

> [...] ele era de Georgetown. Não era barbadiano. Com essas palavras, Mãe Filó, do alto dos seus 95 anos, fez uma revelação histórica acerca dos negros que vieram para a região, no começo do século XX: havia barbadianos e “barbadianos”, **estes, por racismo, comodismo histórico e oficial, foram erroneamente identificados, excluindo-se suas nacionalidades**. (Ver Anexo A7) [Grifo Nosso].

> [...] eu conto mais da ilha de Granada onde papai nasceu [...] o que ocorre é que aqui em Porto Velho [...] eles acham que toda pessoa de cor é barbadiano [...] todo mundo que fala inglês aqui, dizem que é barbadiano. (MENEZES, 1998, p. 32).

Portanto, considerando os excertos, os relatos apresentados pelos os autores, os escritores, os viajantes e os representantes da comunidade antilhana, conseguimos, comprovar a influência dos textos históricos regionais na colaboração dos conceito homogêneo, genérico e ambíguo sobre os antilhanos que, foram sendo, construídos historicamente e discursivamente como sendo os barbadianos.

---

[167] Conhecida como Mãe Filó, Vó Filó, Mãezinha no Bairro Triângulo e em Porto Velho. Foi uma exímia parteira e benzedeira nos tempos que na cidade de Porto Velho ainda não existiam muitos médicos. Foi casada com Alexander Carol Van Oton Denny imigrante da Guiana Inglesa. (Fonte: MATIAS, Francisco. **Mãe Filó, as mãos da História**. Disponível em: <http://ro.noticianahora.com.br/colunistas/mathias/ver.php?perfil=158>. Acesso em 09 de Fev. de 2007).

SEÇÃO 4.1 - A IDENTIDADE FORJADA: Afinal quem são os barbadianos de Porto Velho?

Nesta seção identificaremos e apresentaremos quem são os/as barbadianos/as de Porto Velho.

Apesar de rotineiramente encontrarmos a designação barbadianos/as para relacionar os imigrantes antilhanos/as, que foram genericamente estigmatizados pelo uso da nomenclatura "barbadianos". Nossa pesquisa vem justamente contribuir na identificação e reconhecimento de identidade[168] e nacionalidade desse negro/a imigrante que chegou a Amazônia em busca de melhores condições de vida.

> [...] ele era de Georgetown. Não era barbadiano. Com essas palavras, Mãe Filó, do alto dos seus 95 anos, fez uma revelação histórica acerca dos negros que vieram para a região, no começo do século XX: havia barbadianos e "barbadianos", **estes, por racismo, comodismo histórico e oficial, foram erroneamente identificados, excluindo-se suas nacionalidades**. (Ver Anexo A7) [Grifo Nosso].
>
> [...] construção da ferrovia, trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc. e aqui, na grande Babel reinante foram **apelidados** de "Barbadianos"(FERREIRA, 1969, p. 47) [Grifo Nosso].
>
> [...] Qualquer um que conheça um pouco da história regional saberá identificar os "barbadianos" e estes, com certeza, formam uma importante parcela da identidade regional. **O que é preciso é identificar suas origens, sua religiosidade e suas nacionalidades verdadeiras**. Seus filhos, netos e bisnetos participaram ativamente do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo (MATIAS, 1998, p. 2) [Grifo do Autor] [Grifo Nosso].

Os imigrantes negros/as antilhanos/as foram designados através dos textos regionais como os barbadianos. Verificamos a generalização feita pelos escritores, historiadores e estudiosos que escreveram sobre a História regional de Rondônia[169], mencionando os negros da ferrovia, como sendo nascidos da ilha de Barbados.

---

[168] HALL, Stuart**. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006. Estereótipos, Hibridização, Práticas Discursivas Dominantes: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013.

[169] COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e a Agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós. Belém. Universidade do Pará, 1993; GAULD, Charles A. **Farquhar, Último Titã**. Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006; FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo. Melhoramentos. 2005; FERREIRA; Manuel Rodrigues. **Nas Selvas Amazônicas**. São Paulo. Gráfica: Biblos LTDA.1961; FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional (Rondônia)**. 4ª Ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001; HARDMAN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma**: Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. Marco Zero. 1994; SOUZA, Márcio**. Mad Maria**. Editoria: Civilização Brasileira, 1980; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Barbadianos, negros e estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2013; MENEZES, Esron Penha de. **Retalhos para a História de Rondônia**. Rondoforms. Indústria Gráfica Ltda. Porto Velho/RO 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. Pesquisa Acadêmica. Campinas. Editora: Komedi. 1998; Menezes, Nilza. **Mocambo: Com feitiço e com fetiche (Trajetória do Bairro Mocambo de Porto Velho)**. Instituto Histórica e Geográfico de Porto Velho. 1999; MENEZES, Nilza; LINO, Célio. **Rondônia: Vestida para Tirar Foto**. Primeira Versão. Ano II Nº 113, – Setembro – Porto Velho, 2003. Volume VIII. Base de Dados. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero113Nilza.pdf>. Acesso em 20 de out. de 2014; NOGUEIRA, Júlio**. A Madeira – Mamoré**. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Commércio, 1913; SALLES, Vicente. **O Negro no Pará - sob o Regime da Escravidão**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971.

Alguns autores tiveram a preocupação de explicar que se tratava de negros/as de origem das ilhas de colonização britânica. Portanto, os/as negros/as imigrantes de Barbados, são na verdade antilhanos/as ou deveriam assim ser mencionados nas produções historiográficas. Os escritos de fontes primárias como a obra *The Sea and Jungle* identificou que havia "uma multidão de negros e negras" em Porto Velho no ano de 1910 (TOMLINSON, 1912, p. 163), porém sem uma exata distinção sobre as suas nacionalidades. Segundo Hall (2006, p. 61-62) "em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um **dispositivo discursivo** que representa a diferença como unidade ou identidade" [Grifo Nosso].

Contudo, foi no período administrado por Percival Farquhar que a Estrada de Ferro Madeira Mamoré alcançou progresso, ou seja, no período da construção dos anos de 1907-1912 fase que possibilitou uma migração[170] maciça de trabalhadores antilhanos[171] para a região do Alto Madeira, contribuindo na constituição do povoado de Porto Velho.

> resolveram ir busca-los nos países estrangeiros, principalmente na América Central [...] O contingente maior era procedente das Antilhas e Barbados [...] durante o ano de 1910 chegaram a **Porto Velho contratados pela companhia, seis mil e noventa homens (6.090) [...] Antilhas e Barbados, 2.211** (FERREIRA, 2005, p. 211, 212) [Grifo Nosso].

Apesar do autor Manuel Rodrigues Ferreira afirmar que no ano de 1910 imigraram das Antilhas e Barbados um **total de 2.211** imigrantes ingleses, alertamos para algumas dificuldades encontradas durante o processo de coleta e análise dos dados da nossa pesquisa: falta de acesso a dados preciso sobre os/as trabalhadores/as da EFMM[172]; os documentos sobre a imigração encontram-se dispersos; não foi possível identificar todos/as imigrantes antilhanos/as por falta de documentação necessária para comprovação da identidade natal; que existia a

---

[170] O movimento das populações no espaço, ou seja, as migrações são motivadas por vários fatores, que podem ser: políticos, religiosos, naturais, culturais, mas sem sombra de dúvida, o fator que historicamente tem sido predominante é o econômico (ABUD; MORAES; SILVA; BARBOSA; SANTOS, 2008 p. 2)

[171] Barbados, Costa Rica, Bahamas, Cuba, Antígua e Barbuda, Granada, Santa Lúcia, Trinidad e Tobago, Panamá entre outros (AVILA, 2008, p. 1).

[172] Quando visitamos 5º Batalhão de Engenharia e Construção – BEC, localizado em Porto Velho – Rondônia e tivemos acesso a dois livros atas os quais a listagem de trabalhadores(as) e ex-trabalhadores/as da EFMM fomos informada por um servidor que na década de 1990 foram enviadas algumas caixas contendo as fichas funcionais dos trabalhadores/as para o Ministério do Transporte em Brasília.

situação dos/as ferroviários/as imigrantes das Antilhas, assim como, de outras nacionalidades que trabalharam ao longo da linha férrea, onde muitos morreram, sem uma exata identificação[173].

Sobretudo, há aqueles/as antilhanos/as que não suportaram, a difícil situação, nos trabalhos da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e resolveram fugir para outras regiões próximas como o Acre ou Manaus para trabalhar na extração da seringa: "[...] a enxurrada de deserdados e aventureiros que chegavam [...] a caminho dos seringais... eram os índios, os mestiços, os negros de Barbados, os nordestinos" (SOUZA, 1994, p. 140-141) para Belém e Espírito Santo "alguns barbadianos em nossa ilha de Vitória, em meados do século XX" (ACRÔNICA, 2006, p. 2).

Há estudos que comprovam a imigração de antilhanos/as[174] nestas regiões.

> Depois dos negros nordestinos, aportou no Acre uma massa de barbadianos que fugia da dificílima vida na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que ligava Porto Velho a Guajará-Mirim, na fronteira entre Rondônia e a Bolívia (LUCENA, 2006, p. 2).

> [...] para Belém, onde ainda há numerosos remanescentes. Esses negros, ostentando nomes anglo-saxônicos e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, magistério, economia etc. São geralmente industriosos. Não foram estudados devidamente. (SALLES, 1971, p. 59).

Por isso, reconhecemos o multiculturalismo e a interculturalidade. Entretanto, há uma amplitude de situações adversas que nos dificulta a realização de uma estatística, com exatidão precisa sobre a quantidade de antilhanos/as que imigraram para a região do baixo e alto do Rio Madeira e outras localidades na Amazônia e restante do Brasil; há ainda outros imigrantes das Antilhas que chegavam ao canteiro de obras da Ferrovia Madeira Mamoré e logo desertavam para outras regiões.

---

[173] [...] o propósito de nosso livro é propor uma cara nos homens nas pessoas que trabalharam morreram aqui sem ser reconhecidos, pessoas perdidas [...] no mato ninguém prestava atenção. Quantas pessoas milhares deles morreram. Disponível em: <http://www.rondoniaovivo.com/videos.php?video=41422>. Acesso em 03 de jun de 2014. Entrevista com Gary Nelemay. Escritor e Cônsul Honorário do Brasil em Utah.

[174] COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e a Agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós. Belém. Universidade do Pará, 1993; SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. Marco Zero. 1994; SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. Editoria: Civilização Brasileira, 1980; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006.

Apesar disso, em conseqüência, da pesquisa de campo que ocorreu no acervo pertencente ao Batalhão de Engenharia e Construção – 5º Bec, localizado na cidade de Porto Velho desde o ano de 2006 construímos uma tabela na qual apresentamos os imigrantes trabalhadores da EFMM. Nesta instituição militar existem dois livros nos quais constam nomes de trabalhadores/as, aposentados/as, pensionistas e falecidos/as da extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Há aproximadamente cinco mil nomes de trabalhadores/as nestes dois livros.

Observamos que a maioria dos sobrenomes é de nacionalidade e identidade brasileira; no entanto, existe "a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades" (HALL, 2006, 84). Há porém, alguns nomes de procedência japonesa, francesa, grega e outras nacionalidades. Sabemos que para construção dessa Estrada de Ferro foi necessário a utilização da imigração internacional[175]. Sendo que:

> A "globalização" se refere aqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em uma realidade e em experiência, mais interconectado (HALL, 2006, p. 67)

Em relação à Estrada de Ferro Madeira Mamoré houve representante de diversas nacionalidades. Ao constatar a quase inexistência de nomes de outras nacionalidades, este indício nos chamou a atenção, tendo em vista que:

> [...] o contingente maior era procedente das Antilhas e Barbados. Vinham em segundo lugar, os espanhóis. Depois, os brasileiros e portugueses, e, em menor número, gregos, italianos, franceses, hindus, húngaros, poloneses, dinamarqueses, enfim, de cada nacionalidade havia representante na construção da estrada, uns em maior, outros em menor número. Mas, de todos os países, ali havia súditos (FERREIRA R, 2005, p. 221).

Todavia, em relação aos nomes de origem anglo-saxônica encontramos uma média de dezessete nomes de antilhanos/as, ou seja, imigrantes que vieram a Porto Velho para trabalhar nos serviços da Ferrovia Madeira Mamoré. Incentivamos pelo processo de globalização:

---

[175] [...] e Porto Velho [...] onde um **exército poliglota** lutava contra a vegetação [...] (GAULD, 2006, 18) [Grifo Nosso]

> Tem havido migrações contínuas e de grande escala, legais e "ilegais", para os Estados Unidos, a partir de muitos países pobres da América Latia e da bacia caribenha (Cuba, Haiti, Porto Rico, República Dominicana, Ilhas do Caribe Britânico) (HALL, 2006, p. 82).

Registramos também que alguns dos nomes de antilhanos/as não são de ascendência britânica, mas também francesa[176] como veremos na tabela a seguir.

LISTA DOS FUNCIONÁRIOS ESTRANGEIROS DA EXTINTA ESTRADA DE FERRO MADEIRA MAMORÉ	
1	**Arnald Rodelpf Rhodius**
2	*Arthur Winter*
3	*Atbeston Blackman*
4	*Alfonso Jonhson*
5	**Alexandre Carol Von Oton Denny**
6	*Alexandre Denny Filho*
7	Alexandre Theol Denny
8	*Inácio Denny*
9	**Cleveland Davy**
10	Cleavon Rudolph
11	Conrad Bullen
12	*Conroy Theophilus Shockness*
13	*Carol Von Olton Denny*
14	*Carlos Shockness*
15	Charles Christopher Christy
16	**Charles Nathaniel Shockness**
17	*Cleia Francisca Maloney*
18	Dib Mufarey
19	*Dionizio Shockness*
20	*Dudeley Alleyne*
21	David Rock
22	Debora Brasil Benchetrit
23	*Demizio Shockness*
24	*Elton Blackman*
25	**Fred Banfield**
26	*Geraldo Siqueira*
27	*George Edson Macauley Davis*
28	*George Alexandre Rhodius*
29	**Grifith Brown**
30	George Adolphus Mackenzie
31	George Trifiatis
32	*Herman Winter*
33	Haroldo Gibbens
34	Abrahão Wainstein
35	Alcemy Bugre Shchaeffer
36	Cassio Jose Stering
37	*Gertudes Lifina Holder*
38	Jose Ramiro Collins
39	Justino Shuring
40	Marten Bies

[176] Em consequência da influência da colonização francesa na região das Antilhas.

41	Nicolau Braecher
42	Karst Bies
43	*Paulo Shockness*
44	Pastor Mubraby
45	Rene Robert Alselme Behary Laul Sirder
46	**João Harvery Christopher Pierre**
47	*João Davis*
48	*Jorge da Silva Rhodius*
49	Jack Chase
50	*Judith Holder*
51	**Janet Alleyne Eduardo**
52	Jacob Rubim Benarrrosh
53	**Julio Julien**
54	Joseph Albert
55	Jeseph Rudelph
56	Leônidas O' Carol Chester
57	*Luzia Depieza Maloney*
58	Ligia Lima Dillon
59	Leonel Keneth Christi
60	O. Carol Chester A.
61	Luiz Cordeiro Underwood
62	Manuel Petty
63	*Marcos Chalender*
64	Martin Philips
65	Norman Liverpool
66	**Norman Johnson**
67	**Norman Percival Davy**
68	*Orlando Knights*
69	**Oscar Depeiza Maloney**
70	*Olga Ida Denny*
71	**Percy Holder**
72	Pierre Mathurin
73	**Preston Blackman**
74	**Raimundo Winter** *(Raymond Winter)*
75	Rafael Heron
76	*Silas Shockness*
77	Severino Beuttmmuller
78	Simão Philippe
79	Walter Nunes Hitzchki
80	Wadih Dawinch Zacarias
81	**Kenneth Alleyne**
82	Zumira Lima Rock
83	**Athelston Saint Clair Grant**
84	*Silvestre da Costa*[177]

Tabela 6. Funcionários Estrangeiros da Extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré. (Elaborada por: BLACKMAN, C. Ano de 2010 adaptada em 2015. Fonte: Acervo do 5º Batalhão de Engenharia e Construção – BEC, localizado em Porto Velho – Rondônia).

Os nomes em negritos são de trabalhadores que fizeram parte da primeira geração de imigrantes antilhanos/as que trabalharam na Estrada de Ferro Madeira

[177] Entrevista em anexo A6: Observamos a abrasileiramento do nome e sobrenome.

Mamoré e os demais, em itálico, fazem parte da geração posterior nascidos em Porto Velho. Os nomes sem destaque, nem em itálico ou negrito são de estrangeiros de nacionalidades diversas ou brasileiros/as os quais não conseguimos identificar a procedência/nacionalidade. Justificamos também que no momento, não é esse o interesse desta pesquisa, pois o foco principal são os/as antilhanos/as ingleses/as.

Destacamos os seguintes imigrantes antilhanos que trabalharam na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, sendo os pioneiros antilhanos[178] em Porto Velho: Athelston Saint Clair Grant, Arnald Rodelpf Rhodius, Alexandre Carol Von Oton Denny, Charles Nathaniel Shockness, Cleveland Davis, 6) Fred Banfield, Grifith Brown, Janet Alleyne Eduardo, João Harvery Christopher Pierre, Julio Julien, Kenneth Alleyne, Norman Johnson, Norman Percival Davy, Oscar Depeiza Maloney, Percy Holder, Preston Blackman e Raymond Winter[179].

Contudo, acrescentamos que há outras pessoas que fizeram parte da comunidade antilhana em Porto Velho[180] que não aparecem no registro elaborado pelo 5º Batalhão de Engenharia e Construção – BEC visto que provavelmente não conseguiram colocações nos trabalhos da Ferrovia, solicitaram dispensa do trabalho vinculado a Ferrovia Madeira Mamoré, foram demitidos do trabalho na Madeira Mamoré ou são nomes de algumas esposas e companheiras dos antilhanos que trabalharam na Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Dessa maneira apresentamos e acrescentamos mais doze imigrantes: Calton Shockness[181], Catarine Shockness, Clarense Box, Constança Groodrich[182], Ducan Bourne[183], Joseph Mings, Lucas Du Bissete, Louise Banfield, Luiza Layne[184], Raul Louis Dubois[185], Joanita Overton[186] e Violeta Jones.

Não obstante, enfatizamos que provavelmente houve uma presença maior de antilhanos/as em Porto Velho no início do século XX. Entretanto, não é possível

---

[178] Verificar os anexos A, B, C, D, E, F.
[179] SANTILLI, Marcos, 1988, p. 91
[180] Era comunidade formada por imigrantes das Antilhas Britânicas: Barbados, Granada, Guiana Inglesa entre outras Ilhas Caribenhas/Antilhanas. Designados como *Barbadianos*, sendo que muitos participaram da Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, onde instituíram um bairro chamado de *Barbadian Town*, sendo que até a atualidade existem dezenas de famílias descendentes desse grupo peculiar que tinha uma organização própria, onde desenvolviam atividades referentes a questões educacionais, sociais e econômicas, porém baseada em princípios da cultura antilhana.
[181] Ver Anexo D1
[182] Ver Anexo D2
[183] Ver Anexo B2
[184] Ver Anexo B4
[185] Ver Anexo D3
[186] Ver Anexo D3

mencionarmos todos os nomes dos/as imigrantes antilhanos/as, pois como afirmamos anteriormente, nem todos/as os/as imigrantes foram efetivados pela administração Madeira Mamoré. E muitos/as: desertaram para outras regiões do Brasil; adentraram nos seringais; outros montaram seu próprio negócio; alguns retornaram para as Antilhas e/ou morreram ao longo da construção férrea.

> Os trabalhadores da E.F.M.M. com a sua desativação foram trabalhar no BEC, os que ainda tinham condições de trabalhar, outros que já estavam em dias de aposentar, aposentaram, muitos foram embora, outros morreram, até hoje tem gente trabalhando no BEC [Ver Anexo A6][187].

Em relação, às mulheres antilhanas, vale ressaltar que quando se casavam com outros antilhanos, no geral, era comum excluir o nome de sua família e adotavam apenas o sobrenome do marido/esposo (Ver Anexo D).

Outro elemento que nos dificulta afirmar à origem dos nomes ligados a comunidade antilhana, era a maneira adotada por Percival Farqhuar, nas contratações de trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré havia tarefeiros[188], ou seja, os trabalhadores contratados temporariamente, que recebiam de acordo com a produção, sem vínculo com a administração da Ferrovia.

Essa situação fez com que muitos nomes antilhanos(as) fossem desaparecendo[189] ao longo do processo histórico portovelhense assim como as identidades[190] dessa comunidade tão peculiar, que acabou sendo generalizada por meio das obras regionais, como sendo, os *barbadianos* “população que veio da colônia inglesa de Barbados para trabalhar nos serviços da ferrovia” (FERREIRA, 2005, p. 245). Além disso a formação do sentimento de nação brasileira possibilitou.

> A construção dos estados nacionais no continente latino-americano supôs um processo de homonegeização [...] tendo por função difundir e consolidar uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, silenciada e/ou invisibilidade vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades [...] A construção de uma identidade nacional para cada novo Estado latino-americano significou a exclusão e invisibilidade para todos aqueles que não se reconheciam na cultura européia. Assim como, os indígenas, culturas de matriz africana não entraram espaço [...] (CANDAU, 2011, p. 60; 64).

---

[187] Entrevista disponível no Centro de Documentação Histórica de Rondônia – CDH-RO concedida pelo ferroviário aposentado pela Estrada de Ferro Madeira Mamoré e descendente de Antilhanos da segunda geração nascido em Porto Velho [Ver Anexo A6].

[188] Trabalhadores reúnem-se em pequenas turmas de 8 a 10 pessoas (quadrilha) [...] pagamento feito por unidade de serviço executado (CRUZ, 1910, p. 36)

[189] Assim como, apresentamos na SEÇÃO 3.5 – **O processo de abrasileiramento da Comunidade Antilhana** que influenciou a perda dos traços britânicos nas nomenclaturas familiares descendentes.

[190] HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, 2006.

À vista disso, foi possível identificar e apresentar quem são os/as barbadianos/as de Porto Velho, demonstrando que encontrarmos a designação barbadianos/as, para relacionar os imigrantes antilhanos/as. Acrescentamos que estes foram designados e estigmatizados pela nomenclatura "barbadiano" que, de certa maneira, foi forjada, manipulada e criada historicamente e, "em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo **um dispositivo discursivo** que representa a diferença como unidade ou identidade" (HALL, 2006, p. 61, 62) [Grifo Nosso], a fim de promover a visibilidade de culturas antes vistas como estereótipos negativos, no caso, dos grupos de matrizes africanas.

Todavia, foi no sentido de contribuir na identificação e reconhecimento[191] da identidade/nacionalidade desse negro/a imigrante construímos o preenchimento de lacunas, proporcionando visibilidade por meio da historiografia regional portovelhense, haja vista, que muitos historiadores, cronistas e viajantes optaram por generalizar os estrangeiros das Antilhas.

SEÇÃO 4.2 – Os antilhanos uma nova tentativa identitária

Nesta seção apresentaremos e identificaremos as nacionalidades e/ou procedência dos/as vinte nove negros/as imigrantes das Antilhas que chegaram ao município de Porto Velho desde o início do século XX. Dessa maneira, contribuímos para o reconhecimento das nacionalidades dos/as imigrantes antilhanos/as e das demais ilhas em consequência das:

> migrações contínuas e de grande escala, legais e "ilegais", para os Estados Unidos, a partir de muitos países pobres da América Latia e da bacia caribenha (Cuba, Haiti, Porto Rico, República Dominicana, **Ilhas do Caribe Britânico**) (HALL, 2006, p. 82) [Grifo Nosso].

A construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - EFMM possibilitou o surgimento de novos atores sociais incorporados a região próxima da cachoeira de Santo Antônio e ao longo da linha férrea.

> [...] o multiculturalismo não e a terra prometida...[Entretanto] mesmo em sua forma mais cínica e pragmática, ha algo no multiculturalismo que vale a pena continuar buscando (...) **precisamos encontrar formas de manifestar publicamente a importância da diversidade cultural, [e] de integrar as contribuições das pessoas de cor ao tecido da sociedade**. (WALLACE, 1994 Apud HALL, 2003, p. 54) [Grifo Nosso].

---

[191] No total de vinte nove negros/as imigrantes das Antilhas inglesas.

Salientamos a necessidade de importação de trabalhadores/as para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré que ocorreu por fatores endógenos e exógenos. Em relação ao primeiro fator destacamos que os trabalhos de extração de seringueiras para os brasileiros eram mais lucrativos do que se dedicar aos trabalhos da Ferrovia, pois “recolhendo borracha podem fazer de 17 a 100$00 diários, com quatro horas de trabalho” e nos serviços “da companhia ganham na média 8$000 diários por dias de 10 horas” (CRUZ, 1910, p. 32). Isso não significa que não houve a participação de brasileiros/as na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, pois, conforme informação que consta no livro ao qual tivemos acesso durante nossa pesquisa de campo, cerca de mais de 50% dos nomes, são referentes a pessoas nascidas no Brasil que foram efetivadas nos trabalhos da Ferrovia logo após a construção desta Estrada de Ferro (Ver Anexo B1).

Porém, temos uma ligeira desconfiança que essa quantidade de nomes e sobrenomes encontrados nos livros seja consequência, da nacionalização desta Ferrovia, fato que provavelmente possibilitou aos seus efetivos trabalhadores e operários a mudança de nomes e, assim, o abrasileiramento de alguns nomes de origem antilhanos fez com que “A rainha Vitória ficou ressentida com alguns, não por ficarem no Brasil, mas por se **naturalizarem**” (MENEZES, 1998, p. 34) [Grifo Nosso].

No entanto, verificou-se que nos trabalhos vinculado a pratica de extração da seringa localizada ao longo do alto e no baixo Rio Madeira, os/as brasileiros/as obtiveram bastante lucratividade, pois trabalhavam menos na extração da seringueira e ainda lucravam uma média de 50% ou mais em relação aos valores pagos na ferrovia. Além disso, a insalubridade da Região Amazônica, em razão das doenças endêmicas como febre amarela, beri-beri, disenteria, malária dentre outras.

Serviram de motivo para a captação de mão de obra de inúmeras nacionalidades que servia para compensar a baixa de trabalhadores da ferrovia que deixavam de trabalhar na construção, devido às doenças e, principalmente, para compensar o número elevado de mortandade ocasionada pelas doenças típicas da região.

O povoado que surgiu em Santo Antônio serviu como forma de legitimação territorial das fronteiras, determinando os limites geográficos de exploração extrativista da vegetação, principalmente da seringueira, tendo em vista, que “foi à economia da borracha que configurou a Amazônia como uma unidade em si [...] Em

1912, a borracha tornou-se o segundo maior produto de exportação do Brasil" (BECKER, 2009, p. 213).

> O "ciclo de borracha" gera uma cadeia produtiva iniciada na floresta, em que a matéria-prima é transportada por via fluvial até os grandes portos concentradores da produção – Belém e, a seguir, também Manaus –, de onde é exportada para as indústrias norte-americanas e européias (BECKER, 2009, p. 213).

Em 1903 é assinado o Tratado de Petrópolis,[192] acordo diplomático entre Brasil e Bolívia que evitou uma Guerra contra a Bolívia e ampliou o território brasileiro rico em seringueira.

Contudo, segundo Becker,[193] o seringueiro vivia um regime de semi-escravidão, pois chegava às alocações, área no interior da Floresta Amazônica, destinada a exploração da seringa como devedor ao seringalista que lhe fornecia gêneros alimentícios a valores excessivamente altos, o fato que comprometia a renda final no acerto final da produção de borracha quase não havia rendimentos para o seringueiro. Fatores externos como a política internacional, pois já existia uma prática de importação de trabalhadores de diversas nacionalidades como obras de engenharia como a construção Ferrovia Madeira Mamoré; própria experiência de Percival Farquhar. Entre estas destacamos algumas que foram realizadas na região da América Central sendo: "a eletrificação dos bondes de Havana e da construção de ferrovias em Cuba e na Guatemala" (MOLINA, 2006, p. 1). Diante das dificuldades existentes pela insuficiência de mão de obra local "a

Figura 13. Mapa da América Central. Fonte: Disponível em: <http://imagens.google.com.br/imgurl=http:/>. Acesso em 14 de jan. de 2015.

[192] Brasil indenizaria a Bolívia com 2 milhões de libras esterlinas em troca de um território que incorporaria não somente o Acre inferior [...] rico em florestas e reservas de seringais. O Brasil, por igual, comprometeu-se a entregar em permuta certas áreas da fronteira do Mato Grosso que, no total, perfaziam 3.164 km, bem como dar início a construção da estrada de ferro Madeira Mamoré, numa extensão de 400 km, para permitir uma saída da Bolívia para o oceano Atlântico (promessa feita a primeira vez em 1867) (SCHILLING, 2010, p. 1).

[193] BECKER, Bertha K. **Por que a Participação Tardia da Amazônia na Formação Econômica do Brasil?**. 2009, p. 214

Companhia tem buscado o pessoal trabalhadores em vários pontos, sobretudo, em Barbados, Trinidad, Jamaica, Panamá, Columbia, Cuba etc.” (CRUZ, 1910, p. 32).

O Mapa da América Central[194] em destaque a Região das Antilhas conhecida também como Caribe. As ilhas colonizadas pela Inglaterra são os países antilhanos de colonização inglesa, sendo as principais ilhas: Barbados, Jamaica, Granada, Trinidad e Tobago, São Vicente, Guiana Inglesa. Vejamos como a aproximação das ilhas antilhanas[195] favorecia a imigração da população entre as diversas ilhas, sobretudo a ligação de Barbados como base de apoio aos viajantes que vinham da Europa e dos Estados Unidos.

Houve a situação que se constitui como um fator isolado no processo imigratório dos/as antilhanos/as que se deslocaram e vieram por conta própria para Porto Velho em busca de melhores condições de vida[196].

Todavia, questionamos: de onde imigraram? e consequentemente, qual era a nacionalidade dos sujeitos de nossa investigação? A parte identificada, como sendo pertencente à comunidade antilhana que era deslocada de Barbados, localizada, na capital do porto de Bridgetown,[197] funcionava, como um ponto de encontro entre os vários vizinhos antilhanos que provavelmente, se aglomeravam para embarcar nos vapores.

Contudo, de acordo com nossa pesquisa, conseguimos identificar que *a comunidade antilhana* era principalmente formada pelo nascidos em Barbados, ao menos os que ficaram em Porto Velho. Porém, havia representantes da ilha de Granada, Guiana Inglesa, São Vicente, Jamaica e das diversas Ilhas Caribenhas[198].

---

[194] **Figura 14**. **Mapa da América Central**. Disponível em: Fonte: <http://imagens.google.com.br/imgurl=http:/>. Acesso em: 14 de jan. de 2015.

[195] **Mapa da América Central**. Disponível em: Fonte: <http://imagens.google.com.br/imgurl=http:/>. Acesso em: 14 de jan. de 2015.

[196] [...] **o pessoal das ilhas pequenas, especialmente a minha – Granada, os jovens, na maior parte, tinham que ir trabalhar em outras terras**. Lá não havia fábricas, indústrias, o trabalhador ficava no campo, no roçado, no sítio. Muitos dos meus irmãos [...] foram de Trinidad para Cuba, Venezuela [...] (SANTILLI, 1987, p. 148) [Grifo Nosso].

[197] CRAIG, Estrada de Ferro Madeira Mamoré. 1947, p. 90

[198] CRUZ, 1910, 32; FERREIRA, 2005, p. 211; GAULD, 2006, p. 184; MENEZES, 1998, p. 11.

A listagem a seguir possibilita conhecermos alguns dos locais, ou seja, os países de onde imigraram os/as negros/as antilhanos/as que chegaram a Porto Velho ainda no início do século XX [Ver tabela 7 e 8].

PROCEDÊNCIA DA COMUNIDADE ANTILHANA DE PORTO VELHO		
Nomes que constam na lista de trabalhadores, aposentados e pensionistas da extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré – Acervo do 5º Batalhão de Engenharia e Construção em Porto Velho		
Item	**Nome**	**Procedência**
01	Alexandre Carol Von Oton Denny	Guiana Inglesa
02	Arnald Rodelpf Rhodius	Não Há Registro
03	Athelston Saint Clair Grant	Barbados
04	Charles Nathaniel Shockness	Granada
05	Cleveland Davis	Não Há Registro
06	Fred Banfield	Barbados
07	Grifith Brown	Não Há Registro
08	João Harvery Christopher Pierre	Não Há Registro
09	Janet Alleyne Eduardo	Barbados
10	Julio Julien	Não Há Registro
11	Norman Johnson	Granada
12	Norman Percival Davy	Guiana Inglesa
13	Oscar Depeiza Maloney	Barbados
14	Percy Holder	Barbados
15	Preston Blackman	Barbados
16	Kenneth Alleyne	Não Há Registro
17	Raymond Winter	Barbados

Tabela 7. Procedência da Comunidade Antilhana de Porto Velho. (Elaborada por: Cledenice Blackman. Ano de 2010 adaptada em 2015).

ITEM	ANTILHANOS/AS NÃO EFETIVADOS NA FERROVIA MADEIRA MAMORÉ[199]	
01	Calton Shockness	Granada
02	Catarine Shockness	Granada
03	Clarense Box	Barbados
04	Constança Groodrich	Barbados
05	Ducan Bourne	Barbados
06	Joseph Mings	Barbados
07	Louise Banfield	Barbados
08	Lucas Du Bissete	Granada
09	Luiza Layne	Barbados
10	Raul Louis Dubois	Barbados
11	Joanita Overton	Barbados
12	Violeta Jones	Barbados

Tabela 8. Antilhanos/as não efetivados na Ferrovia Madeira Mamoré. (Elaborado por: Cledenice Blackman. Ano de 2010 adaptada em 2015.)

Analisando a tabela 7 e 8 chegamos a conclusão que a maioria dos/as imigrantes antilhanos/as eram nascidos/as na ilha de Barbados. Tiveram situações adversas, citadas anteriormente, que não colaboram para uma precisão, em relação ao universo total de antilhanos(nas), que chegaram a Porto Velho no início do século XX.

Entretanto, utilizando como referência as tabelas 7 e 8 observamos que num total de vinte nove imigrantes antilhanos/as, dezesseis eram de Barbados, cinco de Granada, dois da Guiana Inglesa, seis não identificados[200].

---

[199] Elaborado a partir do confronto de dados, informações bibliográficas, documentais e orais que encontramos em livros, artigos, documentos pessoais, processos judiciais e entrevistas que constam nos anexos desta dissertação. Ver: Anexos A, B, C, D; FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo. Melhoramentos. 2005; FERREIRA; Manuel Rodrigues. **Nas Selvas Amazônicas.** São Paulo. Gráfica: Biblos LTDA.1961; FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional (Rondônia)**. 4ª Ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006; MENEZES, Esron Penha de. **Retalhos para a História de Rondônia**. Rondoforms. Indústria Gráfica Ltda. Porto Velho/RO 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. Pesquisa Acadêmica. Campinas. Editora: Komedi. 1998; **PROJETO Memórias e Imagens de Porto Velho**/Organização Odete Alice Marão. Volume 1 e 2. Porto Velho: Faculdades São Lucas, 2002; SANTILLI, Marcos. **Madeira-Mamoré**. Imagem e Memória, 1988.

[200] Por falta de documentação que comprove a nacionalidade dos(as) imigrantes resolvemos por usar a descrição não há registro.

Considerando os dados extraídos da tabela 7 intitulada *Procedência da Comunidade Antilhana de Porto Velho*, elaboramos a seguir uma tabela com o objetivo de demonstrar a proporcionalidade por meio do gráfico sobre presença de imigrantes antilhanos/as britânicos/as em Porto Velho.

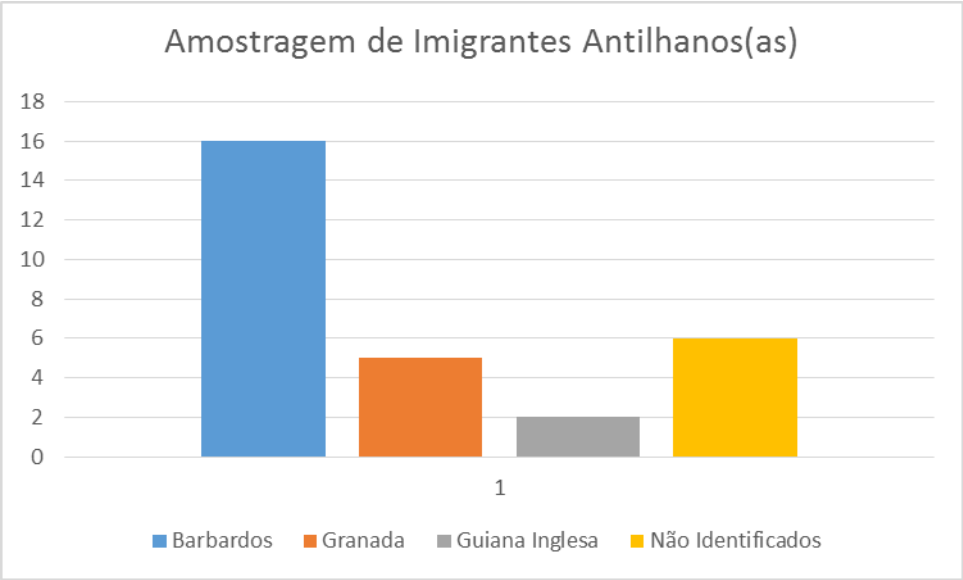

Gráfico 1. Amostragem de imigrantes antilhanos(as). (Por: Cledenice Blackman. Ano 2015.)

Diante da amostragem elencada, verificamos e comprovamos o destaque contando com dezesseis imigrantes de Barbados, cinco da ilha de Granada, dois da Guiana Inglesa e seis cuja a procedência não foi possível comprovar.

Observamos no **Gráfico 1** uma maior presença de *Barbadianos*[201] entre os diversos imigrantes das Antilhas que vieram para Porto Velho durante o período da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, o que significa que o "[...] multiculturalismo privilegia a cultura e a identidade, em detrimento das questões econômicas e materiais" (HALL, 2003, p. 54).

Em suma, conseguimos identificar a nacionalidade de vinte nove imigrantes antilhanos/as que chegaram a Porto Velho incentivamos pelo trabalho na Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM e/ou com outras motivações.

[201] É o termo atribuído aos negros estrangeiros vindo do Caribe no início do século XX, mais especificamente das áreas de colonização inglesa (Barbados) para Porto Velho, Belém e outras cidades da Amazônia. Hoje é ainda empregado em relação aos seus descendentes. (Disponível em: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Barbadianos. Acesso em 06 de jan. de 2015.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação *Do mar do Caribe à Beira do Madeira: A Comunidade Antilhana de Porto Velho* foi estruturada tomando como referência o campo dos Estudos Culturais pois ele permeia a linha de pesquisa nomeada Historicidades Amazônicas.

Descrevemos o surgimento, autores e principais contribuições dos Estudos Culturais para pesquisas que têm como temas as minorias em suas diversas facetas. No sentido de garantir voz a sujeitos que anteriormente não tinham esse direito por serem invisibilizados pelo discurso historiográfico, lançamos mão dos conceitos como identidade, cultura, multiculturalismo, hibridismo cultural.

Partimos de uma metodologia bibliográfica e documental, fazendo uso de fotografias, correspondências, processos judiciais, matérias jornalísticas, entrevistas documentadas que encontramos no Centro de Documentação do Estado de Rondônia – CDH/RO, na internet, em livros e nos jornais; materiais de pesquisa de cunho primário e secundário dentre outros serviram de apoio e fundamentação.

Dessa maneira, conseguimos identificar uma média de vinte nove imigrantes antilhanos/as que aportaram em Porto Velho por volta do início do século XX. Foi possível mapear algumas das motivações que possibilitaram a imigração da comunidade antilhana para a Amazônia, mais especificamente para Porto Velho, ao Discutir os motivos da imigração: trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM, porém buscar melhores condições de vida, o que gerou o preenchimento da lacuna em trabalhos fora do âmbito ferroviário.

Detectamos algumas contribuições culturais e sociais dos/as antilhanos/as de Porto Velho pelas atividades culturais que aconteciam no bairro *Barbadian Town* nos anos iniciais do século XX, precisamente, nos anos de 1910 a 1943. *Barbadian Town* foi considerado uma das primeiras organizações sociais formada por estes/as negros/as imigrantes do Caribe inglês. Elaboramos, pela análise em contraponto entre a base documental e bibliográfica quatro versões a seguir sobre a designação *Barbadian Town versus* Alto Bode: 1) que e a comunidade recebeu esse nome, em consequência, da grande quantidade de bodes que os/as antilhanos/as criavam; 2) devido à língua falada (o inglês barbadiano, idioma oficial utilizado na Comunidade

Antilhana[202]) que os/as brasileiros/as associavam ao balido dos bodes, ou seja, que os(as) antilhanos(as) não conversavam e sim baliam; 3) em função de alguns antilhanos possuírem barbichas fazendo alusão ao bode e 4) que o apelido “Alto do Bode” está associado ao mau cheiro característico da raça negra que lembra o odor do bode.

Ao analisar as correspondências (cartas) confirmamos que havia comunicação entre os moradores da comunidade antilhana inglesa em Porto Velho, seus parentes, amigos, comadres dentre outros que ficaram ou voltaram a suas ilhas de origem comprovando-se a relação *Barbadian Town versus* Barbados. Compreendemos os motivos da imigração a partir dos relatos encontrados nas correspondências e entendemos, de certa maneira, os temas, assuntos recorrentes da época como por exemplo a contribuição para II Guerra Mundial, o apoio à Inglaterra, o carnaval e a imigração para outros estados do Brasil e países.

Sobre a justificativa para demolir e/ou destruir *Barbadian Town* apresentamos duas versões a partir do olhar do imigrante: 1) “[...] tinha **dinheiro enterrado no Alto do Bode e então demoliu.** Como só morava estrangeiros achavam que tinham **ouro**” (Anexo A3); 2) “o medo das autoridades da época, de que a comunidade estivesse se fortalecendo para enfrentá-los. Este deveria ser o motivo pelo qual foram **banidos** do Alto do Bode” (RODRIGUES, 2004, p. 10) [Grifo Nosso].

Alguns membros da comunidade antilhana buscaram reconstruir sua vida e família em outros bairros como o Triângulo, Caiari dentre outros. No entanto, em conjunto com as políticas nacionalistas do Governo Vargas que instituiu leis para falar apenas o português em território brasileiro a comunidade antilhana passou por um processo de abrasileiramento. O processo de aquisição de nacionalidade brasileira através da naturalização dos/as imigrantes antilhanos/as, o casamento entre representantes da comunidade de antilhanos/as ingleses e brasileiros/as também corroborou para no processo de abrasileiramento cultural dos/as antilhanos/as na cidade de Porto Velho.

Apesar disso, fica comprovada a importância do *Barbadian Town* para os/as antilhanos/as no contexto histórico, social, territorial, econômico e cultural para o surgimento de Porto Velho, por meio de traços culturais que transportaram e mantiveram alguns costumes, a língua, a alimentação, a música, a educação, o

---

[202] Dialeto do inglês britânico. Ver Anexo E3.

comércio, o teatro, o cinema, o cricket, a religião e as vestimentas da comunidade antilhana.

Comprovou-se a influência dos textos históricos regionais na fixação de conceitos generalizadores e ambíguos sobre os negros antilhanos como os "*barbadianos".* Entretanto, nossa pesquisa reconheceu algumas das identidades e nacionalidade dos/as imigrantes negros/as das Antilhas e concluiu que a nomenclatura "antilhanos" é a melhor forma empregada de denominação para uma comunidade multicultural e heterogênea.

Nossa pesquisa que contribui para o processo de reconhecimento, identificação e procedência dos/as antilhanos/as ingleses que chegaram em Porto Velho no início do século XX. Ao identificarmos suas nacionalidades proporcionou-se espaços para novos enfoques sobre a identidade[203] desses imigrantes negros antilhanos ingleses a partir do confronto analítico dos escritos regionais com a visão da comunidade antilhana e análise dos documentos pessoais.

Acrescentamos que os imigrantes antilhanos ingleses não imigraram apenas incentivados pelos serviços oferecidos pela Ferrovia Madeira Mamoré, mas também em função da busca de oportunidade de emprego em diversas obras localizadas em território brasileiro, ou seja, nas diversas concessões estrangeiras concedida a ingleses e estadunidenses no norte do Brasil como a construção dos portos de Manaus e Belém, a eletrificação dessas cidades, além dos trabalhos de extração da seringa localizados nos vários seringais amazônicos.

Nossa amostragem com a quantidade de vinte nove imigrantes antilhanos, sendo que os procedentes da ilha de Barbados, número superior as demais nacionalidades antilhanas como granadinos, guianense, jamaicanos dentre outras que formaram a composição multicultural dos imigrantes das Antilhas inglesas em Porto Velho. Neste caso, dezesseis eram de Barbados, cinco da ilha de Granada, dois da Guiana Inglesa e seis não foi possível comprovação da nacionalidade.

Por este motivo, destacamos que os antilhanos foram reconhecidos entre a população deste povoado como "barbadiano" devido ser o grupo majoritário dentre a população caribenha de imigrantes advindos das Antilhas. Além disso, a base de encontro e apoio dos imigrantes e das demais ilhas antilhanas inglesas ficava localizada na ilha de Barbados, o *Porto Bridgetown*. Com isso, os vapores advindos

---

[203] A partir desta pesquisa tivemos a oportunidade de explorar fontes que ainda não haviam sido exploradas. Na sua execução, novas questões emergiram sobre o grupo estudado.

dos Estados Unidos e/ou Europa passavam e paravam nesta ilha caribenha inglesa para o abastecimento de alimentos, suprimentos e madeiras que servia de combustível para o funcionamento dos vapores.

A comunidade antilhana de Porto Velho o imigrante não viveu de forma tão segregada como indicam os escritos regionais (historiografia quase de maneira geral), pois confirmamos que, ainda na primeira geração de imigrantes caribenhos ingleses houve casamentos entre representantes dessa comunidade estrangeira e brasileira e que essa relação foi amplamente disseminada nas gerações posteriores.

Os casamentos que ocorreram ainda, na primeira geração, de imigrantes antilhanos com brasileiras, as leis educacionais que destituíam o falar em língua estrangeira no Brasil, o discurso nacionalista amplamente difundido na Era Vargas serviram de suporte para a desapropriação e dos antilhanos ingleses do *Barbadian Town* que sofreram com a desmobilização, expropriação e banimento da cultura inglesa caribenha em Porto Velho.

Contudo, mesmo diante da proibição da língua materna[204] herdada dos pioneiros negros antilhanos. Algumas famílias preservaram o hábito de falar o inglês no espaço privado com os seus familiares. Atualmente os herdeiros da cultura dos imigrantes antilhanos ingleses de Porto Velho estão em sua quinta geração e totalmente inseridos e apropriados da cultura nacional brasileira[205] restando apenas resquícios dos caribenhos em seus traços culturais.

Por tudo isso, nosso trabalho de investigação teve como propósito contribuir para desmistificar alguns conceitos produzidos e pulverizados através do discurso histórico regional sobre as origens étnicas, sociais e culturais da presença imigratória do(a) antilhano(a) e falante da língua inglesa, na cidade Porto Velho e dessa maneira, possibilitar subsídios de pesquisa sobre o sujeito de investigação.

---

[204] O inglês barbadiano continuou sendo falado por algumas famílias remanescentes em Porto Velho que até a atualidade guardam esses ensinamentos no restrito espaço familiar.

[205] Percebemos o processo de abrasileiramento cultural na perda da língua materna (o inglês) no desaparecimento de nomes e sobrenomes ingleses em algumas gerações posteriores de algumas famílias antilhanas de Porto Velho.

REFERÊNCIAS

ABUD, Daniel Lamela; MORAES, Iranilda Silva; SILVA; Patrícia Oliveira da; BARBOSA, Rafaela Pinheiro; SANTOS, Viviane Corrêa. **Migração de retorno**: entre significados e materialidades. UFPA Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_965.pdf. Acesso em 15 de abr. de 2010.

ACRÔNICA. **Caribexaba**. Disponível em: <http://www.acronica.com.br/colunistas_paulo_depaula_caribexaba.htm>. Acesso em: 15 de dez. de 2006.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **Estado Novo:** Projeto Político Pedagógico e a Construção do Saber. Revista Brasileira de Historia. Vol. 18 nº 36, São Paulo. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000200008&script=sci_arttext>. Acesso em 25 de jan. de 2015.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A economia internacional no século XX:** um ensaio de síntese. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292001000100008&script=sci_arttext>. Acesso: 03 de jan. de 2015.

ANDRADE, Mario de. **O Turista Aprendiz**. Duas Cidades. São Paulo. 1983.

ANTILHAS. Disponível em: <http://www.biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=2436>. Acesso em 25 de jan de 2015.

AVENTURAS, na História para viajar no tempo. **Escravidão uma impressionante viagem pelo cotidiano do negro brasileiro antes e depois da Lei Áurea**. Disponível em: <www.abril.com.br.>. Acesso em 25 de jan. 2015. Ed. Abril. Diretora Superintendente: Helena Bagnoli. Diretora do Núcleo: Brenda Fucuta. Edição 70 maio 2009.

AVILA, Carlos Frederico Dominguez. **O Brasil e o Grão Caribe:** fundamentos para uma nova agenda de trabalho. 2008. Disponível em: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/caribe/imagens/mapa-do-caribe-2.gif>. Acesso em 20 de jan. de 2015.

BARAÚNA, Silvia Maria Quintino. **Condições sociais de migrantes em Manaus, 1920-1945**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2010.

BARBADIANO, **diplomata do governo americano visita Porto Velho**. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=53294>. Acesso em 20 de out. de 2014.

BARBADIANOS. Disponível em: Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Barbadianos>. Acesso em 06 de jan. de 2015.

BECKER, Bertha K. **Por que a Participação Tardia da Amazônia na Formação Econômica do Brasil?**. 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/2009/50anosformacaoeconomicabrasil/15_cap08_Bertha.pdf>. Acesso em 29 de jan. de 2015.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaúcia Renate Gonçalves. 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLACKMAN**,** Cledenice. **Os *Barbadianos* e as Contradições da Historiografia Regional**. Porto Velho: RO, 2007. Monografia (Bacharelado em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2007.

_____. **Os imigrantes antilhanos de Porto Velho**. In. CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (Org.) Anais eletrônicos do III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho: territórios, poderes, identidades (Territoires, pouvoirs, identités). Vitória: GM Editora, 2011, p. 1-12.

BOLOGNINI, Carmen Zink; PAYER, Maria Onice. **Línguas Estrangeiras, Línguas de Imigrantes**. 2005. Disponível em: <http://www.brazil-brasil.com/content/view/393/78/>. Acesso em 13 de junho de 2014.

BRANDÃO, Josimar Francisco. **"Babardianos" Vivências de um Pertencimento**. Literatura de Cordel. 2006.

BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho – RO**. Curitiba: PR, 1989. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1989.

_____. **Um estudo Sociolingüístico dos Afro-amazônidas no Brasil A Imigração e a Mudança de língua.** Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009, 472 p.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 5ª Ed. 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade multicultural e educação:** tensões e desafios. IN: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Multiculturalismo e educação:** desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petropolis – RJ: Vozes, 2008.

_____; RUSSO Kelly. **Diferenças culturais e educação:** construindo caminhos. Editora: Sete Letras. Rio de Janeiro. 2011.

CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho**. Manaus. 1930.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARTIER**,** Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representação**. Editora: Difel, 1988.
_____. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados 5/11. Janeiro / Abril de 1991. Volume 5. Número 11. Instituto de Estudos Avançados. Universidade de São Paulo – SP.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUI, M. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

CRAIG. Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré.** História Trágica de Uma Expedição. Tradução: Moacir N. Vasconcelos. Editora: Brasiliana. Série 5ª. Campanha Editora Nacional, 1947.

CRUZ, Montezuma. **Famílias lutam para não sair do bairro histórico**. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com/hotsite/conteudo.php?news=61674>. Acesso em 25 de jan. de 2015.

CRUZ**,** Osvaldo. **Considerações Gerais sobre as Condições Sanitárias do Rio Madeira – 1910**. Centro de Documentação do Estado de Rondônia.

COSTA, Francisco de Assis. **O Grande Capital e Agricultura na Amazônia:** a experiência Ford no Tapajós. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993.

COUTO, Kátia Cilene do. **Os desafios da sociedade cubana frente à imigração antilhana**. (1902-1933). Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros:** Os escravos libertos e sua volta à África. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

Da Dinamarca para o Caribe, a Procura de suas Raízes. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=39219>. Acesso: 09 de jan. de 2015.

DAOU. Philipe. **Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Afrânio Peixoto sobre o Saneamento da Amazônia**. 1972.

DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/dualista/>. Acesso em 08 de jan. de 2015.

ESTRADA de Ferro Madeira Mamoré**.** Disponível em: <http://www.geocities.com/Area51/Realm/7805/efmmindex.htm>. Acesso em 10 de dez. de 2008.

ENTENDA um pouco sobre: Nacionalidade, Cidadania e Naturalização. Disponível em: <http://www.sairdobrasil.com/2008/03/30/entenda-um-pouco-sobre-nacionalidade-cidadania-naturalizacao-dupla-nacionalidade-dupla-cidadania/>. Acesso em 18 de jan. de 2015.

FARIA, Marlon Teixeira de. **Educação:** Um Debate Acerca da Formação de Um "Novo Homem" na Era Vargas. (1930 – 1945). Fonte: Disponível em: <http://www.jussara.ueg.br/Marlon_%20Artigo_novo.pdf>. Acesso em 06 de jan. de 2015.

FERREIRA, Hugo. **Reminiscências da Madmarmrly e outras mais**. Porto Velho, s/ ed., 1969.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

_____. **Autobiografia** 1915**.** Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biomanoel.html>. Acesso em 04 de abr. de 2010.

_____. **Nas Selvas Amazônicas**. São Paulo. Gráfica Biblos LTDA. 1961.

FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional:** Rondônia. 4ª ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001.

FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos:** Os Trabalhadores Negros Caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Disponível em: <http://www.pakaas.net/estr1.htm>. Acesso em 18 de abr. de 2010.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Granada**. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/geografia/granada.htm.> Acesso em 31 de dez. de 2014.

FUNDAÇÃO Nacional Pró-Memória. Vídeo: **A Ferrovia do Diabo**. Produção: MEC - SEC – Sphan – Fundação Nacional Pró-Memória em convênio com a TV Amazonas. Direção de Produção: Marco Antônio Guimarães. Imagens: Nelson Nay. 1981.

GAULD, Charles A. **Farquhar, Último Titã**. Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

GNERRE, Maurizzio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e**. O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.
HALL, Stuart. **Pensando a diáspora:** reflexões sobre a terra no exterior. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan-Hsing Chen. In: HALL, Stuart. Da diáspora. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____**. Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**/ Stuart HALL; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11º Ed. Rio de Janeiro. 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **O Trem Fantasma:** A Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.
HISTÓRIA Viva. São Paulo: Ed. Ediouro, nº 14, Dez. 2004.

HISTÓRIA da Festa Junina e Tradições. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/historia_festa_junina.htm>. Acesso em 11 de jan. de 2015.

HOBSBAWM. Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. Programa, Mito e Realidade. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro. Imago, 1991.

JOHNSON, Sara. **Informação sobre a Primeira Igreja Batista em Porto Velho**. Porto Velho, 23 de março de 2010. Informação Verbal concedida a Cledenice Blackman.

KARVAT, Erivan Cassiano. **A historiografia como discurso fundador:** reflexões em torno de um *Programma* histórico**.** Revista de História Regional 10(2): 47-70, Inverno, 2005. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2215/1696>. Acesso em 15 de novembro de 2014.

KATRACA, Zé. **Lançamento Chá das Cinco na Floresta**. Diário da Amazônia. Porto Velho, domingo, 5 de julho de 1998. Arte e Cultura.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses Pretos, Barbadianos Negros, Brasileiros Morenos? Identidades e Memórias (Belém, Séculos XX e XXI).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2006.

_____. **Barbadianos, negros e estrangeiros:** trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2013.

LIVROS, Atas que constam quase cinco mil nomes de trabalhadores efetivados, aposentados, pensionistas da Extinta Estrada de Ferro Madeira

Mamoré. Localizado no arquivo do 5º Batalhão de Engenharia e Construção - BEC em Porto Velho.

LOVELACE, Carl. **Relatório Apresentado pelo Dr. Lovelace.** Diretor do Hospital da Candelária sobre o estado sanitário da região. 1912. Base de Dados. Disponível no Centro de Documentação Histórica de Rondônia – CDH-RO.

MACPHERSON, John. **Caribbean Lands** – A geography of West Indies. Longmans, Green And CO LTD. 1963.

MAPA da América Central. Fonte: Disponível em: <http://imagens.google.com.br/imgurl=http:/>. Acesso em 14 de jan. de 2015.

MAPA do Caribe. Fonte: Base de Dados. Disponível em: < https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+caribe+ingles&espv=2&biw=1242&bih=606&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=6megVOC3KYHOgwSS94DoDA&ved=0CAYQ_AUoAQ>. Acesso em 28 de dez. 2014.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira A Degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo: Editora Hucitel LTDA, 1997.

MARTINS, Marseno Alvim. **A Amazônia e Nós**. Rio de Janeiro – GB – 1972.

MATIAS, Francisco. **As Famílias da Madeira-Mamoré**. Jornal O Estadão do Norte. 29 e 30 de nov. de 1998. Porto Velho.

_____. Mãe Filó, As Mãos da História. Disponível em: <http://ro.noticianahora.com.br/colunistas/mathias/ver.php?perfil=158>. Acesso em: Fev. 02 de 2007.

MENARD, Russell R. **Sweet Negotiations:** Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006. AFRO-ÁSIA Nº 41 – 2010. Editores: Florentina da Silva Souza e Jocélio Teles dos Santos.

MEDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no Brasil:** Opções de Desenvolvimento. Editora: Graal, 1986.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Indagações sobre currículo:** currículo, conhecimento e cultura. Organização do Documento Jeanete Beauchamp et. al. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

NELEMAY, Gary. Disponível em: <http://www.rondoniaovivo.com/videos.php?video=41422>. Acesso em 03 de jun. de 2014. Entrevista com Gary Nelemay. Escritor e Cônsul Honorário do Brasil em Utah.

MENEZES, Esron Penha de. **Retalhos para a História de Rondônia**. Rondoforms Indústria Gráfica Ltda. Porto Velho/RO. 2001

MENEZES, Nilza. **Chá das Cinco na Floresta**. Pesquisa Acadêmica. Campinas: Editora Komedi, 1998.

_____. **Mocambo:** com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho). Instituto Histórica e Geográfico de Rondônia.1999.

_____. **Gênero e Religiosidade na Comunidade Caribenha de Porto Velho, Rondônia**. Mandrágora. Nº 16, Unesp. São Bernardo do Campo. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/2000/2012>. Acesso em 21 de set. de 2014.

MENEZES, Nilza; LINO, Célio. **Rondônia:** Vestida Para Tirar Foto. Primeira Versão. Ano II, Nº 113 – Setembro – Porto Velho, 2003. Volume VIII. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero113Nilza.pdf>. Acesso em 20 de out. de 2014.

MERRIL, Danna. **Porto Velho e EFMM, final do Séc. XIX/início do XX** – Por: Danna Merril. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=416718>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

MOLINA, Matias M. **O magnata que se tornou mito**. Portal Exame. 2006. Disponível em: <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0880/gestaoepessoas/m0115470.html>. Acesso em 06 de abr. de 2010.

NEGRAS Barbadianas. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/DanaMpUSPpg7n136.htm>. Acesso em 06 de mai. de 2010.

NICÁCIO, Jamilly da Cunha. **O Processo de Nacionalização do Brasil**. Estudante do curso de História. Departamento de Artes e Humanidades – UFV. Revista de História Contemporânea, nº 2, mai-out. de 2008. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/oprocessodenacionalizacao.pdf>. Acesso em 23 de jun. de 2015.

NOGUEIRA, Júlio**. Estrada de Ferro Madeira – Mamoré**. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Commércio, 1959.

PAIVA, Raquel. **Cinco anos de pesquisa em comunicação e cultura de minorias**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0665-1.pdf>. Acesso em 18 de jun. de 2015.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações:** Teorias Micro e Macro-sociológicas Ⅱ. In. SOCIUS, Nº 11, Lisboa, 2004.

PERCÍLIA, Eliene. **Guiana**. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/historia-da-america/historia-guiana.htm>. Acesso em 31 de dez. de 2014.

PINGRET, Alexandra. **Iconografia na Marcha Mundial das Mulheres**. Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem 12, 13 e 14 de maio de 2009. Londrina-PR. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/PINGRET_ALEXANDRA.pdf>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

PORTO Velho. Prefeitura Municipal / Secretária de Cultura Esporte e Turismo – SEMCE. **Porto Velho Conta a Sua História**. 1998.

_____**, Capital de Rondônia**. Disponível em: <http://portalamazonia.globo.com/pscript/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=799>. Acesso em 11 de mai. de 2014.

_____, **Conheça mais sobre a história desta bela aniversariante**. **Base de Dados**. Disponível em: <rondoniadinamica.com>. Acesso em 02 de out. de 2008.

_____, Informação Multimídia. Disponível em: <http://www.sandiegoaccountantsguide.com/library/Porto-Velho.php>. Acesso em 24 de jan. de 2014.

POUCO se sabe da presença negra no Acre. **Base de Dados**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/pagina20/20112004/p_0220112004.htm>. Acesso em 27 de nov. de 2006.

PROJETO Memórias e Imagens de Porto Velho / Organização: Odete Alice Marão. Porto Velho. Volume 1. Faculdades São Lucas, 2002.

_____ **Memórias e Imagens de Porto Velho** / Organização: Odete Alice Marão. Porto Velho. Volume 2. Faculdades São Lucas, 2002.

PRYSTHON, Angela. **Histórias da teoria:** os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, v. 9, n. 1, 2010.

REVISTA, Campo e Cidade. **Não Podemos Negar Nossa Própria Identidade**. São Paulo. Editor Responsável: João José “Tucano” da Silva. Outubro/Novembro 2008.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O mar e a selva:** sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil. Curitiba, PR: CRV, 2012.

RODRIGUES, Eliane. **Hábitos reforçam tradição**. Jornal Diário da Amazônia. 2004.

ROSENDHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Geografia:** Temas Sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2005.

SÁ, José Carlos. **Casarão Dar Lugar a Barragem em Santo Antônio**. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/ler_noticias.php?codigo=28383>. Acesso em 15 de abr. de 2010.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do

Pará, 1971. Edição realizada em convênio firmado entre FGV E Universidade Federal do Pará (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível:** memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX / Sonia Maria Gomes Sampaio – 2010. 145 f.; 30 cm. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

SANTILI, Marcos. **Madeira - Mamoré:** Imagem & Memória. São Paulo: Empresa Vilares, 1987.

SANTOS, Nilson (Org.). **Alinhavos em ciências humanas**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.

SCHILLING, Voltaire. **O Tratado de Petrópolis**. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2003/11/12/000.htm>. Acesso em 30 de abr. de 2010.

SEYFERTH, Giralda. **Os Imigrantes e a Política de Nacionalização do Estado novo**. In: PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. p. 257-288. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 28 de abr. de 2010.

SHOCKNESS e o Ex-Governador Aluízio Ferreira. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br>. Acesso em 10 de agos. de 2014.

SILVA**,** Berenice Elisa Johnson. **Aspectos da Evolução Educacional em Rondônia**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do "Sagrado Coração de Jesus". Dissertação de Mestrado em Educação. Bauru. São Paulo. Brasil. 1980.

SIMÔA, Kaltman Shockness. **Base de Dados**. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Scrapbook?uid=9609467950864687522>. Acesso em 03 de julho de 2010.

SIQUEIRA, Eliene Morais. **O Processo de Alfabetização dos Descendentes de Barbadianos no Início do Século XX, em Porto Velho**. Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia FATEC – RO. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Porto Velho. 2007.

SIQUEIRA, Olga Elizabeth. **Festas no Clube Imperial**. Porto Velho, 19 de maio de 2010. Informação Verbal concedida a Cledenice Blackman.

SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

_____ . **Mad Maria.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1980.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens Afrodescendentes de Porto Velho –** Os Caminhos para Auto-Afirmação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC) e Organizações das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2006.

TOMLINSON, H. M. **The Sea and Jungle**. 1912. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm.>. Acesso em 20 de out. de 2014.

WIKIPÉDIA. **Base de Dados**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Seringueira>. Acesso em 12 de abr. De 2014.

WHITE, Hayden**. Trópicos do Discurso**. Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WILLIAMS, R. **Uma tradição do século XIX**. In:_____. **Cultura e Sociedade**: 1780 – 1850. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WOMEN play cricket in St. Lucia – 1905. **Barbadianos Paraenses**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1388023954826021&set=a.1379199075708509.1073741832.100008552889140&type=1&theater>. Acesso em 10 de jan. de 2015.

XAVIER, Lidia de Oliveira. **Fronteira Oeste Brasileira**: entre o contraste e a integração. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília. Tese de Doutorado. 2006. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1842/1/TESECD%20Lidia%20de%20Oliveira%20Xavier.pdf>. Acesso em 15 de abr. de 2014.

ANEXO A - Entrevistas do Projeto: Etno-Fotográfico sobre os Descendentes do Migrantes do Caribe – Centro de Documentação Histórica de Rondônia – CDH-RO. **A7 –** Entrevista feita Francisco Matias. Disponível em: <http://ro.noticianahora.com.br/colunistas/mathias/ver.php?perfil=158>. Acesso: Fev. 02 de 2007.

A1 – Artur Winter
A2 – Aurélia Banfield
A3 – Elton Blackman
A4 – Mark Shilling ou Marcos Challender
A5 – Norman Lucien Johnson
A6 – Silvestre Costa
A7 – Filomena Suzana Tavares Denny
A8 – Lucas Du Bissete

ANEXO B – Processos Judiciais e Ofícios em Geral

B1 – Oficio dos dois Livros Atas que constam quase cinco mil nomes de trabalhadores efetivados, aposentados, pensionistas da Extinta Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Foram enviados do 5º Batalhão de Engenharia e Construção - BEC várias caixas constando as Fichas Funcionais dos trabalhadores para o Ministério do Transporte em Brasília – Brasil nos anos de 1992 e 1993.
B2 – Processo Ducan Bourne
B3 - Processo Janet Alleyne Eduardo
B4 – Processo Luiza Layne
B5 – Processo de Janet Alleyne Eduardo
B6 – Registro dos Empregados da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – Oscar Depeiza Maloney

ANEXO C - Cartas recebidas por Fred Banfield e Louise Banfield membro da Comunidade Antilhana em Porto Velho enviado por Dennis Oval brasileiro em Barbados.

C1 - Fred Banfield (Padrinho de Dennis Oval – Porto Velho – Rondônia - Brasil)
C2 – Louise Banfield (Madrinha de Dennis Oval – Porto Velho – Rondônia - Brasil)
C3 – Juanita Overton (Mae de Dennis Oval - Estados Unidos)

ANEXO D – Certidões de Casamento, Nascimento, Óbito e Carteira de Profissional de alguns membros da Comunidade Antilhana de Porto Velho.

D1 – Certidão de Nascimento de Calton Shockness
D2 – Certidão de Óbito de Beatriz Shockness
D3 – Carteira Profissional de Elton Blackman
D4 – Certidão de Nascimento de Dennis Oval

ANEXO E – Reportagens de Jornais impressos e Onlines
E1 – O Estadão do Norte – domingo, 22 e segunda feira, 23 de novembro de 1998.
E2 – O Estadão do Norte – domingo, 29 e segunda feira, 30 de novembro de 1998. Por: Francisco Matias.

E3 – Diário da Amazônia A10. Porto Velho, 27 de julho de 2004. Por: Eliane Rodrigues.
E4 – Diário da Amazônia. Porto Velho, domingo, 05 de julho de 1998. Por: Zé Katraca.